



PROFHISTÓRIA

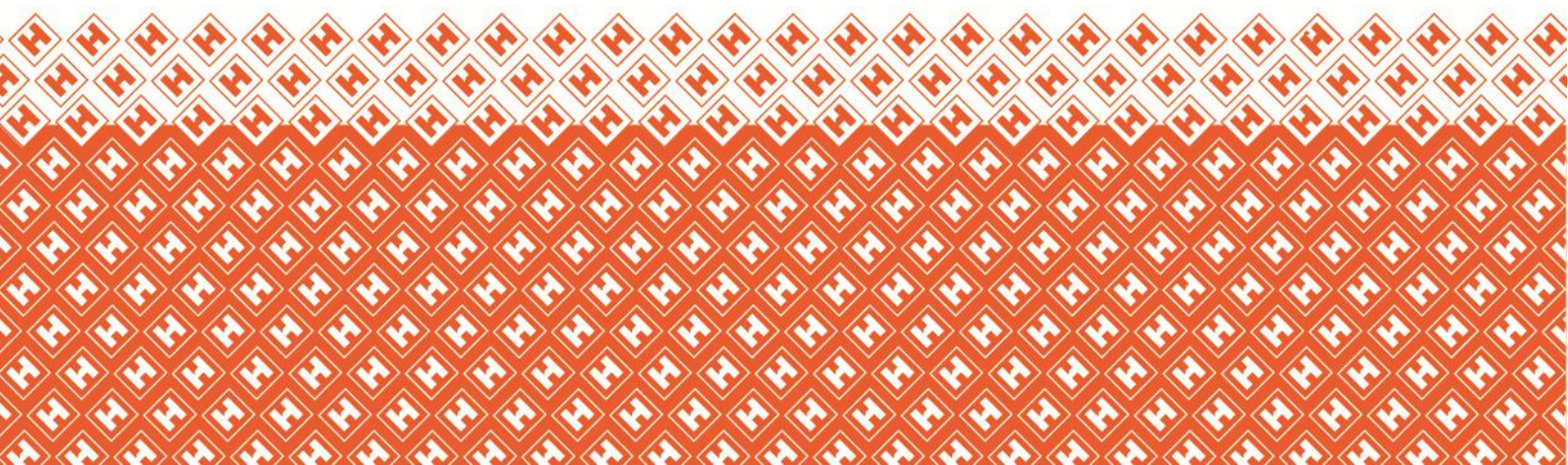
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

MARIA JOSÉ SANTOS

**Ensino de História: histórias de vidas,
cinema e processos de criação em
vídeos documentários com
educandos(as) dos anos iniciais do
Ensino Fundamental da modalidade
Educação de Jovens e Adultos (EJA)**

Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Maio / 2025



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
NÍVEL DE MESTRADO PROFISSIONAL – PROFHISTÓRIA**

MARIA JOSÉ SANTOS

**ENSINO DE HISTÓRIA: HISTÓRIAS DE VIDAS, CINEMA E
PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM VÍDEOS DOCUMENTÁRIOS COM
EDUCANDOS(AS) DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
DA MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

**CAMPO MOURÃO – PR
2025**

MARIA JOSÉ SANTOS

**ENSINO DE HISTÓRIA: HISTÓRIAS DE VIDAS, CINEMA E
PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM VÍDEOS DOCUMENTÁRIOS COM
EDUCANDOS(AS) DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
DA MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Ensino de História

Linha de Pesquisa: Linguagens e Narrativas: Produção e Difusão

Orientadora: Dra. Divania Luiza Rodrigues

**CAMPO MOURÃO – PR
2025**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e
Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP
e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Santos, Maria José

Ensino de História: histórias de vidas, cinema e
processo de criação em vídeos documentários com
educandos(as) dos anos iniciais do Ensino
Fundamental da modalidade Educação de Jovens e
Adultos (EJA) / Maria José Santos. -- Campo Mourão-
PR, 2025.
128 f.

Orientador: Divania Luiza Rodrigues.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Ensino de História) --
Universidade Estadual do Paraná, 2025.

1. Cinema. 2. Criação de vídeos documentários. 3.
Educação de Jovens e Adultos. 4. Ensino de História.
I - Luiza Rodrigues, Divania (orient). II - Título.

MARIA JOSÉ SANTOS

ENSINO DE HISTÓRIA: HISTÓRIAS DE VIDAS, CINEMA E PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM VÍDEOS DOCUMENTÁRIOS COM EDUCANDOS(AS) DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

BANCA EXAMINADORA

Dra. Divania Luiza Rodrigues (Orientadora) – UNESPAR, Campo Mourão

Dra. Cyntia Simioni França – UNESPAR, Campo Mourão

Dr. Eduardo Túlio Baggio – UNESPAR, Curitiba

Dr. Jorge Pagliarini Junior (Suplente) – UNESPAR, Campo Mourão

Data de Aprovação

29/05/2025

Campo Mourão – PR

A minha família, que amo muito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Espírito Santo de Deus pela minha existência e por todas as bênçãos recebidas.

Aos meus pais, Paulo e Jorcelina, que se dedicaram a sua única filha com amor e esforço sendo exemplos de dedicação, trabalho e inspiração.

Aos meus filhos, Paulo José e Samara, que sempre me incentivaram a retomar os estudos e a perseguir este sonho com coragem e esperança.

À minha madrinha, irmã e amiga, Lydia, cujo apoio constante e grande amor por mim têm sido fundamentais desde meus 13 anos de idade.

À minha prima e amiga querida, Eliandra, que esteve presente na minha caminhada, apoiando-me no dia da defesa e com seu olhar que afirmava “você consegue” e seu sorriso que dizia “você está indo bem”. Obrigada!

À minha professora orientadora, Dra. Divania Luiza Rodrigues, sou grata por sua humanidade, generosidade, compromisso e bondade. Seu sorriso doce e seu incentivo constante me motivaram ao longo de toda a jornada. Com paciência e sabedoria, ensinou-me e apoiou-me nos momentos de obstáculos, sempre afirmando que eu era capaz e oferecendo discernimento valioso na nossa pesquisa.

Agradeço também aos professores Dr. Eduardo Túlio Baggio, Dra. Cyntia Simioni França e Dr. Jorge Pagliarini Junior por aceitarem participar das bancas de qualificação e defesa. Seus apontamentos e sugestões fizeram toda a diferença na minha formação como pesquisadora.

Às professoras e professores do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, o ProfHistória, da Universidade Estadual do Paraná, cuja contribuição foi fundamental na construção do meu conhecimento no Ensino de História e enquanto pesquisadora.

Aos colegas do ProfHistória, pela parceria e amizade ao longo desta jornada. Turma de 2023, pessoas maravilhosas que se apoiaram mutuamente, respeitando as particularidades de cada um.

Agradeço também ao Pedro e à Adriana, secretários do ProfHistória da Unespar de Campo Mourão, pela prontidão, dedicação e comprometimento no suporte às nossas atividades.

Aos(as) educandos(as) da Educação de Jovens e Adultos, que aceitaram participar desta pesquisa. Vocês são os verdadeiros protagonistas deste trabalho. Sou grata por tê-los

como meus(as) discentes em 2023. Aprendi muito com suas sensibilidades e histórias de vida, que enriqueceram profundamente minha compreensão.

Às diretoras Cleide e Cátia, da Escola Municipal Urupês, pelo trabalho dedicado e pelo olhar especial que possuem para com os(as) educandos(as) da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Ao meu amigo João Paulo, pela dedicação e poesia na criação da trilha sonora e das ilustrações da capa e do filme “Ensino de História: Histórias de vidas, cinema e processos de criação em vídeos documentários com educandos(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental da modalidade Educação de Jovens e Adultos”. Sua sensibilidade e talento foram essenciais para dar vida a esse projeto.

Ao nosso editor Henrique, que mesmo morando em outra cidade, foi atencioso e comprometido com cada detalhe sugerido, contribuindo para a qualidade do nosso trabalho.

À Belissar, com toda paciência sempre atendeu as correções em qualquer momento com compromisso e dedicação.

Deixo aqui minha sincera gratidão e o desejo que todos e todas tenham muita saúde, discernimento, paz e prosperidade.

Escola é

... o lugar que se faz amigos.
Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...
Escola é sobretudo, gente.
Gente que trabalha, que estuda
Que alegra, se conhece, se estima.

O Diretor é gente,
O coordenador é gente,
O professor é gente,
O aluno é gente,
Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor
Na medida em que cada um se comporte
Como colega, amigo, irmão.
Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”
Nada de conviver com as pessoas e depois,
Descobrir que não tem amizade a ninguém.
Nada de ser como tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem,
É conviver, é se “amarrar nela”!

Ora é lógico...
Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,

(Paulo Freire)

RESUMO

SANTOS, Maria José. **Ensino de História:** Histórias de vidas, cinema e processos de criação em vídeos documentários com educandos(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental da modalidade Educação de Jovens e Adultos. 128f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2025.

Em nossa pesquisa para o Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) tomou-se como temática central o Ensino de História e o cinema com educandos(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), do município de Campo Mourão, PR. Quanto ao Ensino de História em sala de aula, observamos que os(as) educandos(as), a princípio, demonstraram não compreender a importância da História em suas vidas e não se reconheciam como sujeitos da história. De nossa parte, nos desafiou a pensar como ensinar História aos educandos(as) da EJA, tendo em vista as especificidades dessa modalidade e, em especial, o histórico de exclusão social e escolar que esses sujeitos passaram em suas histórias de vidas. Eles(as) próprios sujeitos de uma história, muitas vezes, negligenciada e invisibilizada. Entendemos que o cinema, como forma de Arte (Bergala, 2008; Fresquet, 2020), tem um potencial educativo fundamental. Assim, as produções fílmicas, em um primeiro momento, sensibilizaram para a discussão de temas e conteúdos de ensino de História. Em um segundo momento, para além da discussão de obras fílmicas, realizamos a produção de vídeos documentários com os(as) educandos(as) da EJA. Nessa perspectiva, descortinou-se a problematização principal: como o cinema, como forma de Arte, pode contribuir na aprendizagem e no ensino de História de educandos (as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Escola Municipal Urupês, de Campo Mourão – PR? No sentido exposto, vislumbramos com o cinema a aprendizagem significativa de conteúdos de História. E, com o desenvolvimento desses conteúdos, sensibilizamos o público da EJA para a criação de vídeos documentários. Nesse rico processo de criação, notamos que os(as) educandos(as) da EJA assumiram o protagonismo dessas produções e puderam compreender o sentido da importância de suas próprias histórias, como sujeitos no processo de construção da História. Acreditamos que essas experiências, embora desafiadoras, contribuíram de maneira significativa para a mudança na compreensão da História como disciplina escolar pelos estudantes da EJA. Além disso, tiveram um impacto profundo na transformação da professora pesquisadora, ao aprender e reconhecer a riqueza e a beleza presentes nos gestos criativos dos estudantes com o cinema e o ensino de História.

Palavras-chave: Cinema. Criação de vídeos documentários. Educação de Jovens e Adultos. Ensino de História.

ABSTRACT

In our research for the Professional Master's in History Teaching (ProfHistória), the central theme was the Teaching of History and cinema with students from the early years of Elementary Education in the Youth and Adult Education (EJA) modality, in the municipality of Campo Mourão, Paraná. Regarding the teaching of History in the classroom, we observed that, at first, the students did not seem to understand the relevance of History in their lives and did not recognize themselves as historical subjects. This challenged us to reflect on how to teach History to EJA students, considering the specific characteristics of this modality and, in particular, the history of social and educational exclusion these individuals have experienced throughout their lives. They are themselves subjects of a history that is often neglected and rendered invisible. We understand that cinema, as an art form (Bergala, 2008; Fresquet, 2020), has fundamental educational potential. Thus, film productions initially served to raise awareness and encourage discussions about themes and content in History teaching. Subsequently, beyond the discussion of films, we developed documentary videos with the EJA students. From this perspective, the main question emerged: how can cinema, as an art form, contribute to the learning and teaching of History for students in the early years of Elementary Education in the Youth and Adult Education (EJA) modality, at the Urupês Municipal School, in Campo Mourão – PR? In this sense, we envisioned cinema as a means of fostering meaningful learning of History content. Through the development of these contents, we encouraged the EJA audience to create documentary videos. In this rich creative process, we observed that EJA students took on the leading role in these productions and were able to understand the significance of their own stories, as subjects in the construction of History. We believe that these experiences, although challenging, contributed significantly to a shift in the students' understanding of History as a school subject. Moreover, they had a profound impact on the transformation of the teacher-researcher, who learned to recognize the richness and beauty present in the students' creative gestures through cinema and the teaching of History.

Keywords: Cinema; Documentary video production; History teaching; Youth and Adult Education.

LISTAS DE FIGURAS

Imagem 1 - Localização de Campo Mourão	26
Imagem 2 - Localização da Escola Municipal Urupês	27
Imagem 3 - Fachada da escola com iluminação suave, mostrando a entrada principal e detalhes arquitetônicos	28
Imagem 4 - Visão do pátio de entrada, com destaque para a iluminação interna e o ambiente ao redor	28
Imagem 5 - Professora registrando na lousa as opiniões dos(as) educandos(as) sobre o que podemos fazer em um minuto	56
Imagem 6 - Educandos(as) assistindo “A chegada do trem na estação”, dos irmãos Lumière	57
Imagem 7 - Descobrimo o tempo transcorrido entre o ano atual com a criação do filme	58
Imagem 8 - Capa do DVD “Onde fica a casa do meu amigo?”	66
Imagem 9 - Educandos(as) assistindo ao filme na sala de aula	67
Imagem 10 - Fotogramas selecionados para reflexões com a turma da EJA	70
Imagem 11 - Tipos de Planos	73
Imagem 12 - Angulações cinematográficas	74
Imagem 13 - Capa e Sinopse do filme	102
Imagem 14 - Canto do Hino Nacional	103
Imagem 15 - Local preparado para receber os(as) educandos(as)	104
Imagem 16 - Estudantes e Professores (as) da EJA e convidados assistindo ao filme	105

LISTA DE FOTOGRAMAS

Fotograma 1 - Cena do filme “A chegada do trem na estação” (1895)	54
Fotograma 2 - O docente apresenta um comportamento autoritário	61
Fotograma 3 - Mohammed sendo oprimido pelo professor	62
Fotograma 4 - Mohammed realizando as tarefas escolares de casa em meio aos pedidos da mãe	62
Fotograma 5 - Ahmed correndo para Poshteh com a intenção de entregar o caderno para o amigo	63
Fotograma 6 - Crochê e tricô - Educanda Maria Diair	85
Fotograma 7 - O urso - Educanda Néia	87
Fotograma 8 - O Luck, o Jacaré e o Cachorrinho - Educando Jhonatan	89
Fotograma 9 - O relógio - Educando Jorge	91
Fotograma 10 - O caderno - Educanda Marlene	93
Fotograma 11 - O Violão - Educanda Maria Augusta	94
Fotograma 12 - Instrumentos de Trabalho - Educando Cezar	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Informações sobre o filme "A chegada do trem na estação", dos irmãos Lumière	52
Quadro 2 - Informações sobre o filme "Onde fica a casa do meu amigo?", de Abbas Kiarostami	64

SUMÁRIO

MEMORIAL	15
INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1: ENSINO DE HISTÓRIA, CINEMA E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	22
1.1 Público da Educação de Jovens e Adultos (EJA) fase I do Ensino Fundamental	22
1.2 O Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental e os(as) educandos(as) da EJA nos anos iniciais da Escola Municipal Urupês	25
<i>1.2.1 Educandos(as) da EJA nos anos iniciais da Escola Municipal Urupês</i>	<i>29</i>
1.3 O Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Ensino Fundamental	33
1.4 Cinema como forma de Arte na escola (Estado da Arte)	37
1.5 Ensino de História e Cinema: reflexões teóricas e metodológicas	43
CAPÍTULO 2: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS FILMES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA	48
2.1 Irmãos Lumière – “A chegada do trem na estação” - Irmãos Lumière, França, 1895, 1min	52
<i>2.1.1 Implementação filmica no Ensino de História: Um minuto Lumière e a relação tempo e espaço com o filme “A Chegada do Trem na Estação”</i>	<i>55</i>
2.2 Abbas Kiarostami – “Onde fica a casa do meu amigo?”, 1987, Drama/Ficção, 1h 23min	59
<i>2.2.1 Implementação filmica no Ensino de História: “Onde Fica a casa do meu amigo?”, vivências e sensibilidades humanas, de Abbas Kiarostami</i>	<i>64</i>
2.3 Metodologia da produção de vídeo documentário na Educação de Jovens e Adultos	71
2.4 Uso de história de vidas por meio dos objetos geradores no Ensino de História na EJA	76

CAPÍTULO 3: O ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIO DA CRIAÇÃO DE DOCUMENTÁRIOS	79
3.1 Relatos e vivências no Ensino de História com os estudantes da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Urupês de Campo Mourão	83
3.1.1 <i>Maria Diair: aprendendo e ensinando e tentando outra vez</i>	85
3.1.2 <i>Néia: E de tudo que vivemos, o que vou lembrar? Vou lembrar do quanto amar faz bem</i>	86
3.1.3 <i>Jhonatan: de pelúcia o meu amor tem gosto de infância</i>	88
3.1.4 <i>Sr. Jorge: Esse é o mesmo ponteiro que te viu passar e agora quem o vê sou eu</i>	90
3.1.5 <i>Dona Marlene: Meu caderno é prova de minha determinação e nenhum dia meu será em vão</i>	92
3.1.6 <i>Maria Augusta: na minha vida eu sou protagonista</i>	94
3.1.7 <i>Sr. Cezar: meu trabalho vira uma mensagem</i>	95
3.1.8 <i>Sonia: Sonho de um dia conseguir ler e escrever com letramento</i>	96
3.2 A EJA vai ao cinema	97
3.3 Elaboração da edição, música e sinopse do filme	99
3.4 Organização e exibição do filme	102
3.5 Relato dos estudantes da EJA após assistir ao filme completo	107
3.5.1 <i>Impressões a respeito do filme e da música: Dona Diair</i>	107
3.5.2 <i>Impressões a respeito do filme e da música: Néia</i>	108
3.5.3 <i>Impressões a respeito do filme e da música: Jhonatan</i>	108
3.5.4 <i>Impressões a respeito do filme e da música: Sr. Jorge</i>	109
3.5.5 <i>Impressões a respeito do filme e da música: Dona Marlene</i>	110
3.5.6 <i>Impressões a respeito do filme e da música: Dona Augusta</i>	110
3.5.7 <i>Impressões a respeito do filme e da música: Sr. Cezar</i>	111
3.6 Sugestões ao leitor para novas implementações tomando como referência o trabalho inicial proposto na dissertação	112
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 114
 REFERÊNCIAS	 120

APÊNDICE – Roteiro do vídeo documentário produzido com os(as) educandos(as) da EJA.....	124
--	------------

MEMORIAL

Tic tac

Em 1980, aos sete anos, fui matriculada na escola pela primeira vez e desde o primeiro dia de aula, percebi que tinha algo errado comigo, pois não tinha amigos. Ganhei um apelido de cabelo de “palha de aço” e isso era algo que me reprimia e que realmente me deixava triste.

Tic tac

O tempo passava e eu não conseguia aprender como as outras crianças e para completar, ganhei mais apelidos nada simpáticos. Sensação de exclusão. Olhava para o relógio, mesmo sem saber as horas, parecia demorar tanto. “Quantas voltinhas o ponteiro tem que rodar para ir embora?” Sempre fui boa em questionar as coisas. Por que será que eles não gostam de mim? É minha pele mais escura? Não compreendo, pois meus pais dizem que sou linda e preciosa. Será porque não aprendo a ler e escrever? O que é retardada? Quero brincar no recreio, mas ninguém me chama.

Tic tac

Chegou o fim do ano. Passei, mas não sabia igual aos outros. Contudo, já sabia o que era retardada e o porquê de ser chamada de cabelo de palha de aço. Entendia muitas coisas que me deixavam triste. Na escola era difícil.

Tic tac

Férias!

Ficar com meus pais e brincar. Alegria!

Tic tac

Volta às aulas!

Esperança que tudo seja melhor.

Estou na sala quieta como sempre e de repente entra uma professora diferente dos alunos e igual a mim, mas “grandona”. Vão chamar ela de cabelo de palha de aço? O cabelo dela era mais que o meu. Sua cor era mais que a minha. Seu nariz é parecido com o meu. Chamava-se Marta. Quase meu nome. Somente uma letrinha diferente.

Não consigo lembrar mais as más-criações dos meus colegas de sala depois da professora Marta. Lembro que ela bateu na mesa com uma régua e falou que não queria mais que se comportassem feio comigo e com mais ninguém. Falou até em chamar os pais para

conversar depois da aula. E escreveu no quadro as regras de comportamento. Falou que eu era triste e por isso não aprendia. E que ela rasgaria o diploma dela se eu tivesse algum problema na cabeça, como alguns falavam.

Tic Tac

A professora mudou meu lugar para antes do meio da sala e próximo à sua mesa. Saí da janela. Socorro! Medo.

Tic tac

A dona Marta tirou minha cartilha “Caminho Suave”. E vieram carimbos! Fazia bolinhas, rasgava papel, caligrafias, recortes, colagens. Tudo diferente. Gostava. “Estuda, Maria!”

Tic tac

Antes das férias, devolveu minha cartilha e eu estava entendendo as palavras. Frases. Histórias. Tudo estava fácil.

Mágica da professora Marta.

Tic Tac

A professora se debruçou na minha mesa e falou que eu estava melhor que muitos dali. “Parabéns, Maria”.

Eu era inteligente!

Alegria. Estava alfabetizada. Ir para a escola não era ruim.

“Continue estudando, Maria”.

Tic tac

Terceira série e dona Marta foi embora, mas deixou meu mundo melhor. Saudades!

Sabia o que queria ser quando crescesse: Professora.

Mas uma professora igual a dona Marta. Que incluía, fazia a diferença, que ensinava e dava alegria.

Tic tac

Tic tac

Passei no concurso. Sou professora na Educação Especial. Crianças com laudos e autoestima baixa e muitos rótulos para desconstruir. Muito trabalho pela frente com diferenciação curricular, síndromes, transtornos que dificultavam a aprendizagem.

“Estuda, Maria!”

Tic tac

Sou professora da Educação de Jovens e Adultos, pessoas que merecem um olhar diferenciado. Educandos(as) que se sentem excluídos(as) por não terem sido alfabetizados na infância. Rótulos e rótulos. Precisam ganhar voz.

Tic tac

Quero aprender mais para ensinar melhor. Decidi concorrer a uma vaga no mestrado, mas quero o Mestrado Profissional no Ensino de História, o ProfHistória. “Estuda, Maria”.

Tic tac

Ansiosa.

Meu nome estava na lista dos aprovados. Estou matriculada.

Questionário. Entrevista.

Turma de 2023, da UNESPAR de Campo Mourão, que possui afeto, amizade e respeito. O que aprendiam passavam para todos. Maravilhosos!

Ana Claudia, Bruno, Camila, Celito, Diego, Emi, Greiciane, Julia, Patricia e eu.

Tic tac

Novas aprendizagens no Ensino de História.

Alegria!

“Continue estudando, Maria”

Tic tac...

INTRODUÇÃO

Em nossa proposta de pesquisa para o Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), tomamos como temática central o Ensino de História e o cinema com educandos(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O que nos motivou a escolha desse público, primeiramente, foi a experiência de 12 anos como professora da EJA. Esta modalidade de ensino é destinada a educandos jovens e adultos que não puderam concluir seus estudos na idade adequada. Com isso, focalizamos um público que expressou as desigualdades educacionais historicamente em nosso país.

Das duas décadas de atuação como professora da Educação Básica na rede municipal de Campo Mourão, doze anos foram dedicados ao trabalho com a Educação de Jovens e Adultos. A primeira justificativa para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado constitui-se nesses anos de trabalho, que nos colocaram o desafio de (re)pensar a própria prática docente, refletindo possibilidades e metodologias para o ensino de forma ampla, e no caso específico, para o ensino de História.

O público da EJA nos colocou o desafio de trabalhar com quem foi ou participou de um processo historicamente excludente da educação e da vida social como um todo. Para esse público se perceber como sujeito histórico ou mesmo compreender a importância da disciplina de História em suas vidas, foi algo um pouco distante.

Nesse aspecto, tecemos a problematização principal: como o cinema, como forma de Arte, pode contribuir na aprendizagem e no ensino de História de educandos(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Escola Municipal Urupês, de Campo Mourão-PR? No sentido exposto, vislumbramos com o cinema a aprendizagem significativa dos conteúdos de História, e como produto final, a criação de vídeos documentários para o ensino de História com os(as) educandos(as) da EJA.

Dessa forma, este trabalho apresentou como objetivo principal ensinar História e valorizar as histórias de vida dos(as) educandos(as) dos anos iniciais da Educação de Jovens e Adultos por meio do cinema e de processos de criação de vídeos documentários. Por conseguinte, como objetivos específicos, elencamos: ensinar história e refletir temas educacionais e históricos por meio da análise de produções filmicas; compreender e realizar o cinema como Arte no espaço escolar, rompendo com a ideia de cinema como ilustração;

produzir e apresentar vídeos documentários com reflexão e estudos a respeito de objetos geradores/objetos biográficos, memórias e histórias de vidas; vivenciar a experiência de fazer cinema na escola, utilizando e explorando os recursos e os suportes disponíveis aos educandos(as) da EJA; dialogar acerca dos processos de criação com os(as) educandos(as).

Em princípio, este trabalho se justificou social e academicamente, pois a EJA constituiu-se de um público que apresentou muito conhecimento de mundo, necessitando sistematizar esses saberes, e concomitantemente levar em consideração a importância do Ensino de História, tanto no ambiente escolar quanto na sua vida social.

Para entender melhor a importância do nosso tema de trabalho, fizemos uma pesquisa no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que avalia os cursos de Doutorado e Mestrado *stricto sensu*. Essa avaliação atribui notas de 3 a 5, sendo uma forma de garantir a qualificação especializada e de decidir sobre a autorização para abrir novos cursos. Essa abordagem ajuda a fortalecer a qualidade da educação superior e a orientar o desenvolvimento acadêmico na área.

Com base nos dados da pesquisa no site da CAPES, podemos ver que há diferentes combinações de temas relacionados a trabalhos acadêmicos. Por exemplo, os temas “Cinema” e “Ensino de História” juntos totalizaram 225 trabalhos, enquanto “Ensino de História” e “EJA” tiveram 574 trabalhos. Já a combinação de “Ensino de História” com “anos iniciais” foi a mais frequente, com 1.684 trabalhos. Por outro lado, temas como “Cinema” e “anos iniciais” tiveram apenas 15 trabalhos, e a combinação de “Cinema”, “Ensino de História”, “Anos Iniciais” 8 trabalhos e “Cinema”, “Ensino de História”, “anos iniciais” e “EJA” ainda não teve nenhum trabalho registrado até 07/10/2023. Essas informações ajudam a entender as áreas de maior e menor foco na pesquisa acadêmica relacionada a esses temas.

Esse levantamento mostrou que há uma oportunidade importante de aprofundar os estudos na nossa área, já que poucos trabalhos foram submetidos sobre esses temas específicos. Isso indicou que o assunto ainda não recebeu a atenção suficiente na pesquisa acadêmica, o que tornou ainda mais relevante investir em novos estudos para ampliar o conhecimento e contribuir para o desenvolvimento da área.

Certamente, o presente trabalho possuiu valor educacional, visto que envolveu públicos que não tiveram a escolarização no tempo certo e agora estão estudando na Escola Municipal Urupês com o intuito de aprender. Porém, para que acontecesse a aprendizagem, foram necessárias metodologias adequadas que levaram à apropriação do conhecimento e o(a) educando(a) realmente conseguisse aprender e perceber a importância do Ensino de História.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, buscamos oportunizar aos(as) educandos(as), além de aprender História, que se valorizem como sujeitos de suas próprias histórias e vivências, bem como como sujeitos da História. Primordialmente, o Ensino de História foi abordado tomando como referência as narrativas e a compreensão dos(as) educandos(as) sobre o tema, levando em conta suas análises e reflexões pertinentes aos temas sensíveis, educacionais e históricos. Nessa perspectiva, amparadas nos estudos de Ramos (2016), selecionamos objetos geradores para contribuir na narrativa das histórias de vida.

Para conduzir esse modo de aprendizagem, lançamos mão do trabalho de selecionar alguns filmes para apresentação em sala de aula, propondo o diálogo e alguns passos de análises, de modo que o olhar do estudante pudesse acompanhar um pouco do movimento da câmera. Nosso intuito foi que esse entendimento do olhar para o filme, pudesse estimular e ampliar o gosto por apreciar o que o filme carrega em si e para cada um que o assiste.

Outro aspecto importante e que muito nos desafiou foi, para além das análises, o “fazer” o filme. Nesse aspecto da produção e da riqueza de processos de aprendizagem que há no “fazer” o filme, concordamos com Bergala (2008, p. 84), pois “[...] o cinema é uma das artes mais bem colocadas, por causa do seu desenvolvimento temporal e de sua inscrição visual e sonora”. Quando se usa esse meio de aprendizagem, é possível atingir o “[...] sensível, visível e audível [...]” (Idem).

Tendo em vista todo o percurso, organizamos e apresentamos a presente pesquisa em três capítulos. No primeiro capítulo, destacamos os aspectos históricos da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, por meio de alguns documentos curriculares e textos legislativos para fundamentar essa análise. Além disso, conhecer de perto o público da EJA fase I do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Urupês, do município de Campo Mourão-PR. Abordamos, ainda, o ensino de História na EJA, o cinema como forma de arte na escola e as reflexões teóricas e metodológicas relacionadas ao ensino de História e Cinema. Essa abordagem permitiu uma compreensão mais aprofundada do contexto local e das experiências dos estudantes, além de explorar a relação entre o ensino de História e o uso do Cinema como ferramenta pedagógica.

No segundo capítulo, apresentamos e analisamos dois filmes que possibilitaram ensinar História de forma reflexiva na EJA. No caso do filme dos Irmãos Lumière, “A chegada do trem na estação”, produzido em 1895 na França, ele trouxe a experiência histórica do minuto Lumière, que foi uma inovação ao fazer cinema em apenas 60 segundos. Essa obra nos ajudou a refletir sobre o início do cinema e a transformação tecnológica, além de marcar

um momento importante na história da comunicação e do desenvolvimento social. Já o filme de Abbas Kiarostami, “Onde Fica a Casa do Meu Amigo?”, de 1987, ofereceu uma perspectiva mais sensível, focando na relação da criança com o mundo adulto, destacando sensibilidades e comportamentos sociais humanos. Esse capítulo, ao relacionar esses dois filmes, tem como foco principal refletir sobre a experiência do aprendizado de História por meio do cinema, usando o primeiro para discutir o desenvolvimento social e tecnológico ao longo do tempo, e o segundo para explorar as questões humanas e sociais, especialmente relacionadas às crianças e suas percepções.

No terceiro capítulo, relatamos e analisamos os filmes produzidos pelos(as) educandos(as) da EJA, com o objetivo de valorizar não só o produto final, mas também todo o processo de criação. A apresentação dos filmes produzidos pelos educandos da EJA ocorreu durante a formatura da turma. Essa abordagem destacou o potencial educativo do fazer cinema com estudantes, reconhecendo que o ato de criar vídeos é uma experiência complexa e única, que enriquece o ensino e a aprendizagem. Além de servir como um importante suporte de memória, o processo criativo estimulou a expressão, a reflexão e o protagonismo dos estudantes da EJA, tornando a aprendizagem mais significativa e envolvente.

E nessa perspectiva, ao usar a experiência de fazer filmes, buscamos valorizar os estudantes da EJA como protagonistas e sujeitos históricos, reconhecendo sua importância no processo de ensino e aprendizagem. Essa abordagem ajudou a relacionar os conteúdos de História com a vida e as experiências reais dos educandos, tornando o aprendizado mais significativo. Além disso, ao destacar os estudantes como sujeitos ativos, buscamos fortalecer a autonomia, a expressão e o protagonismo deles na construção do conhecimento histórico.

CAPÍTULO 1

ENSINO DE HISTÓRIA, CINEMA E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

No primeiro capítulo, apresentamos uma análise dos aspectos históricos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, fundamentando-nos em documentos curriculares e textos legislativos relevantes. Além disso, buscamos conhecer de perto o público da EJA, especificamente na fase I do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Urupês, localizada no município de Campo Mourão-PR.

Abordamos, ainda, o ensino de História na EJA, destacando o cinema como uma forma de arte na escola e explorando as reflexões teóricas e metodológicas relacionadas ao ensino de História e Cinema. Nosso intuito com essa abordagem é proporcionar uma compreensão mais aprofundada do contexto local e das experiências dos estudantes, além de evidenciar a relação entre o ensino de História e o uso do cinema como uma ferramenta pedagógica importante.

1.1 Público da Educação de Jovens e Adultos (EJA) fase I do Ensino Fundamental

Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos (Paraná 2006), desde o tempo da colonização portuguesa, há a necessidade de políticas que contribuam para a alfabetização da educação de jovens e adultos, contudo:

é muito recente a conquista, o reconhecimento e a definição desta modalidade como política pública de acesso e continuidade à escolarização básica. O analfabetismo na colonização se comprova com o Censo Nacional de 1890, com 85,21% dos brasileiros sem letramento (Paraná 2006, p. 16).

No fim do século XIX, foi estabelecida a obrigatoriedade de estudar, no entanto, a intenção era que houvesse mais votos dos adultos. Depois disso, em 1925, veio a reforma João Alves¹, na qual salas de aulas no período noturno foram abertas para jovens e adultos, mas não era por preocupação com o índice de analfabetismo, mas sim atender os interesses do grupo social dominante para que fossem aptos ao voto eleitoral (Paraná, 2006).

¹ Reforma João Luiz Alves (conhecida por Lei Rocha Vaz). Decreto Nº 16.782 A – de 13 de janeiro de 1925 (Paraná, 2006).

Ainda citando Paraná (2006), em 1934, até então, havia muitas pessoas analfabetas, mas o índice caiu para 69,9%. Com novas perspectivas educacionais em relação à aprendizagem de jovens e adultos, procederam às metodologias e pesquisas de Paulo Freire por volta de 1950. Freire estruturou uma pedagogia que respeitava o jovem e o adulto de forma que suas metodologias se voltavam para essas demandas dentro da realidade de cada um (Paraná, 2006). Freire considera “que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina” (Freire, 1974, p. 41), valorizando a existência humana com suas práticas, saberes e o compartilhar de conhecimentos.

Seguindo o breve momento histórico, em 1964, deu-se o golpe militar, em que o governo interrompeu esse processo de alfabetização. Mais tarde, em 1967, o mesmo governo opressor criou o “Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), com perfil centralizador e doutrinário” (Brasil, 2006). No que se referia à proposta pedagógica, não havia consideração à migração rural-urbana que tinha proporção demasiada, mas em vez disso, dava-se principal importância ao “modelo industrial-urbano com padrões capitalistas de produção e consumo” (Paraná, 2006).

Os debates reflexivos nos temas sociais surgiram a partir de 1980, pois o índice de reprovações e analfabetismo ainda era alto. Em 1985, foi extinguido o Mobral e criou-se a Fundação Educar/Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos, mas somente em 1986, o Ministério da Educação reivindicou a oferta gratuita, pública e com qualidade para a EJA (Paraná, 2006).

Assim, no processo histórico da Educação de Jovens e Adultos, somente na década de 90 foi promulgada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. E o analfabetismo ainda está presente nos dias de hoje e este fato pode ser constatado na Meta 9 do Plano Nacional da Educação (PNE), que almejava alcançar a erradicação absoluta do analfabetismo funcional até o ano 2024. Contudo, o ano mencionado chegou e a questão do analfabetismo continua.

Ainda citando o Plano, na questão da EJA:

Um consenso entre os pesquisadores do campo da EJA é que a integração entre educação, trabalho e formação profissional é requisito para o sucesso das políticas na área. Assim, os esforços de universalização da educação básica e de ampliação da escolarização da população brasileira para os jovens e adultos ganharam destaque no Plano (Brasil, 2014, p. 15).

Contudo, essa visão está dirigida à educação dos anos finais da EJA, a qual deveria também ofertar a tríade “educação, trabalho e formação profissional”, algo que não acontece nas fases e etapas da Educação de Jovens e Adultos dos anos iniciais.

Para ilustrar, a pesquisadora desta dissertação foi convidada a fazer parte dos estudos da Meta 9 do PNE. Percebemos que os envolvidos dessa categoria criaram perspectivas para o ensino dos anos finais, inclusive o ensino médio. Quando comentamos que era preciso ter um olhar para a Educação de Jovens e Adultos nos anos iniciais e com as mesmas perspectivas dos anos finais, observamos que o ponto de interesse ali exposto não era ponto para discussão. Foi discutido sobre encontrar parcerias com órgãos particulares que ofertavam cursos gratuitos para a comunidade, mas essas extensões de ensino solicitavam anos iniciais completos. Daí surge outra reflexão: como incluir os(as) educandos(as) que não concluíram seus estudos nos anos iniciais? Será que oportunizando esses cursos, que na maioria são profissionalizantes, não mudaria o índice de desistência escolar com os(as) estudantes da EJA?

Ainda explanando sobre o perfil dos(as) educandos(as), as educandas desta pesquisa são domésticas e estão nessa profissão desde pequenas por não serem alfabetizadas. Já os educandos são caseiros, pedreiros e/ou ajudantes em oficinas sem empregabilidade fixa e sem direitos, outros estão desempregados, e muitos desses(as) desistiram da escola por não aguentarem trabalhar e estudar.

Nessa circunstância, possibilita-se outra reflexão: será que oferecer cursos profissionalizantes não incentiva o indivíduo a terminar os estudos? Não incentivaria outros indivíduos a efetivarem a matrícula, iniciar e terminar os estudos dos anos iniciais? Não seria uma oportunidade de sair da invisibilidade e aumentar a autovalorização? Ficam as reflexões, as quais são importantes para repensar situações que precisam de mudanças.

Mas, afinal, a Educação de Jovens e Adultos é destinada para quem? De acordo com a Lei nº 13.632, de 6 de março de 2018, que altera o artigo 37 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), é possível entendermos que “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida” (Brasil, 2018, p.30). Com essa alteração na lei, notamos que se amplia o direito à educação em nosso país, ficando claro que a pessoa, durante toda a sua vida, possui direito à educação e à aprendizagem.

Nos últimos anos, percebemos uma redução na oferta de turmas de EJA ²no país, bem como no município de Campo Mourão. Atualmente, no município, são nove educandos(as) que frequentam a 1ª, 2ª, 3ª e 4ª etapas da EJA, as quais correspondem aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esses nove ³educandos(as) são atendidos(as) em uma única escola, a Escola Municipal Urupês, na qual a pesquisadora atua há dois anos. Anteriormente, havia oferta da EJA em cinco pontos da cidade, com média de 10 a 15 alunos por turma.

Hoje, o público da Educação de Jovens e Adultos (EJA) dos anos iniciais do Ensino Fundamental, da rede pública do município de Campo Mourão, assim como em outras localidades, é diversificado e composto por pessoas de diferentes faixas etárias – realidade de nosso contexto, variando dos 15 aos 64 anos. Para esse grupo, diversos são os motivos para estudar, como exemplos: pessoas que nunca foram para a escola e veem como oportunidade o momento de aprender; que estudaram até determinado ano, mas não têm documentação escolar reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC); por recomendação do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS); trabalhadores(as) de empresas que são incentivados(as) a estudar para conseguir cargo melhor; educandos(as) vindos(as) de classes e Escolas Especiais; e estudantes que fizeram 15 anos e não completaram o Ensino Fundamental regular. Assim, o perfil de educandos(as) da EJA, que antes se caracterizava por pessoas idosas, tornou-se, no contexto escolar, variado e mais jovem.

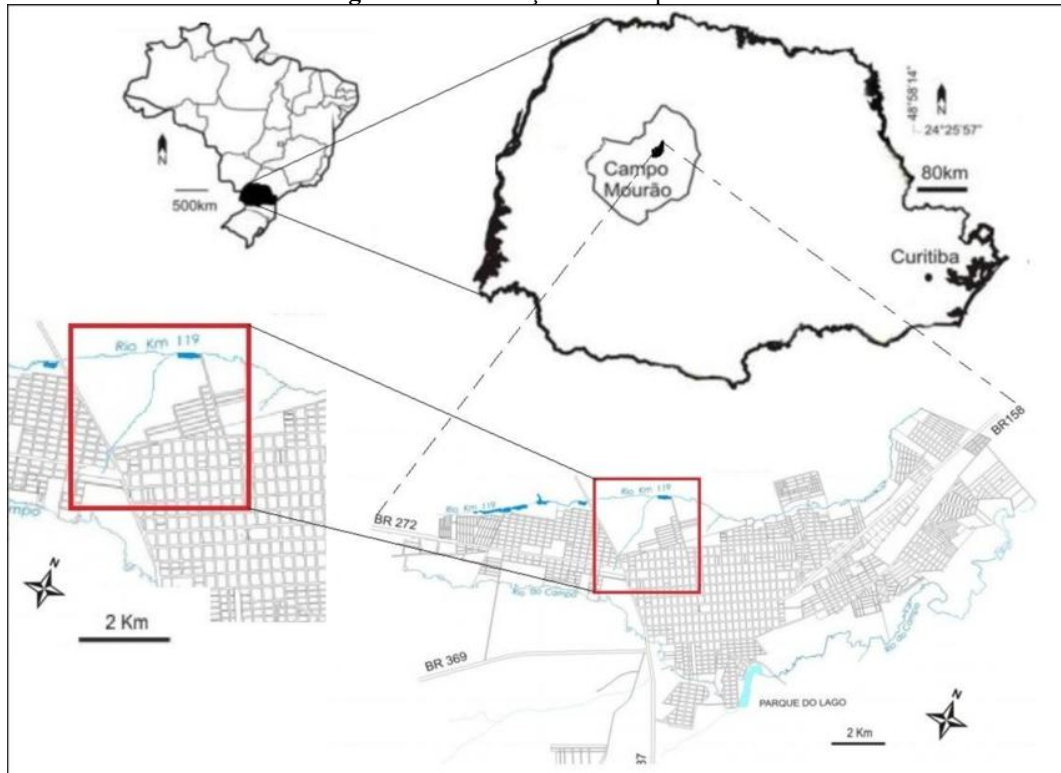
Para essa situação, é importante apresentar, neste trabalho, quem é o público atual da EJA na rede municipal dos anos iniciais. Com esse objetivo, foi proposta uma atividade em que os(as) educandos(as) conversassem sobre si mesmos por meio de rodas de conversa durante as discussões em sala. Essa intervenção pedagógica foi necessária, pois os(as) estudantes demonstraram certa resistência em estudar conteúdos que não faziam parte das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

1.2 O Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental e os(as) educandos(as) da EJA nos anos iniciais da Escola Municipal Urupês

A presente pesquisa foi realizada na Escola Municipal Urupês, na cidade de Campo Mourão, localizada no centro-oeste do Paraná.

² Conforme a experiência docente da pesquisadora, antes de 2020, Campo Mourão contava com cinco escolas dedicadas à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Naquela época, o perfil predominante do público era composto principalmente por pessoas da terceira idade, que buscavam retomar seus estudos e ampliar suas oportunidades de aprendizagem.

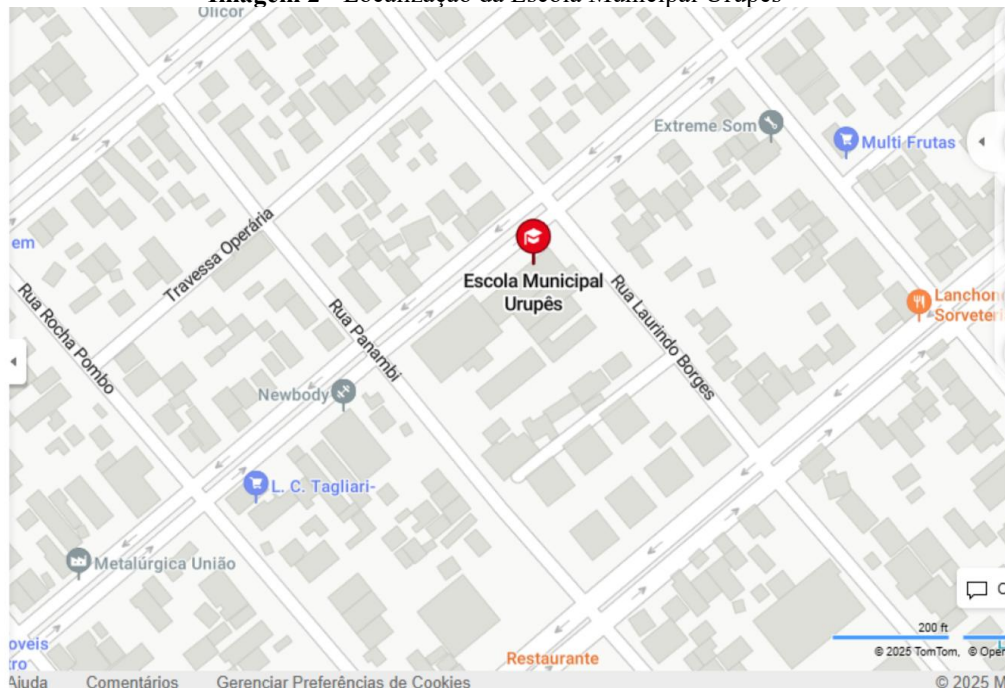
³ No ano de 2023, a pesquisadora tinha 20 alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos.

Imagem 1 - Localização de Campo Mourão

Fonte: Plano Diretor Municipal de Campo Mourão (2007).

Segundo o último levantamento do IBGE de 2022 (Brasil, 2022), a cidade de Campo Mourão tinha 99.432 habitantes, e a estimativa para 2024 seria de aproximadamente 103.340 habitantes. Isso mostra, juntamente com a experiência de 49 anos de residência da pesquisadora, que a cidade está crescendo e se desenvolvendo. A imagem 2, que mostra a localização da Escola Municipal Urupês pelo Google Maps de 2024, ajuda a visualizar onde ela fica na cidade, facilitando a compreensão do seu contexto geográfico.

Imagem 2 - Localização da Escola Municipal Urupês



Fonte: Google Maps (2024).

A Escola Municipal Urupês, com suas 627 matrículas, oferece o Ensino Fundamental nos anos iniciais do 1º ao 5º ano, atendendo nos períodos manhã, tarde e noite. O período noturno é dedicado à Educação de Jovens e Adultos (EJA), abrangendo a 1ª à 4ª etapa, com duas turmas atualmente em salas separadas.

A seguir, apresentamos duas fotos da Escola Municipal Urupês, uma da fachada e a outra do pátio, com vista noturna. Essas imagens destacam a boa estrutura e o acolhimento do nosso espaço, iluminado e convidativo para toda a comunidade.

Imagem 3 - Fachada da escola com iluminação suave, mostrando a entrada principal e detalhes arquitetônicos



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 4 - Visão do pátio de entrada, com destaque para a iluminação interna e o ambiente ao redor



Fonte: Acervo pessoal.

A escola oferece uma estrutura bem planejada para atender a todos de modo adequado e acessibilidade. As rampas, o banheiro adaptado, o piso tátil com ladrilhos em alto relevo e as cores vivas mostram o cuidado com a inclusão e um ambiente acolhedor. Além disso, o bebedouro com água filtrada em todas as salas, o espaço na quadra para as aulas de Educação Física e o palco no pátio proporcionam um espaço organizado para o aprendizado e a apresentação dos estudantes.

É importante destacar que, após o fechamento de turmas em outras escolas do município, a Escola Municipal Urupês demonstrou um grande compromisso ao acolher os(as) estudantes da EJA. Ao centralizar o funcionamento das turmas de EJA em uma única escola, que fica na parte central de Campo Mourão e possui fácil acesso ao transporte gratuito municipal, a escola garante que esses alunos tenham a possibilidade de continuar seus estudos. Essa iniciativa mostra, ainda, todo o cuidado e a dedicação da Direção, Equipe Pedagógica e professores(as) em oferecer uma educação de qualidade para todos.

1.2.1 Educandos(as) da EJA nos anos iniciais da Escola Municipal Urupês

Nesse tópico, tivemos como objetivo apresentar os(as) educandos(as) da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Urupês, protagonistas da presente pesquisa. Buscamos envolver os(as) estudantes da EJA em conversas, discussões e reflexões, em um ambiente participativo, no qual todos puderam compartilhar suas experiências e ideias. Os registros foram feitos pela professora pesquisadora, tanto por meio de gravações em áudio quanto de anotações. Essas ferramentas para captar as opiniões e percepções dos(as) educandos(as), ajudaram a registrar e a compreender melhor o que foi discutido em sala de aula.

Sobre os(as) discentes, Maria Diair, dona de casa, 63 anos, cuida dos netos e sonha em escrever o nome sem olhar no crachá. Quer aprender a ler e escrever e apresentou resistência em estudar a disciplina de História, pois não achava necessário e nem importante. Sonha em conseguir ler e escrever e quer um dia ser vereadora no município.

Minha vida foi trabalhar e cuidar dos filhos e netos. Quando resolvi estudar foi por conta própria. Umas amigas falaram que eu estava velha para estudar e não era importante, mas é importante sim. Ano passado veio a EJA pra Urupês e não perdi a chance. Estou estudando para entender as letras e números (Maria Diair, 2024).

Marlene não permitiu colocar a idade, quer aprender a ler e a escrever, pois considera importante. Gosta da disciplina de Língua Portuguesa. Trabalha de babá e mora sozinha. Não estudou na idade escolar,

Quando era pequena não estudei só trabalhava. Então agora eu estudo e estou aprendendo. Não recebo apoio dos filhos, mas não ligo pra isso. Quero pegar um livro e não ficar atolada nas palavras. Quero ler as entradas das lojas, os folhetos de ofertas. Arrumei um namorado e não deu certo, larguei. Ele não me apoiava também. Chega de gente mandona na minha vida (Marlene, 2024).

O discente Jhonatan, filho único, tem 15 anos, veio remanejado da Classe Especial do período diurno da mesma escola. No ensino regular diurno, gostava da disciplina de Educação Física. Pratica natação. Sonha em passar de ano e seguir no Ensino Fundamental, anos finais.

Eu gosto de estudar. Quando saí da escola de dia, vim para cá e fiquei feliz. Lá eu estava muito grande na idade e não sou mais criança. Entrei no início do ano e estou fazendo a EJA com pessoas grandes igual eu, mas só que com mais idade. Eu me perco na rua à noite e minha mãe cuida de mim. Moramos juntos. Ela me traz todo dia. Cada um na sua bicicleta e quando chove ela chama o Uber. Gosto da minha mãe. Eu tenho pai também e vou direto na casa dele passar os fins de semana (Jhonatan, 2024).

Jorge tem 48 anos e aprende rapidamente os conhecimentos em sala de aula. É especialmente interessado nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa. Veio de São Paulo, trabalha em serviço pesado e está estudando para encontrar algo melhor.

Já sei ler, escrever e fazer as operações da matemática de mais e menos. Parei na terceira série quando era pequeno e achava que não precisava estudar porque tinha bens e uma vida boa. Então vieram as dificuldades [...]. Aluguei minha casa em São Paulo e vim pro Paraná. Tenho irmãos aqui. Vim desempregado trabalhando por dia. Comecei a estudar e fiz uma entrevista numa empresa grande aqui. Quando falei que estudava, o amigo do meu colega disse para tirar foto do quadro naquele momento e enviar para ele. Acho que duvidou que eu estava na escola. Tirei a foto e ele na hora disse que eu tinha ido bem nas provas e com a foto estava decidido. Estava empregado. Estou muito feliz, salário no fim do mês com vale alimentação. Agradeço a Deus (Jorge, 2024).

Maria Augusta não mencionou a idade perante os(as) colegas(as) de sala de aula. Tem facilidade em aprender os conteúdos escolares. Gosta de viver no sítio e demonstra apreciar mais o campo que a cidade. Relata que teve uma infância difícil. Comentou que tinha muitos

irmãos e o pai colocou-a para trabalhar a partir de 5 anos. Dona Augusta tem maior interesse por Ciências e Matemática.

Eu quero terminar meus estudos para pegar o diploma e o histórico. Onde trabalho gosto e faz muito tempo que estou trabalhando para essa família. São maravilhosos comigo. Me tratam como gente importante, ao contrário de muitos patrões por aí. Sei ler, escrever, mas não sei fazer redação. E no CEBEJA ⁴ preciso saber isso. Saber começo, meio e fim. Dividir também não sei, mas vou aprender tudo isso (Maria Augusta, 2024).

Cesar mora na chácara. Não menciona a idade. Quer terminar os estudos para arrumar um emprego que pague melhor. Não estudou por precisar trabalhar e sustentar a família. Falou pouco nas aulas alegando que não tinha muito para dizer. Comentou que Língua Portuguesa e Matemática são muito mais importantes para estudar.

Desisti de estudar porque moro longe pra caramba. Perto da Associação BB. É no sítio e adoro morar lá. Prefiro lá que na cidade. Venho na cidade com minha esposa só para fazer compra e passear. Estou estudando depois de velho para ler de tudo e saber as coisas que preciso. Pra copiar eu faço bem, mas para escrever uma frase eu troco letras e sai errado as palavras. Quando se estuda, vem oportunidades boas. Não estudei antes porque tinha que ajudar em casa e a vida era bem difícil (Cesar, 2024).

Sonia relata que se casou, contudo, depois de um tempo de relacionamento se divorciou. Prefere não falar a idade. Estuda na EJA há mais de 3 anos e agora percebeu que está aprendendo. A disciplina de História não está entre suas prioridades na EJA.

Gosto de cachorro. Tenho paixão. Estou na escola para estudar só Português e Matemática. As outras coisas não me interessam não. Minha vida foi muito ruim e sou assim e difícil mudar. Trabalho numa casa de família. Uma coisa ruim é que eu tenho trauma de entrar tudo que se mova rápido do tipo ônibus, van, carro normal. Ando de bicicleta a cidade toda. Não saio da cidade para nada. Passo mal dentro dessas coisas. Sobre meus pais eu apanhava muito e as vezes nem sabia o motivo. Nunca brincava. Agora que tenho sossego. Quero um emprego melhor e a senhora disse que vou achar algo que tenha satisfação de levantar de manhã e ir trabalhar com gosto. Só estudar. (Sonia, 2024).

Néia enfrentou muitas dificuldades na infância, o que acabou levando à interrupção dos seus estudos. Sua família não tinha muito apoio, e o pai mudava frequentemente para

⁴ A educanda faz referência ao Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos. Estudos do Ensino Fundamental dos anos finais e Ensino Médio (CEEBJA), conhecido popularmente pela pronúncia da sigla “CEBEJA”.

várias cidades em um curto período. Por isso, ela precisou trabalhar para ajudar em casa. Mesmo assim, em 2024, ela se matriculou novamente nos estudos. Seu maior sonho é terminar toda a sua educação e fazer a graduação em Medicina Veterinária.

Gosto de estudar, cuidar dos meus filhos. Sou ciumenta e desconfiada, estou tentando mudar isso. Estou no meu segundo casamento. Meu marido é crente e cuida bem das crianças. Sinto falta da minha mãe (Néia, 2024).

Esse(as) educandos(as), com suas especificidades e sonhos, demonstram uma forte vontade de concluir os estudos nos anos iniciais, seguir para o Ensino Fundamental dos anos finais, e continuar na jornada até o ensino médio e graduação. Essa determinação é importante para que eles alcancem seus objetivos e construam um futuro promissor. No entanto, é fundamental que os educandos desenvolvam a percepção de que cada um(a) é protagonista de sua própria história, assumindo um papel ativo na construção do seu caminho. Além disso, é essencial que compreendam que o ensino de História tem uma importância especial em suas vidas, ajudando-os a entender o mundo ao seu redor, suas origens e possibilidades futuras. Essa compreensão fortalece a autonomia e o senso de identidade de cada um(a).

Alguns desses(as) estudantes, quando eram pequenos(as), começaram a estudar na escola e tiveram contato com a disciplina de História. Segundo o que comentaram, naquela época o ensino era focado na memorização, com ênfase na história nacional, valorizando a pátria, a moral e o civismo. Outros disseram que, na época, estudar História envolvia aprender sobre questões religiosas, sempre relacionadas ao catolicismo, sem muita abertura para outras religiões. Além disso, eles(as) lembraram que havia castigos para quem sáísse do conteúdo planejado pelo professor.

Podemos perceber que, no ensino que alguns receberam, havia traços de um “ensino homogeneizado da cultura histórica” (Bittencourt, 2008, p. 64). No início do século XX, poucos professores se opunham a esses traços, pois aceitavam o que estava no currículo sem questionamentos reflexivos. Contudo, alguns educadores se opuseram a esse quadro.

Esse projeto de ensino homogeneização da cultura histórica foi, entretanto, polêmico, havendo alguns educadores e historiadores que se opuseram a uma história exclusiva da elite branca, com olhos voltados para a Europa e para a evocação de uma mestiçagem que seguia passiva o rumo dos acontecimentos (Bittencourt, 2008, p. 64).

Ao nosso ver, todo profissional da educação deve sempre refletir sobre os conteúdos das Matrizes Curriculares vigentes e se perguntar: O que realmente devemos ensinar? Qual é a finalidade desse conteúdo na sala de aula? Para que e por que ensinar? Além disso, é importante pensar se o currículo precisa ser enriquecido para alcançar objetivos de aprendizagem mais satisfatórios. E, claro, refletir sobre como fazer isso de forma eficaz. Acreditamos que essa postura ajuda a garantir um ensino de História mais significativo e alinhado às necessidades dos estudantes da EJA.

Após momentos de reflexão com os(as) discentes, foi possível compreender a origem da resistência em estudar História. Durante as conversas com nossos(as) educandos(as), veio à memória o período escolar nos anos iniciais da pesquisadora, quando a valorização da memorização predominava e a professora premiava quem decorava mais perguntas e respostas. Naquele tempo, não se percebia uma finalidade clara naquilo; muitas vezes, para ganhar doces, decorava-se vírgula por vírgula, sem compreender o significado do conteúdo.

Segundo Bittencourt (2008), uma forma de avaliação escolar do século XX era associada ao castigo físico e o saber História era dominar muitas informações. E a aprendizagem envolvia saber de forma decorada nomes e fatos com suas datas, sendo valorizada a repetição exata dos conteúdos. Desse modo, o ensino de História tornava-se pouco atrativo, pois sem vínculo com as vivências de pessoas comuns e dos(as) estudantes, acabava por causar pouco interesse pelos conteúdos da disciplina. Aqui, defendemos e acreditamos em um ensino de História que tome como referência as próprias histórias de vidas dos(as) estudantes, em que todos(as) se percebam e se reconheçam como os sujeitos da História.

1.3 O Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Ensino Fundamental

A caracterização geral do curso da EJA na fase I do Ensino Fundamental acontece de forma semestral, ou seja, a cada seis meses se encerra uma etapa e inicia-se outra, sendo “[...] organizado com a seguinte correspondência: a) 1ª etapa: 1º e 2º ano/1ª série; b) 2ª etapa: 3º ano /2ª série; c) 3ª etapa: 4º ano /3ª série; d) 4ª etapa: 5º ano /4ª série”, conforme estabelece a Proposta Política Curricular da EJA (Campo Mourão, 2020, p. 05). Encerrada a quarta etapa, o(a) educando(a) passa para a fase II do Ensino Fundamental para cursar o sexto ano.

Uma vez por semana, acontecem as aulas de Ciências Humanas (História e Geografia) e Ciências. Nesse contexto, a disciplina de História se junta interdisciplinarmente com Geografia e o tempo de duração de aula é de 60 minutos. Segundo a Proposta Pedagógica Curricular da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Urupês, essas “[...] disciplinas não devem ser pensadas separadamente” (Campo Mourão, 2020, p. 53). Ainda conforme a Proposta Política Curricular da EJA de Campo Mourão:

[...] se o professor leva o aluno a pensar (Filosofia) o espaço construído (História/Geografia) sobre/; acima e até mesmo dentro da crosta terrestre (Geografia) na interação com o meio natural (Ciências) dentro de uma cultura determinada, o aluno poderá fazer um salto qualitativo (transversalidade) do mundo em que vive (Campo Mourão, 2020, p. 52).

Então, a “socialização do conhecimento” (Brasil, 2006) dos saberes torna-se um desafio curricular, mas, quando realizada, possibilita que os(as) educandos(as) desenvolvam, em sua aprendizagem, a consciência e a criticidade social.

Salientamos que os documentos oficiais que orientam o planejamento diário do professor na disciplina de História na EJA são a Proposta Pedagógica Curricular da Escola Municipal Urupês, de Campo Mourão-PR (2020), a Base Nacional Comum Curricular (2018)⁵ e os Parâmetros Curriculares Nacionais (2018), no que se refere à Educação de Jovens e Adultos.

A Proposta Pedagógica Curricular da Escola Municipal Urupês, no ensino de História, contém a Área de Conhecimento Ciências da Natureza como Componente Curricular: os Estudos da Sociedade e Natureza. Esse documento apresenta embasamento teórico nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)⁶ da Educação de Jovens e Adultos (Brasil, 2002), no Referencial Curricular do Paraná (Paraná, 2018), Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) e nas Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos da SEED (Paraná, 2006). A proposta expõe que as disciplinas de História, Geografia e Ciências devem ser pensadas de forma interdisciplinar (Campo Mourão, 2020):

A história não emerge como um dado ou um acidente que tudo explica: ela é a correlação de forças, de enfrentamentos e da batalha para a produção de sentidos e significados, que são constantemente reinterpretados por

⁵ O documento Base Nacional Comum Curricular (2018), conhecido pela sigla BNCC, pode ser acessado no seguinte link: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf.

⁶ O documento Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) está disponível para acesso em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/introducao.pdf>

diferentes grupos sociais e suas demandas – o que, consequentemente, suscita outras questões e discussões (Brasil, 2020, p. 399).

Desta forma, é necessário que o professor conduza da melhor forma e com estratégias específicas o ensino de História na sala de aula.

Considera-se, então, que o ensino de História envolve relações e compromissos com o conhecimento histórico, de caráter científico, com reflexões que se processam no nível pedagógico e com a construção de uma identidade social pelo estudante, relacionada às complexidades inerentes à realidade com que convive (Brasil, 1997, p. 22).

Na Proposta Pedagógica Curricular dos anos iniciais de Campo Mourão (2020), o ensino de História é inserido no Componente Curricular Estudos da Sociedade e Natureza, e como área de conhecimento, Ciências da Natureza.

O ensino de História possui objetivos específicos, sendo um dos mais relevantes o que se relaciona à constituição da noção de identidade. Assim, é primordial que o ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais (Brasil, 1997, p. 21).

Essa proposta municipal destaca a importância de oferecer um ensino de qualidade, abordando temas essenciais para a formação integral dos estudantes. Ao incluir tópicos como o meio ambiente, a visão do universo, saúde, transformação científico-tecnológica e a compreensão do que são ciência e tecnologia, ela busca promover uma educação mais contextualizada, crítica e inovadora (Campo Mourão, 2020).

Vale ressaltar que o fio condutor desta pesquisa é o Ensino de História. Nesse sentido, buscamos explorar as concepções de diversos autores sobre o tema, incluindo Circe Maria Fernandes Bittencourt (2011), Nilton Mullet Pereira (2017), Selva Guimarães Fonseca (2006), Marc Bloch (2001) e Katia Maria Abud (2003).

Pereira (2017), no ensino de História, conceitua a história menor como a história dos povos invisibilizados pela história maior. Esta última se refere às histórias dos grandes feitos, como descobertas, encontradas nos livros didáticos como lutas e glórias. Segundo o autor, a história maior trata-se de uma narrativa estrutural e sistêmica com raízes eurocêntricas que não devemos desconsiderar, pois faz parte da transformação temporal. “A história menor, portanto, está comprometida com a formação ética de cada indivíduo, para quem ter uma experiência com o outro implica transformar a si mesmo e produzir-se com novas alternativas

de vida e de futuro” (Pereira, 2017, p. 9). Ainda comenta que pertence a esse panorama o negro, o índio, o candomblé, culturas diversas e entre outros. A história menor não são tendências teóricas, mas são narrativas problematizadoras e conceituais que insere o sujeito na história.

Pereira (2017) traz reflexões sobre as vivências humanas desmerecida pela história e isso remete aos nossos(as) educandos(as) da EJA, pois foram pessoas invisibilizadas pela família e pela sociedade, contudo, com vivências cheias de luta, persistências e sonhos de uma vida melhor.

Bittencourt (2011) expõe que “um dos objetivos centrais do ensino de História, na atualidade, relaciona-se à sua contribuição na constituição de identidades” (p. 121). Constituir identidades é relacionar com a cidadania, e nisso, a História se conecta com o conhecimento histórico e na formação cidadã. Ainda complementa:

O conhecimento histórico não se limita a apresentar o fato no tempo e no espaço acompanhado de uma série de documentos que comprovam sua existência. É preciso ligar o fato a temas e aos sujeitos que o produzem para buscar uma explicação. E para explicar e interpretar os fatos, é preciso uma análise, que deve obedecer a determinados princípios (Bittencourt, 2011, p. 183).

Bloch (2001), em “Apologia da História”, não considera a história como ciência que estuda o passado, e acrescenta que:

[...] nas origens da historiografia, os velhos analistas não se constrangiam nem um pouco com tais escrúpulos. Narravam, desordenadamente, acontecimentos cujo elo era terem se produzido mais ou menos no mesmo momento: os eclipses, as chuvas de granizo, a aparição de espantosos meteoros junto com batalhas, tratados, mortes dos heróis e dos reis (Bloch, 2001, p. 52).

O autor defende a ciência dos homens, contudo, acrescentando “dos homens no tempo”. Outro ponto relevante é discorrer que o objeto da ciência não é o passado, mas sim o próprio homem, pois a História estuda as ações humanas no decorrer do tempo. Além disso, ele nos coloca que reflexões são importantes para o trabalho do historiador. “Do caráter da história como conhecimento dos homens decorre sua posição específica em relação ao problema da expressão. Será que é uma ‘ciência’? Ou uma ‘arte’?” (Bloch, 2001, p. 54). Essa reflexão aborda, portanto, que a Arte complementa o científico, pois toda ciência possui uma linguagem própria e isso é necessário para penetrar nesse entendimento (Bloch, 2001).

Abud (2012), no artigo “O ensino de História nos anos iniciais: como se pensa, como se faz”, realizou estudos sobre o ensino de Histórias nos anos iniciais e constatou que a valorização é mínima no que se refere ao tempo de ministrar a disciplina na escola.

A restrição ao tempo para se ensinar a disciplina e a valorização da Língua Portuguesa e da Matemática constituem-se em fatores primordiais para a exclusão das outras matérias. Fato este que implica na dificuldade de aprendizagem das disciplinas privilegiadas, pois as excluídas significam portas abertas para desenvolver importantes capacidades intelectuais de relatar, raciocinar, compreender, narrar etc., fundamentais para desenvolvimento da escrita e domínio da língua e do pensamento científico (Abud, 2012, p. 2).

Na Educação de Jovens e Adultos, esse desmerecimento pelo ensino de História também acontece. Além de toda a dificuldade relatada por Abud, é explícito outro agravante: o(a) estudante não se reconhecer como protagonista de suas histórias.

Segundo Fonseca (2006), no ensino de História, especialmente nas últimas décadas do século XX, houve uma reflexão renovada sobre a disciplina. Essa mudança trouxe diversas alterações nos currículos, nos livros didáticos, nos objetivos do ensino de História, na formação dos professores e nos contextos sociais e temporais. Por isso, o modo de ensinar História anteriormente não é mais o mesmo dos dias atuais.

Concebemos a História como estudo da experiência humana no passado e no presente. A história busca compreender as diversas maneiras como homens e mulheres viveram e pensaram suas vidas e as de suas sociedades, através do tempo-espço. Ela permite que as experiências sociais sejam vistas como constante processo de transformação (Fonseca, 2003, p. 40).

Dessa forma, segundo a autora, “ensinar e aprender História não são algo externo, a ser proposto e difundido com uma metodologia específica, mas a ser construído” (Fonseca, 2006, p. 132). Essa construção acontece por meio do diálogo, da valorização da diversidade e, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), essa diversidade está presente na vida de cada educando(a).

1.4 Cinema como forma de Arte na escola (Estado da Arte)

Fresquet (2020) produziu experiências com crianças sobre o Cinema e Educação, reportando reflexões e experiências relevantes para professores, estudantes da educação

básica, tanto para os envolvidos na escola quanto fora do ambiente escolar. Nesse sentido, é possível a percepção do diálogo e das experiências cinematográficas, colocando o saber e a prática da cultura audiovisual. As experiências apresentadas nessa obra também serviram de inspiração para a realização da presente pesquisa, em que pudemos realizar adaptações para os(as) educandos(as) da Educação de Jovens e Adultos.

Há filmes que as crianças veem e compreendem, ainda que no momento sejam muito pequenas, elas compreendem que isso tem a ver com elas. Logo, é por isso que o cinema é extremamente formador, mas muito profundamente sobre a relação com o mundo que se pode ter (Fresquet, 2023, p. 34).

Conforme mencionado anteriormente, a autora destacou o uso dos filmes como uma estratégia para estimular a criticidade e a empatia dos(as) educandos(as). Ela também elaborou uma discussão na qual acreditamos que o cinema pode ser uma ferramenta educacional capaz de promover a aprendizagem, enriquecer as experiências dos estudantes e contribuir para a construção de sua identidade. Além disso, o cinema ajuda a desenvolver uma compreensão mais ampla do mundo ao redor.

No geral, a relação “Cinema e Educação” oferece uma visão abrangente e inspiradora sobre como o cinema pode ser uma ferramenta educacional eficaz. Ele enriquece a experiência de aprendizagem dos alunos e ajuda a promover uma compreensão mais profunda do mundo ao redor deles, destacando o envolvimento do(a) educando(a) tanto dentro quanto fora da escola (Fresquet, 2020).

Bergala (2018, p. 37) esclarece que “O cinema foi durante muito tempo considerado, na tradição pedagógica francesa, sobretudo, como linguagem. A abordagem de filmes como ‘obra de arte’ cabia preferencialmente aos cineclubes do ‘conteudismo’”. O cineasta traz duas razões referentes ao trecho anterior. Afirma que é uma consciência histórica tendo como o momento hegemônico das ciências das linguagens (Bergala, 2008).

Na Educação de Jovens e Adultos, a disciplina de História se apresenta de forma compactada no que se refere aos conteúdos curriculares, vindo ao encontro da presente pesquisa, para enriquecimento curricular, mas principalmente, para a valorização e pertencimento dos(as) estudantes. Espera-se que essa invisibilidade possa ser minimizada com a metodologia da utilização de filmes na disciplina de História na EJA.

Agora, imaginemos envolver os(as) educandos(as) jovens e adultos na produção e criação dos próprios filmes, os quais terão relações com o mundo e saberes de adulto na

relação com as vivências(Fresquet, 2020). Dessa forma, chegamos ao nosso objetivo, que é envolver o cinema no ensino de História como proposta da presente pesquisa para que os(as) educandos(as) aprendam História, mas que entendam e se percebam como sujeitos históricos. Afinal, o que é a História se não a história de todos os homens e mulheres no tempo? Os(as) educandos(as) da EJA são sujeitos de uma História e de uma História da Educação, muitas vezes, não dita e não revelada aos olhos da academia e dos livros didáticos.

Adriana Fresquet (2012), em uma entrevista, destacou que o cinema possui um caráter essencialmente pedagógico ao oferecer a possibilidade de constituir subjetividades e promover o conhecimento de nós mesmos e do mundo. Ela ressaltou ainda que o cinema nos permite conhecer outras culturas, ampliando nossa compreensão e visão de mundo.

Na mesma linha de pesquisa, Bergala (2020, p. 75) afirma que “o cinema é um veículo de comunicação social” e que ele também contribui para a “construção de sua própria imagem”. Dessa forma, Bergala (2020) afirma que, no cinema, raramente se filma apenas para si mesmo, a não ser no campo do diário íntimo. E, junto com muitos pesquisadores, acreditamos que trabalhar o cinema na escola ajuda a promover uma aprendizagem mais interativa, envolvendo tecnologias de áudio, visual e cinematográficas, além de incluir a performance dos(as) educandos(as) da EJA.

Segundo Bergala (2020, p. 173), “em situação escolar, o objetivo primeiro da realização não é o filme realizado como objeto-filme, como ‘produto’, mas a experiência insubstituível de um ato, mesmo modesto, de criação”. Assim, na escola, o mais importante não é o filme como um produto, mas sim a experiência única de criar algo, mesmo que seja algo simples.

Pudemos vivenciar essa experiência de fazer filmes no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), na disciplina Ensino de História e Cinema, durante o primeiro semestre de 2023, ministrada pela professora Dra. Divania Luiza Rodrigues. Com ela compreendemos que é possível criar filmes utilizando as tecnologias acessíveis no nosso dia a dia. Nesse contexto, utilizamos o celular e programas gratuitos de edição de vídeos para produzir o curta documental intitulado “Arquitetura Divina: o surgimento da Catedral de São José”.⁷

Nosso ponto de partida para a produção do documentário foi a escolha de um objeto gerador, no caso uma fotografia da primeira Igreja São José - pequena e ainda em fase de

⁷ O filme (06min51s), de autoria das estudantes do ProfHistória Júlia Quézia Nunes Boina e Maria José Santos, está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Ytb9DA8xKM>. Acesso em: 04 fev. 2025.

construção -, datada de 1950. Nosso filme buscou retratar o tempo histórico e a transformação da catedral desde aquele período até os dias atuais. A construção do documentário, a partir do objeto gerador, proporcionou-nos aprendizados significativos tanto do ponto de vista didático quanto emocional - partindo do presente e resgatando memórias do passado.

Esse trabalho teve como objetivo servir como material didático escolar, apresentando a história da construção da Catedral de São José de Campo Mourão, fundamentada nos estudos históricos do Padre Jurandir Coronado Aguilar, bem como nas memórias do senhor Carlos Alberto Knieling e de sua esposa, a Sra. Maria Diair Knieling, esta estudante da EJA. A Sra. Maria Diair, conhecida como “Dona Diair”, foi estudante da EJA e participou desta pesquisa.

O processo de criação do vídeo documentário envolveu diversas etapas: elaboração do roteiro, definição dos cenários, escolha da trilha sonora, filmagens, edição e pós-produção. Sentir-se na posição de criadoras e documentaristas foi uma experiência emocionante, mas também exigiu de nós grande responsabilidade. Foi necessário refletir cuidadosamente sobre aspectos como “a abordagem do tema, recolher informações, fazer a caracterização e seleção dos locais a filmar, a caracterização dos intervenientes (‘personagens’), definir a estrutura do filme, tipo de planos etc.” (PENAFRIA, 2001, p. 3).

Após finalizarmos o processo criativo, participamos do III Festival de Cinema: História, Memória e Experiências de Vida, dentro do subtema 2: Memórias Coletivas: experiências e patrimônio público. O Festival de Cinema, atualmente em sua quarta edição, tem como objetivo apresentar vídeos documentários amadores produzidos por estudantes de graduação e de pós-graduação. O evento integra o projeto de extensão Cine-Educação: olhares para a formação docente, existente desde 2015, na UNESPAR, *campus* de Campo Mourão. Nossa participação no III Festival de Cinema foi fundamental não apenas para apresentar o filme à comunidade, mas, principalmente, para compartilhar o percurso de criação, que foi complexo, desafiador e extremamente enriquecedor para nossa formação docente.

O relato da experiência envolvendo a produção do vídeo documentário “Arquitetura Divina: o surgimento da Catedral São José de Campo Mourão”, realizado por Júlia Quézia Nunes Boina e Maria José Santos, estudantes do ProfHistória, foi apresentado no I Festival Internacional de Educação e Cinema, em Curitiba (PR), por meio do texto intitulado “Festival de Cinema: reflexões sobre o ensino de História e a experiência de fazer cinema com estudantes”⁸. O texto produzido para o evento integrará um *e-book*, atualmente em processo

⁸ O texto, no formato de relato de experiências, contou com a participação da professora Dra. Divania Luiza Rodrigues; dos estudantes do ProfHistória Ana Cláudia Maiolli de Oliveira, Diego Alex Ferreira, Greiciane

de elaboração.

Dessa rica experiência teórica e metodológica pudemos entender que ao respeitar as especificidades de cada estudante e professor(a), podemos promover um espaço onde todos aprendem juntos de maneira contínua e crítica. No ensino de História, isso pode acontecer através das criações de filmes, valorizando o cinema como uma forma de arte e uma ferramenta de aprendizagem.

A ideia da resposta ideológica, de uma pedagogia que visa prioritariamente desenvolver o espírito crítico, está ligada a uma concepção do cinema como mau objeto. A introdução ao cinema será uma boa oportunidade para a escola com a condição de que ele seja aí tratado como objeto, isto é, antes de tudo como arte (Bergala, 2008, p. 44-45).

Esse “mau objeto” é referido e exemplificado, por Bergala, por meio de indagações, e uma delas é: *quem, em sua consciência, como professor, levaria para a sala de aula filmes ruins, ilustrações malfeitas?* É interessante expor que, além de não alcançar objetivos que envolvem a criticidade e o crescimento educacional, perde-se muito tempo quando se assiste e analisa “filmes ruins”. Bergala (2008) compara essas escolhas como “aberrações”.

No contexto televisivo, as referências a marcas e estratégias de marketing aparecem com frequência, o que não condiz com uma arte reflexiva, capaz de sensibilizar. Essa arte deve mostrar aos(as) educandos(as) da EJA que é fundamental construir conhecimentos científicos na escola, desenvolver resistência e colocar esses saberes em prática por meio da própria criação audiovisual e artística.

O que foi apresentado ajuda o(a) educando(a) a sair da invisibilidade, a desenvolver e criar suas próprias opiniões, além de perceber que há potencial para a criação. Isso também incentiva o protagonismo no ensino de História, valorizando a disciplina tanto no ambiente escolar quanto nas questões sociais, familiares e culturais.

Bergala (2008) explica que uma verdadeira cultura artística se constrói quando nos encontramos com a alteridade, ou seja, com a diversidade e a singularidade de cada obra de arte. Para que a arte seja realmente arte, ela precisa provocar reflexão, resistência e desconstruir alguns hábitos sociais que fazem com que as pessoas valorizem mais a marca do que a própria arte. Segundo Bergala, e com a qual concordamos, o consumo de “pseudo-gostos de marketing” no dia a dia acaba distorcendo a verdadeira essência da arte.

Sobre arte e o ensino, Bergala cita Jack Lang⁹, em que “o ensino se ocupa da regra, arte deve ocupar um lugar de exceção”. O autor ainda acrescenta que Jack Lang manteve o equilíbrio entre seu papel de ministro (mantenedor da instituição e de sua ordem) e sua convicção de que a arte deve promover na escola uma experiência “à parte”, cuja alteridade deve ser experimentada pelos alunos. O interessante é que Lang, com essa iniciativa, proporcionou o “conduzir uma classe artística” (Bergala, 2008, p. 32), em que professores de qualquer disciplina, de modo voluntário, expressassem o desejo de fazê-lo, fazer arte.

Assim, entendemos que o cinema, como forma de Arte (Bergala, 2008; Fresquet, 2020), dispõe de um potencial educativo fundamental. Mesmo quando não objetiva educar, está educando com suas imagens e sons em movimento (Rodrigues; Oliveira, 2022). Dessa forma, as produções fílmicas podem, em um primeiro momento, sensibilizar para a discussão de temas e conteúdo de ensino de História. Em um segundo momento, para além da discussão de obras fílmicas, levamos os(as) educandos(as) da EJA a produzir vídeos documentários, assumindo o protagonismo dessas produções e de suas próprias histórias.

Nessa perspectiva, tivemos a problematização principal: como o cinema, como forma de Arte, pode contribuir na aprendizagem e no ensino de História de educandos(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Escola Municipal Urupês, de Campo Mourão-PR?

Com respaldo nas literaturas apresentadas à questão reflexiva anterior, resolvemos a problematização por meio do cinema no ensino de História. Salientamos que no decorrer do processo, os sujeitos envolvidos também desenvolveram o “gosto pelo cinema” (Bergala, 2016), a autoestima e a percepção de que são pessoas importantes e protagonistas de suas vivências.

E como esse gosto pelo cinema deve ocorrer? O gosto pelo cinema deve ter um apetite espontâneo, ou individual, que se efetiva na conscientização e respeito (Bergala, 2008). Uma proposta de formação do gosto parte exclusivamente do encontro com a alteridade fundamental da obra de arte como desconforto e o choque que ela provoca (Fresquet, 2020, p. 49).

⁹ Jack Lang é um político francês, nascido em 2 de setembro de 1939, que foi Ministro da Cultura na França. Ele é reconhecido por seu entusiasmo em valorizar a cultura como uma ferramenta de transformação social. Sua carreira é marcada pelo compromisso com a promoção das artes e da cultura no país. Além de ter ocupado o cargo de Ministro da Cultura em diferentes períodos, Lang também desempenhou outros papéis importantes na vida política e cultural da França.

O cinema, como uma forma de Arte, possibilita novos olhares e entendimentos a respeito de muitos aspectos que envolvem a vida humana. O ensino de História passa por desafios em nossa sociedade, muitas vezes marcado por posicionamentos presentistas e de pouca reflexão e valorização acerca do passado.

Compreendemos que a experiência do cinema como Arte na escola constitui-se em um grande desafio. Pelo seu caráter de resistência e de criação, tem a ver com a História e com os objetivos do ensino de História. E, passando pelo “fazer”, vislumbrou-se revelar histórias de vidas e pessoas invisíveis socialmente, nos mobilizando ao encontro com as necessidades do público da EJA.

Diante do exposto, entendemos que o cinema pode promover uma aprendizagem significativa dos conteúdos de História. Como resultado dessa abordagem, propomos a criação de vídeos documentários para o ensino de História, envolvendo os(as) educandos(as) da EJA. Acreditamos que essas experiências também podem contribuir de maneira importante para o trabalho dos(as) professores(as), enriquecendo suas práticas pedagógicas no ensino de História.

1.5 Ensino de História e Cinema: reflexões teóricas e metodológicas

“As novas tendências e as correntes historiográficas que entendem a História como construção, aliadas a concepções que envolvem o processo de ensino-aprendizagem, provocaram transformações bastante profundas na construção da História do conhecimento escolar.” (Abud, 2003, p. 184).

Essas correntes e as novas tendências, conforme afirmado por Abud (2003), foram responsáveis por promover transformações na “Didática da História”. Partindo do pressuposto de que a “aceitação fílmica como documento” surgiu após a ruptura da “concepção de História da escola metódica”, essa mudança contribuiu para questionar a ideia de que uma verdade absoluta e atemporal poderia emergir dos estudos históricos. Dessa forma, houve um impacto significativo na escolha e utilização do cinema como recurso no ensino de História (Abud, 2003).

Conforme Abud (2003, p. 183), “entre todos os meios de comunicação, tem sido o cinema o que mais tem despertado o interesse dos professores por sua utilização em sala de

aula”. Essa afirmação poderia ter recebido críticas em outros tempos; no entanto, atualmente, segundo a autora, diversos fatores contribuíram para essa preferência: a “atração filmica, a disseminação e a acessibilidade” dos filmes, especialmente com o advento das redes de *streaming*, que utilizam a tecnologia de transmissão de dados via internet. Dessa forma, o cinema passa a ser considerado “uma nova metodologia para o ensino de História” (Abud, 2003).

Na Proposta Pedagógica Curricular de Campo Mourão (2020), na Educação de Jovens e Adultos, a metodologia que utiliza filmes e vídeos na sala de aula é referida como “filmes e recursos audiovisuais”, visando uma aprendizagem mais efetiva. Nesse sentido, valoriza-se o aprendizado por meio de obras filmicas, contribuindo para ampliar os conteúdos que, muitas vezes, são restritos ou limitados.

Os conteúdos escolares obrigatórios, são permitidas adaptações metodológicas para o enriquecimento curricular. Nesse ponto é que propomos a inserção do Cinema, enquanto análise e criação, nos Planos de Ensino da disciplina de História, na perspectiva de construção de novos saberes.

Durante os estudos para o presente trabalho, lembramos que em 2023 alguns educandos(as) na sala de aula indagaram: “para que estudar História, pois somente precisamos ler, escrever e fazer continhas?”. Nesse sentido, Caimi (2015) traz reflexões importantes para a ação pedagógica na sala de aula, como exemplo:

[...] para que serve ensinar/aprender História hoje na escola básica, considerando-se os contextos de existência dos nossos(as) educandos(as) e as especificidades da cultura escolar? Como torná-la disciplina envolvente, significativa e próxima dos interesses dos jovens? (Caimi, 2015, p. 106-107).

A autora Caimi (2015) aborda diversas questões; no entanto, essas duas específicas chamaram nossa atenção, pois estão relacionadas às práticas da pesquisadora e se conectam às perguntas dos(as) educandos(as). Dessa forma, surgiu a problemática norteadora desta dissertação: “Como o cinema, enquanto forma de Arte, pode contribuir para a aprendizagem e o ensino de História de educandos(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Escola Municipal Urupês, de Campo Mourão-PR?”

De modo geral, acreditamos que é fundamental ensinar História para promover a reflexão, formando cidadãos questionadores e capazes de desconstruir estigmas associados a

certos discursos presentes no âmbito familiar, como os que identificamos durante a pesquisa: “Está velho, então para quê estudar?”, ou “Quem vai cuidar dos netos?”. Essas questões evidenciam a importância de uma educação que incentive o pensamento crítico e a valorização do conhecimento ao longo da vida. Nessa conjuntura, é igualmente necessário compreender que o ensino de História é fundamental, pois, por meio dele, surgem conhecimentos e possibilidades que promovem a valorização da cultura histórica.

De forma específica, utilizar o cinema como meio de aprendizagem no Ensino de História para o público da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos anos iniciais envolve trabalhar valores pessoais. Por serem adultos e possuírem experiências de vida, esses estudantes tendem a compreender melhor e em menor tempo a finalidade da cultura histórica - que é estabelecer relações com o tempo, o espaço e promover a desconstrução de estigmas socialmente instalados, relacionados ao contexto que viveram ou ainda vivem. Acreditamos que, por meio do “mundo do cinema” (Bergala, 1994), esses(as) estudantes podem aprender os conteúdos propostos nesta pesquisa de forma mais eficaz.

Para Bergala (1994), o mundo do cinema é atrativo, assemelhando-se a um país adicional no mapa do mundo. Ele utiliza meios audiovisuais que capturam a atenção do espectador e despertam diversos sentimentos, seja por meio de uma cena ou de uma música presente no filme.

O mundo do cinema é como um país a mais no mapa do mundo. Um país a parte. Uma tribo de Nômades que estão em casa em qualquer lugar do planeta quando conseguem juntar-se durante a uma filmagem. Com os mesmos rituais, seja em um estúdio de Hollywood, em um deserto africano, em uma rua na Georgia ou em um acampamento improvisado nos Campos da Itália (Bergala, 1994, p. 20).

Bergala (2008) discorre que o grande desafio é que o cinema se faça enquanto Arte dentro e fora da escola. A arte que confronta e não se normaliza e se conforma, mas que resiste. Assim, “[...] a arte não se ensina, mas se encontra, se experimenta, se transmite por outras vias além do discurso do saber, e às vezes mesmo sem qualquer discurso” (Bergala, 2008, p. 30).

Segundo Bergala (2008), o desafio de incorporar a arte do cinema na escola é que ela não se realiza apenas por meio da apreciação passiva, mas exige a experiência do “fazer”. Essa prática pressupõe o encontro com o outro, com diferentes vozes e perspectivas, e se manifesta como uma experiência de outra natureza tanto para alunos quanto para professores.

Nesse processo, o encontro com a alteridade - a compreensão do diferente - é fundamental e é capturado de forma especial pelo cinema.

O cinema permite confrontar no mesmo quadro, no mesmo filme, coisas que são radicalmente heterogêneas. Então, é evidentemente muito importante também pelo cinema, quando a criança ou adulto pode fazer a experiência direta da alteridade. Em um filme, por exemplo, um homem pode se identificar completamente com uma mulher, com o pensamento ou os problemas de uma mulher, enquanto que na vida real é muito mais difícil (Fresquet, 2020, p. 34).

Tomando como referência essa perspectiva do cinema como Arte na escola, realizamos ações em nossa pesquisa que visam contribuir para o ensino de História na EJA. Apresentamos a metodologia por meio de atividades que fizeram parte do processo de aprendizagem dos(as) educandos(as) e que contribuíram para o desenvolvimento do Produto Final, levando a resultados positivos.

Dessa forma, estruturamos o trabalho em três momentos principais com a turma de EJA. No primeiro momento, foram trabalhadas duas obras fílmicas: a) “A chegada do trem na estação” dirigida por Louis Lumière e Auguste Lumière, com o título original “*L'Arrivée d'un train en gare de La Ciotat*”; e b) “Onde fica a casa do meu amigo?”, dirigida por Abbas Kiarostami, cujo título original é “*Khaneh-ye Dust Kojast?*”.

Para melhor compreensão e apresentação das produções fílmicas aos(as) educandos(as), optamos pela análise de conteúdo conforme os estudos de Penafria (2009): “Analisar um filme é sinônimo de decompor esse mesmo filme”, o que envolve dois momentos importantes: primeiro, “[...] decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar” (Penafria, 2009, p. 1).

Em um segundo momento, abordamos as biografias/histórias de vida por meio dos objetos geradores/objetos biográficos. Ramos (2016) afirma que no tempo atual, há uma proliferação dos objetos e uma “sociedade do consumo”, objetos que são criados para estragarem rapidamente, contudo, por trás, escondem uma história. Para serem tratados como “documentos históricos”, é preciso relacionar “reflexão crítica a partir de problemáticas historicamente fundamentadas” (Ramos, 2016, p. 80).

Após a compreensão do que são objetos geradores/objetos biográficos, pudemos comentar qual objeto foi escolhido. Demos como sugestões de relato: a história do objeto,

situar a temporalidade de pertencimento, o motivo da escolha e o significado pessoal do objeto.

No terceiro momento, buscamos realizar a experiência de fazer cinema na escola (Bergala, 2008; Fresquet, 2020), utilizando e explorando recursos, suportes e metodologias disponíveis. O intuito foi o de produzir e apresentar um vídeo documentário, no Ensino de História, com os(as) educandos(as) do Ensino Fundamental da EJA a respeito de sua aprendizagem, memórias e histórias de vida.

Ademais, os resultados desses filmes realizados pelos(as) educandos(as), no ensino de História, envolveram a “experiência do fazer”:

O potencial pedagógico do cinema na escola é dificilmente mensurável. Mesmo que um filme seja projetado com um propósito de conteúdo específico é difícil prever qual será o desdobramento dessa experiência para cada aluno. Na experiência do fazer, posso prever algumas categorias da linguagem que quero trabalhar com os alunos, mas é difícil imaginar todos os desdobramentos que a prática pode trazer (Norton; Fresquet, 2012, p. 67).

O resultado desse trabalho foi materializado em vídeos produzidos que refletem o processo de aprendizagem e a criatividade dos(as) educandos(as). Apresentamos todos os vídeos em um único filme, respeitando as especificidades do público da EJA e com a proposta de organizar várias cenas ou capítulos em uma única produção, visando à aprendizagem dos conteúdos de História.

Lembramos que o filme se encontra hospedado no Google Drive, acessível por meio de um link, QR Code e ou no canal do Youtube. O link também está disponível nas referências do texto da dissertação, permitindo que qualquer pessoa interessada possa assistir ao filme. E ao término do presente trabalho será criado uma página no Youtube para que alcance maiores públicos. Para os(as) professores(as), fica a sugestão de adaptar o conteúdo conforme o ano/série escolar em que atuam, facilitando a contextualização e o uso pedagógico.

CAPÍTULO 2

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS FILMES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

No presente capítulo temos como objetivo principal apresentar a metodologia de análise de filmes que realizamos para o ensino de História, com os educandos(as) da Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Escola Municipal Urupês, de Campo Mourão. Seleccionamos dois filmes: “A chegada do trem na estação” (1895), criado pelos irmãos Louis Lumière e Auguste Lumière em 1895, e “Onde fica a casa do meu amigo?” (1987), drama de ficção de 1987 dirigido por Abbas Kiarostami.

O filme “A chegada do trem na estação” (título original: *L'arrivée d'un train à La Ciotat*) foi lançado em 1895, na França. É um documentário de aproximadamente 50 segundos que mostra a entrada de um comboio puxado por uma locomotiva a vapor em uma estação de trem na cidade costeira de La Ciotat. Como a maioria dos primeiros filmes dos irmãos Lumière, apresenta uma única cena que ilustra um aspecto da vida cotidiana. Não há movimento de câmera, sendo uma captura simples e direta do momento¹⁰.

O filme “Onde fica a casa do meu amigo?” (*Khane-ye dust kojast?*), lançado em 1987, é uma obra do cinema iraniano que demonstra a simplicidade e a percepção de vida pelos olhos de uma criança. Com duração de 1 hora e 23 minutos, o filme apresenta a história de um garoto que precisa entregar o caderno do amigo para que ele possa fazer o dever de escola e evitar ser expulso pelo professor opressor e autoritário. A narrativa envolve temas de compaixão humana e solidariedade, sendo contada de forma poética, condizente com a visão do “cinema como forma de arte” (Bergala, 2008; Fresquet, 2020).

Esse trabalho é o primeiro da trilogia Koker, dirigida por Abbas Kiarostami, e foi produzido pelo Kanoon, Instituto para o Desenvolvimento de Crianças e Jovens Adultos. O filme é reconhecido por sua sensibilidade e por contribuir na formação de valores humanos, sendo por nós utilizado no ensino de História na Educação de Jovens e Adultos.

Mesmo que à primeira vista esses dois filmes pareçam estar em contextos diferentes, ao analisá-los mais profundamente, percebemos que ambos se conectam pedagogicamente ao abordar aspectos sociais e humanos. Essa abordagem ajudou a engajar os estudantes nos objetivos propostos na pesquisa, promovendo uma compreensão mais ampla dos contextos

¹⁰ As informações a respeito do filme podem ser conferidas em: <https://filmow.com/a-chegada-de-um-trem-a-estacao-t9461/ficha-tecnica> (2024).

históricos e sociais de cada época. Essa análise mostra como diferentes recursos audiovisuais podem enriquecer o ensino de História, estimulando a reflexão sobre as mudanças sociais ao longo do tempo.

A análise de filmes não é uma prática nova, pois já existem estudos e discussões sobre o tema há bastante tempo. Para enriquecer o conhecimento científico docente, selecionamos os trabalhos de Manuela Penafria, especialmente seu artigo “Análise de Filmes – conceitos e metodologia(s)”, e o “Caderno Linguagem e Cinema”, de Alicia Vega. Este último, além de apresentar ilustrações de como realizar uma gravação de vídeo, também oferece conteúdos com linguagem simples e de fácil compreensão, relacionando as práticas de filmagem.

Em seu trabalho, Manuela Penafria (2009) traz dois questionamentos sobre a “Análise de Filmes – conceitos e metodologia(s)”. O primeiro trata “o que é a análise de filmes e para que serve? Como analisar?”. Nesse sentido, “aparentemente, a análise de filmes está presente em vários discursos sobre os filmes”. Esses discursos, segundo a autora, podem ser estudo acadêmico, discurso sobre um determinado filme ou críticas de cinema, sendo este último como “mais visível” em jornais e revistas.

A autora considera que a prática pode ser realizada por qualquer público, embora sem se sentir obrigado a seguir “determinada metodologia”. A decomposição relaciona-se com a imagem, som e estrutura do filme, tendo como ponto de partida e ponto de chegada o próprio filme. O ponto de chegada evita cair em interpretações/observações despropositadas ou pouco pertinentes (Penafria, 2009)

Sobretudo, enuncia tipos de análise: a) análise textual, “que considera o filme como um texto”; b) análise de conteúdo, “que considera o filme como um relato e tem apenas em conta o tema do filme”; c) análise poética, “entende o filme como uma programação/criação de efeitos”; e d) análise da imagem e do som, que “entende o filme como um meio de expressão” (Gomes, 2004 *apud* Penafria, 2009, p. 7).

Das análises especificadas, é interessante saber sobre a “análise poética”, a qual Penafria (2009, p. 6-7) apresenta especificidades da seguinte forma:

[...] c) análise poética. Esta análise, da autoria de Wilson Gomes (2004), entende o filme como uma programação/criação de efeitos. Este tipo de análise pressupõe a seguinte metodologia: 1) enumerar os efeitos da experiência fílmica, ou seja, identificar as sensações, sentimentos e sentidos que um filme é capaz de produzir momento em que é visionado; 2) a partir dos efeitos chegar à estratégia, ou seja, fazer o percurso inverso da criação de determinada obra dando conta do modo como esse efeito foi construído. Se considerarmos que um filme é composto por um conjunto de meios

(visuais e sonoros, por exemplo, a profundidade de campo e a banda sonora/musical) há que identificar como é que esses meios foram estrategicamente agenciados/organizados de modo a produzirem determinado(s) efeito(s). Do ponto de vista da sua estratégia, um filme pode ser entendido como uma composição estética se os seus efeitos forem da ordem da sensação (em geral, filmes experimentais), ou como uma composição comunicacional se os efeitos forem sobretudo de sentido (em geral, filmes com um forte argumento que pretendem transmitir uma determinada mensagem/ponto de vista sobre determinado tema), ou como composição poética se os efeitos que produz são, essencialmente, sentimentos e emoções (em geral, filmes com forte componente dramática). Ainda que este tipo de análise se aplique a filmes convém notar que pode ser aplicada à contemplação de qualquer outra obra de arte.

Propusemos aos(as) educandos(as) dos anos iniciais da EJA a percepção da importância de aprender História e de valorizar-se enquanto cidadãos protagonistas de suas vivências e histórias. Essa abordagem foi fundamentada nos conhecimentos das disciplinas do ProfHistória (2023), especialmente nas aulas de Ensino de História e Cinema, ministrada pela Professora Dra. Divania Luiza Rodrigues, no primeiro semestre de 2023, bem como no minicurso conduzido pelo cineasta e Professor Dr. Eduardo Tulio Baggio, que atua no curso de Cinema e no Programa de Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo, na UNESPAR (*Campus de Curitiba*).

A análise de conteúdo na EJA foi focada no tema dos filmes selecionados, o resumo da história e posterior decomposição das cenas. No processo de decomposição das cenas, primeiro, teve uma descrição das mesmas e, em seguida, a identificação de elementos de análise, de relações e possíveis discussões e problematizações dos temas.

Com esses filmes, foi possível aprender História por meio do cinema, de forma reflexiva, envolvendo os conteúdos educacionais e obrigatórios da EJA. Os objetivos foram além de selecionar situações cotidianas que remetem à percepção de mudança, pertencimento e memória, resgatando seu lugar no tempo e espaço. Buscou-se também identificar e organizar, temporalmente, fatos da vida cotidiana, usando noções relacionadas ao tempo (antes, durante, ao mesmo tempo e depois). Objetivou-se ainda aprender História e desenvolver a percepção de que as pessoas possuem vivências importantes e precisam valorizar suas histórias de vida, bem como refletir temas educacionais e históricos por meio da análise de produções fílmicas (Campo Mourão, 2020. p. 59).

Abordamos, por meio do Cinema, as memórias do(a) público da EJA. Nessa atividade, abriu-se o diálogo em formato de roda de conversa, considerando a compreensão do cinema como Arte. Com essa intervenção, possibilitou-se desenvolver melhor entendimento do

enredo e investigar a respeito da relação dos(as) educandos(as) com os filmes, se estavam apreciando e se vendo enquanto sujeitos com vivências importantes que permeiam sensibilidades, memórias e histórias de vida.

Salientamos que registramos os momentos por meio de anotações, gravações em áudio e fotografias sendo necessárias para investigação e análise no processo de aprendizagem. No caso do presente projeto, a criação dos filmes foi o Produto Final, o qual objetivou “gerar conhecimento que possa ser disseminado, analisado e utilizado por outros profissionais dessa área nos diferentes contextos em que são mobilizadas diferentes formas de representação do passado” (Universidade Estadual do Paraná, 2016).

§1º A natureza desse trabalho final, a despeito do formato que possa vir a assumir, deve traduzir obrigatoriamente as três dimensões trabalhadas ao longo do curso: (i) a apropriação dos estudos e debates recentes sobre as temáticas trabalhadas; (ii) a criticidade em termos do conhecimento e práticas acumuladas na área e (iii) as possibilidades de produção e atuação na área do ensino de História que contribuam para o avanço dos debates e a melhoria das práticas do profissional de História dentro e/ou fora da sala de aula. Para tal ele constará de duas partes: uma parte crítico-analítica (dimensões i e ii) e uma parte propositiva (dimensão iii).

§2º O produto final pode assumir diferentes formatos como: texto dissertativo, documentário, exposição ou projeto de exposição; material didático; projeto de intervenção em escola, museu ou espaço similar, a condição que incorpore as três dimensões anteriormente explicitadas (Universidade Estadual do Paraná, 2016).

Além disso, após assistirem aos filmes, os(as) educandos(as) foram convidados(as) a identificar as sensações, sentimentos e sentidos que cada obra, em sua organização específica, pode despertar. Por essa razão, foi realizada a escolha das obras filmicas: a) “A chegada do trem na estação”, dirigida por Louis Lumière e Auguste Lumière, e b) “Onde fica a casa do meu amigo?”, dirigida por Abbas Kiarostami.

Seguimos reflexivamente a escolha da análise interna que “centra-se no filme em si enquanto obra individual e possuidora de singularidades apenas a si dizem respeito” (Penafria, 2009, p. 7). Incluímos fotogramas para reflexões e esse suporte didático foi sequenciado, pois, segundo a autora, isso se faz importante para não cair somente no embelezamento no texto, mas sim “transformá-los num instrumento de trabalho” (Penafria, 2009, p. 7).

Chegaram os dias de exibir os filmes. Eles foram acessados por meio de links e visualizados através do projetor multimídia (data show). No entanto, durante a preparação para a qualificação, a pesquisadora conseguiu baixar o filme dos irmãos Lumière, mas, devido

aos direitos autorais do filme de Kiarostami, não foi possível reproduzi-lo por cópia. Como alternativa, foi adquirido um DVD original em um sebo de filmes online, como medida de precaução caso os links fossem excluídos da internet. Até o momento das exibições, as obras cinematográficas continuavam acessíveis pelos seus links.

Esses filmes foram disponibilizados aos educandos da EJA por meio de links ¹¹da internet, o que notamos pode enriquecer o ensino de História, promovendo uma aprendizagem mais reflexiva e acessível. Realmente, a velocidade e o alcance das informações, como aponta Fonseca (2006, p. 134), “[...] faz com que, por exemplo, os alunos que vivem nos lugares mais afastados dos grandes centros urbanos tenham acesso ao mesmo tempo” (Fonseca, 2006, p. 134). Assim, ao disponibilizar esses filmes de forma digital, ampliamos as possibilidades de acesso, especialmente aos educandos da EJA, que têm dificuldades de frequentar a escola e/ou de acessar outros meios de comunicação. Essa prática revelou-se uma forma de acessar os filmes, tornando o ensino mais inclusivo.

Durante as implementações, foram levantadas questões reflexivas e estudados dados específicos dos filmes, como: título original e em português, ano, gênero, duração, sinopse, pontos de vista e sentido narrativo. Foram abordadas perguntas como: Onde está a câmera? Há sons? Como a história acontece? Como ela é contada? Qual cena remete às suas vivências ou se compara com elas? Na sua opinião, qual é a cena principal? E, por fim, qual foi a sua conclusão sobre o filme? Essas respostas estão apresentadas a seguir no trabalho.

2.1 Irmãos Lumière – “A chegada do trem na estação” - Irmãos Lumière, França, 1895, 1min

Os irmãos Lumière, junto com seus “operadores”, foram gravar cenas do cotidiano. O filme “A chegada do trem na estação” (Quadro 2) foi exibido em uma sala escura para pessoas que, até então, conheciam outros meios de contar histórias em sequência, como ilustrações.

Quadro 1 - Informações sobre o filme "A chegada do trem na estação", dos irmãos Lumière

¹¹ O documentário “A chegada do trem na estação” pode ser assistido em: <https://www.youtube.com/watch?v=CUgvS7i4TDg>. O filme “Onde fica a casa do meu amigo?” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CUgvS7i4TDg>.

Título (em português):	A Chegada do Trem na Estação
Título original:	<i>L'arrivée d'un train à La Ciotat</i>
Ano:	1895
País:	França
Gênero:	Documentário
Duração:	50 segundos
Sinopse:	Mostra a entrada de um comboio puxado por uma locomotiva a vapor em uma estação de trem na cidade costeira francesa de La Ciotat. Como a maioria dos primeiros filmes de Lumière, consiste em uma visão única, ilustrando um aspecto da vida cotidiana. Não há nenhum movimento de câmera intencional aparente, e é um filme composto por um disparo contínuo em tempo real.
Diretores:	Louis Lumière, Auguste Lumière
Produtores:	Louis Lumière, Auguste Lumière
Fotografia:	Louis Lumière
Produtora:	Société Lumière

Fonte: <https://filmow.com/a-chegada-de-um-trem-a-estacao-t9461/ficha-tecnica/> (2024).

Conforme Fresquet (2020, p. 65), “A lenda conta que, ao se projetar ‘A chegada do trem’, muitas pessoas saíram correndo espantadas da sala”. Mesmo sem comprovação, é interessante imaginar como as pessoas podem ter ficado assustadas ao ver a cena pela primeira vez, especialmente na época em que o cinema ainda era uma novidade. E faz sentido que, com o cinema 3D, experiências semelhantes tenham acontecido (como ocorrido com a própria pesquisadora), já que essa tecnologia também consegue criar sensações de imersão e surpresa.

O fotograma 1 mostra pessoas descendo e subindo em uma estação de trem há mais de 100 anos, capturado pelos irmãos Lumière, que foram pioneiros na filmagem. Eles fixaram a câmera para registrar um momento cotidiano, ajudando a criar o cinema como conhecemos hoje.

Fotograma 1 - Cena do filme “A chegada do trem na estação” (1895)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=CUgvS7i4TDg> (2024).

Trabalhar com os educandos da EJA usando o filme “A chegada do trem na estação” foi uma forma de conectar o passado com o presente, ajudando-os a entender como o cinema transformou-se e a importância de apreciar essa arte. Ao comparar o tempo daquela época com a vida cotidiana de hoje, proporcionamos uma reflexão sobre as mudanças na sociedade, no trabalho e na tecnologia.

A pesquisadora escolheu esse filme justamente por mostrar uma temporalidade diferente, mas que ainda mantém elementos do cotidiano que vivemos hoje, como estações de metrô e ônibus. Isso ajuda a reforçar a ideia de que, apesar das mudanças na tecnologia e no tempo, certas experiências humanas permanecem constantes. Além disso, o objetivo de demonstrar que é possível criar um filme de um minuto (ou até menos) no Ensino de História é importante, pois valoriza a criatividade e a capacidade de expressar ideias de forma rápida e impactante. Assim, o cinema se torna uma ferramenta pedagógica e de memória, pois pode eternizar histórias e reflexões, mesmo em curtos espaços de tempo.

A escolha do filme também teve como objetivo sensibilizar os educandos da EJA, incentivando-os a vivenciar a experiência de criar seus próprios filmes de um minuto, com câmera fixa, assim como fizeram os irmãos Lumière. Essa abordagem, além de proporcionar uma noção básica da história do cinema, possibilitou introduzir conceitos essenciais da linguagem cinematográfica, como enquadramento e plano, conforme mencionado por Fresquet (2020, p. 68). Essa aproximação inicial com a arte de fazer cinema na escola não só despertou o interesse e a sensibilidade dos estudantes, mas também os motivou a produzir suas próprias obras, como podemos conferir no terceiro capítulo da dissertação.

2.1.1 *Implementação filmica no Ensino de História: Um minuto Lumière e a relação tempo e espaço com o filme “A Chegada do Trem na estação”*

Bittencourt (2008, p. 199) destaca que as noções de tempo e espaço são essenciais tanto para a pesquisa quanto para o ensino de História, pois ajudam a construir a compreensão social do mundo. Por isso, a escolha do filme “A chegada do trem na estação” dos irmãos Lumière é bastante justificada, já que essa obra clássica captura um momento importante na história do cinema e, ao mesmo tempo, ilustra conceitos fundamentais de tempo e espaço. Essa escolha permitiu aos estudantes da EJA refletirem sobre como o tempo e o espaço são representados e percebidos na narrativa visual, contribuindo para uma compreensão mais profunda da construção social da história.

Inicialmente, na implementação, foi lançada uma pergunta que os(as) educandos(as) estranharam: “o que podemos fazer em um minuto?” Responderam: “nada” e “não dá para fazer nada de bom”. Essa ação mostra como uma simples pergunta pode gerar dúvidas e até resistência inicialmente, como os(as) educandos(as) responderam: “nada” e “não dá para fazer nada de bom”. Mas, ao lançar a reflexão “Será?”, a docente conseguiu abrir espaço para o pensamento crítico e a reavaliação das próprias respostas. Uma educanda então comentou que em um minuto poderia fazer muita coisa, o que ajudou o grupo a entender que o tempo, mesmo que curto, pode ser suficiente para realizar ações significativas. Essa estratégia de provocar reflexão foi fundamental para que os(as) estudantes da EJA repensassem suas percepções e compreendessem melhor os objetivos do projeto.

A imagem 5, ao mostrar as respostas dos(as) educandos(as) sobre o que podemos fazer em um minuto, revela como eles(as) expressaram suas ideias de forma espontânea e participativa. Ao registrar as opiniões na ordem de fala deles(as), a pesquisadora valorizou a diversidade de pensamentos e incentivou a reflexão coletiva. Essa atividade ajudou os(as) estudantes a perceberem que, mesmo em um curto espaço de tempo, é possível realizar ações variadas e significativas, reforçando a importância do tempo em diferentes contextos.

Imagem 5 - Professora registrando na lousa as opiniões dos(as) educandos(as) sobre o que podemos fazer em um minuto



Fonte: Acervo pessoal.

Em seguida, na imagem 6, exibimos o filme “A chegada do trem na estação”, dos irmãos Lumière. Houve uma reação de surpresa ao perceberem que o filme era antigo, e alguns estudantes questionaram sua idade, querendo saber quantos anos ele tinha. Três educandas comentaram que não desejavam assistir ao filme, alegando que isso seria uma perda de tempo, e expressaram preferência por ler, escrever e estudar português. Apesar das reclamações, seguimos com o planejamento das atividades previstas.

Imagem 6 - Educandos(as) assistindo “A chegada do trem na estação”, dos irmãos Lumière



Fonte: Acervo pessoal.

Após a exibição do filme, realizamos uma roda de conversa. Durante o diálogo, explicamos quem foram os irmãos Lumière, o que produziram e o objetivo de assistir ao filme. Nesse momento, houve uma redução nas reclamações e indagações por parte dos estudantes sobre o motivo de estarem assistindo a “um” filme, e foi esclarecido que a aula havia começado desde o início da exibição. Em seguida, a pesquisadora explicou a importância de aprender com a disciplina de História, destacando que existem metodologias de ensino que, além de contribuir para o aprendizado da disciplina, enriquecem o currículo de conteúdos históricos.

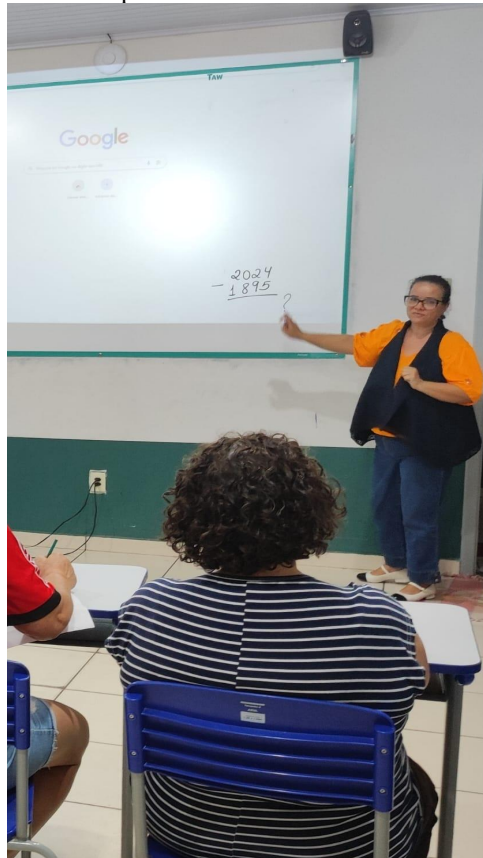
Continuamos explicando que não se tratava de “um” filme qualquer, mas sim “o” filme que contemplava os conteúdos programados da EJA e alinhava-se aos objetivos da pesquisa. Até então, os(as) educandos(as) ainda não valorizavam o ensino de História. O perfil dessa turma era de preferência por aulas que não saíssem do tradicional, pois apresentavam resistência a novas metodologias de ensino e tinham como método de aprendizagem favorito o uso do quadro, caderno, caneta e cópia. Após as explicações e discussões, os(as) educandos(as) aceitaram assistir ao filme e participar das questões de discussão por meio da roda de conversa.

Elencamos os questionamentos feitos durante a roda de conversa, juntamente com as respectivas respostas dos(as) educandos(as). O primeiro questionamento abordou a relação do tempo presente no filme. Algumas respostas foram: “Não tem mais trem como antes, agora é

circular, Uber, motoristas de aplicativos e mototáxi”; “O povo é de outra época”; “As roupas”; “Sei lá, tem filmes preto e branco hoje em dia também?” (Educandos(as) da EJA, 2024).

Ainda em roda de conversa, ilustrada na imagem 7, como segundo questionamento, foi perguntado quantos anos haviam se passado desde a criação do filme pelos irmãos Lumière. Para responder a essa questão, realizamos a subtração na lousa. Os(as) educandos(as) demonstraram surpresa ao verificar que já se passaram 129 anos desde a invenção: “Morreram faz tempo. Virou pó”; “Hoje fazer um filme é mais fácil”; “Não gosto de filme, prefiro estudar letras e continhas”; “História não precisa estudar muito”; “Mudou muito as coisas no tempo”; “As pessoas usavam roupas bonitas” (Educandos(as) da EJA, 2024).

Imagem 7 - Descobrindo o tempo transcorrido entre o ano atual com a criação do filme



Fonte: Acervo pessoal.

Por conseguinte, a docente perguntou se os(as) discentes observaram a câmera e o modo como foi gravado “A chegada do trem na estação”, questionando se achavam que a câmera estava parada ou em movimento. A maioria dos(as) estudantes percebeu que a câmera estava parada numa estação. Em seguida, explicamos como os irmãos Lumière filmavam seus cotidianos, utilizando a câmera parada para captar momentos específicos. As respostas dos

estudantes foram transcritas pela pesquisadora. Além dessas, outras reflexões foram propostas durante a roda de conversa na discussão em grupo, conforme listado abaixo.

- a. Como sabemos se o filme é antigo?
- b. Como identificamos no filme alguma marca temporal?
- c. Qual é a parte que achou interessante?
- d. Esse filme pode ser utilizado como documentário ou não? Comente sua resposta.
- e. Como o filme se relaciona com o cotidiano humano? Imagine você filmando 1 minuto com a câmera parada. O que selecionaria para fazer o vídeo?

A partir dessas reflexões, obtivemos as seguintes respostas: nas questões “a” e “b”, os(as) educandos(as) afirmaram que perceberam o filme antigo e a marca temporal por meio das vestimentas e da imagem. Na questão “c”, aqueles que responderam comentaram que gostaram do jeito que carregavam os objetos, alguns destacando a sensação de pressa, enquanto outros mencionaram as vestimentas. Na questão “d”, os(as) estudantes não souberam responder, pois não compreendiam o que era um documentário e o confundiram com documentos particulares, como carteira de identidade e registro de nascimento. Essa questão foi então explicada e exemplificada com o próprio filme assistido, destacando suas características e a diferença entre esse gênero e outros tipos de filmes. Quanto à questão “e”, as respostas indicaram que o filme se relaciona com o cotidiano humano devido às vivências de cada pessoa; alguns(as) disseram que filmariam “a rua”, “as flores” ou “a família”. Nessa última pergunta, a maioria dos(as) discentes permaneceu em silêncio.

2.2 Abbas Kiarostami – “Onde fica a casa do meu amigo?”, 1987, Drama/Ficção, 1h 23min

“Kiarostami, como todos os verdadeiros contadores de história, sabe que a simulação é importante e que, ao confundir ficção e realidade, estimula a crença do espectador, o inclui e o incita a ver no filme não só um divertimento, como também uma reflexão.” (Niney, 2016, p. 130).

A poesia possibilita a resignificação de experiências e, ao mesmo tempo, transcende as palavras, permitindo que o indivíduo que lê o poema estabeleça uma conexão única. Um poema pode ser relacionado ao mundo de maneira significativa, despertando no leitor sensações, sentimentos, realidades e sonhos. Por meio da leitura ou do simples ato de ouvir

uma poesia, há uma intenção de expressar-se tanto para si quanto para o mundo, ampliando as possibilidades de compreensão e expressão humanas.

“Abbas Kiarostami (Teerã 1940 - Paris 2016) foi um cineasta, fotógrafo e poeta iraniano” (Kiarostami, 2018). A poesia de Kiarostami é vista como uma extensão do seu cinema, compartilhando características como simplicidade e sinceridade. O seu livro “Nuvens de Algodão” exemplifica essa sensibilidade, apresentando composições poéticas que capturam momentos de sensibilidade e contemplação. Podemos sentir um pouco de sua poética com:

Se eu estou contigo
sofro,
se eu estou comigo
temo
por onde vai a ausência do ser? (Kiarostami, 2018, p. 17).

Por que é importante mencionar a poesia nesta pesquisa? Compreendemos que a menção à poesia na pesquisa serve para destacar como a expressão artística e poética é fundamental para o desenvolvimento dos educandos, especialmente na EJA. Conhecer o trabalho de Abbas Kiarostami, seus filmes e poemas, ajuda os estudantes a internalizarem experiências e saberes relacionados à expressão poética. Além disso, a leitura e apreciação de poemas na sala de aula incentivam os alunos a valorizarem a arte, estimular a sensibilidade e fortalecer a conexão com o mundo das emoções e da criatividade. É uma forma de enriquecer o processo de ensino e aprendizagem e de promover uma educação mais humanizada e expressiva.

Ao abordarmos o gênero textual poesia, estamos promovendo o ressignificar de reflexões, problematizações e vivências das experiências humanas, que se incorporam de forma natural na interconexão com o ensino de História. Dessa maneira, a poesia atua como uma ferramenta que enriquece a compreensão do passado ao estabelecer conexões emocionais e reflexivas com as experiências humanas ao longo do tempo.

Os motivos que influenciaram a escolha do filme de Abbas Kiarostami pela pesquisadora foram o fato de que esse cineasta retrata vivências e valores humanos sob o olhar de uma criança, promovendo uma perspectiva sensível e autêntica. Além disso, Kiarostami costumava gravar seus filmes com pessoas comuns, selecionando indivíduos que viviam nos locais escolhidos para as filmagens. Ele também os iniciava na arte de fazer

cinema, ensinando-os durante o processo, o que reforça seu compromisso com a valorização da experiência humana e a democratização do acesso à produção cinematográfica.

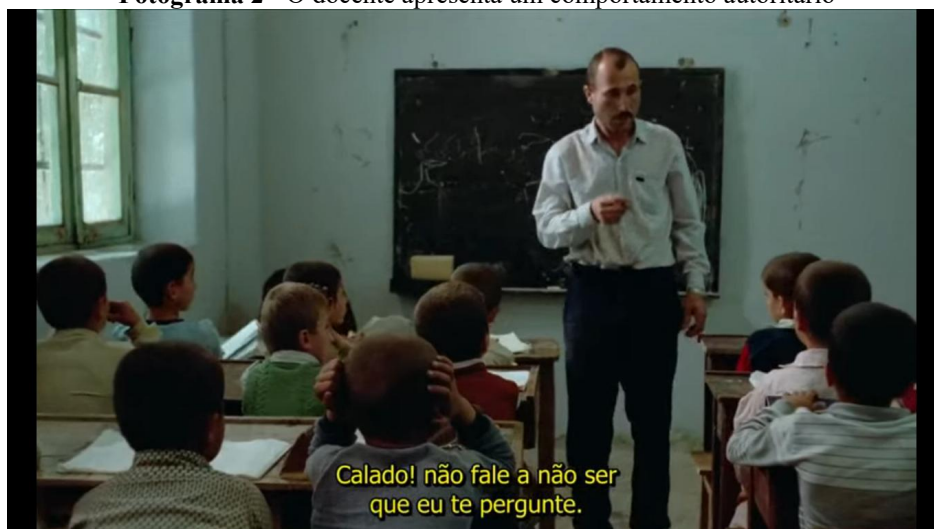
Acreditamos que esse lado de ensinar e envolver as pessoas na produção cinematográfica remonta ao período em que Abbas Kiarostami trabalhava em uma instituição educativa, criando filmes curtos de cunho pedagógico. Segundo Bergala (2019), o filme “Onde fica a casa do meu amigo?” é acessível a todas as crianças, independentemente de sua origem ou localidade no mundo, pois elas conseguem compreender a sua mensagem.

Bergala (2012) destaca que o filme consegue estabelecer uma conexão profunda com o público infantil, permitindo que as crianças se identifiquem com os personagens e suas experiências. Além disso, afirma que Kiarostami, ao trabalhar com crianças, “conta a história do mundo vista pela criança” (Bergala, 2012; 2019), reforçando seu compromisso em retratar a visão infantil de forma autêntica e sensível. De nossa experiência com jovens e adultos, podemos afirmar que eles também, por meio desse filme, conseguiram estabelecer uma profunda conexão com o mundo adulto.

No contexto da sala de aula da EJA, realizamos a captura de algumas cenas do filme, que consideramos as principais, denominando-as “fotogramas”. Essa seleção nos ajudou a destacar e dar mais sentido às cenas mais importantes que compõem o filme. A seguir, apresentamos alguns fotogramas para que o leitor possa conhecer melhor as especificidades do filme.

O filme começa com os estudantes na sala de aula, sob a orientação de um professor autoritário, conforme mostrado no fotograma 2.

Fotograma 2 - O docente apresenta um comportamento autoritário



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=EstZtXbcZHA> (2012)

No fotograma 3, a cena mostra, em primeiro plano, uma criança triste (o amigo Mohammed), que parece angustiada porque o professor está brigando com ele e ameaçando expulsá-lo da escola caso não entregue a tarefa pronta. É importante destacar que o medo domina toda a sala de aula, como podemos perceber ao observar um garoto na mesma imagem, também visivelmente amedrontado.

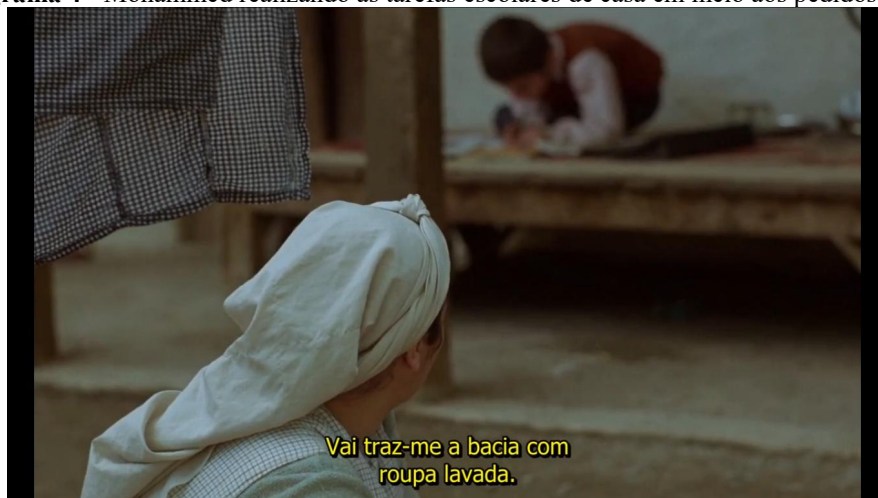
Fotograma 3 - Mohammed sendo oprimido pelo professor



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=EstZtXbcZHA> (2012).

No fotograma 4, a mãe insiste constantemente para que o filho interrompa a tarefa escolar de casa para realizar tarefas domésticas.

Fotograma 4 - Mohammed realizando as tarefas escolares de casa em meio aos pedidos da mãe



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=EstZtXbcZHA> (2012).

Quando se senta para fazer a tarefa da escola, Ahmed percebe que pegou o caderno do amigo e diz para a mãe que precisa devolvê-lo, mas ela não percebe a grande importância que isso representa para o filho e sem se importar com a situação, nega sua ida ao vilarejo. Contudo, o pequeno de olhos expressivos vai escondido.

Com base no texto, podemos entender que a cena mostra uma marca usada por Kiarostami no filme, que envolve a rebeldia da criança e o começo da busca pelo amigo. No entanto, essa atitude da criança pode não ser simplesmente rebeldia, mas também uma expressão de consciência e um ponto de vista diferente da criança em relação aos adultos. Ou seja, o comportamento da criança pode refletir uma forma de entender o mundo de maneira própria, o que não necessariamente é rebeldia, mas uma perspectiva diferente.

O fotograma 5, abaixo, mostra o caminho para Poshteh, destacando a estrada em zigue-zague e, no topo, uma árvore. Essa composição pode simbolizar a transição entre dois momentos - o fim de uma etapa e o início de outra - representando a busca pelo amigo e a aventura de encontrar sua casa.

Fotograma 5 - Ahmed correndo para Poshteh com a intenção de entregar o caderno para o amigo



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=EstZtXbcZHA> (2012).

Essa obra traz atitudes e sentimentos sensíveis por meio do olhar de uma criança. Esse drama de Kiarostami “chama atenção à relevância da educação na criação de uma nova geração articulada e socialmente consciente” (Mulvey, 2016, p. 141).

No filme, observa-se que os adultos demonstram, em relação à criança, comportamentos marcados pela indiferença - como é o caso da mãe e dos parentes idosos de Ahmed -, bem como atitudes de crueldade e autoritarismo, representadas principalmente pelo professor. Essa postura revela pontos importantes de reflexão: as crianças estão inseridas em

uma sociedade onde tanto pais quanto educadores tendem a tratá-las com um misto de negligência e severidade. Isso evidencia a necessidade de dar às crianças voz e um ponto de vista próprio.

Outro fator relevante na escolha deste filme foi a oportunidade de levar os(as) educandos(as) da EJA a compreenderem e valorizarem seu próprio ponto de vista, sem a influência negativa de outras pessoas. A intenção é que percebam que expressar suas opiniões e valores não representa um ato de rebeldia, mas sim uma forma legítima de afirmar sua identidade e autonomia.

2.2.1 Implementação filmica no Ensino de História: “Onde Fica a casa do meu amigo?”, vivências e sensibilidades humanas, de Abbas Kiarostami

Antes da exibição do filme aos(às) educandos(as) da EJA, foram apresentadas algumas informações preliminares, como o título original e em português, o ano de lançamento, o gênero, a duração e a sinopse.

No quadro 1, podemos reunir as informações que obtivemos sobre o filme, para posteriormente compartilhar com os estudantes da EJA. Essa organização facilita a troca de conhecimentos e promove uma compreensão mais aprofundada da obra.

Quadro 2 - Informações sobre o filme "Onde fica a casa do meu amigo?", de Abbas Kiarostami

Título (em português):	Onde fica a casa do meu amigo?
Título original:	<i>Khane-ye dust kojast?</i>
Ano:	1987
País:	Irã
Gênero:	Drama/Ficção
Duração:	1h 23min
Sinopse:	O filme demonstra a simplicidade e a percepção de vida pelos olhos de uma criança. Apresenta a história de um garoto que precisa entregar o caderno do amigo para que ele faça o dever de escola e não seja expulso pelo professor opressor e autoritário. A história envolve a compaixão humana e solidária por meio do protagonista Ahmed, com toda uma forma poética ao enredo do filme condizente à visão do “cinema como forma de arte”. Esse trabalho é o primeiro da trilogia Koker de Abbas Kiarostami e foi escolhido para trabalhar no ensino de História, na educação de jovens e adultos, porque o filme pode contribuir na aprendizagem dos(as) educandos(as), nas sensibilidades e vivências humanas com valores de forma inocente.
Roteiro:	Abbas Kiarostami
Direção de fotografia:	Farhad Saba
Som:	Asghar Shahverdi, Behruz Moavenian e Jahangir Mirshekari
Montagem:	Abbas Kiarostami e Naamet Allah Alizadeh
Produção:	Kanoon, Instituto para o Desenvolvimento de Crianças e Jovens Adultos
Elenco:	Ahmad Ahmadpur e Babak Ahmadpur

Fonte: Autoria própria.

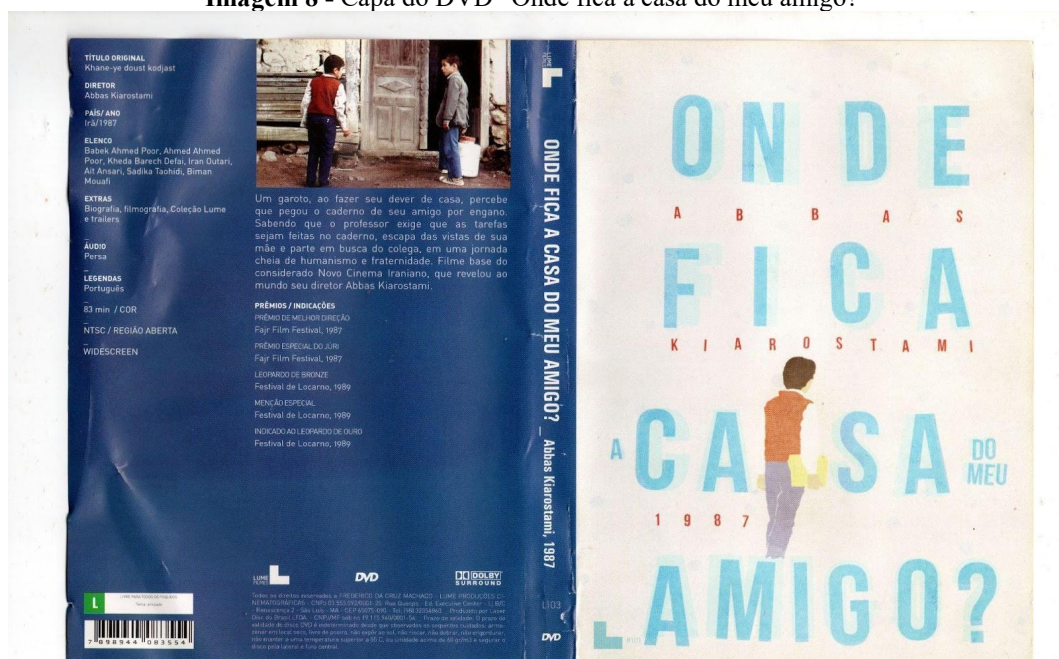
Por se tratar de um filme longo e considerando a resistência da turma em assistir a obras audiovisuais, a exibição foi dividida em três dias. Optamos por não apresentar apenas trechos, pois a proposta era compreender a narrativa visual como um todo, valorizando a história de pessoas pertencentes a uma “história menor” (Pereira, 2017) e um protagonista capaz de despertar sensibilidades humanas.

Comentamos com os(as) educandos(as) que o filme não era brasileiro, pertencia ao gênero drama e que sua produção era iraniana. Explicamos também que os(as) artistas falavam em persa, e não em Língua Portuguesa, e que o filme seria exibido com legendas. Imediatamente, os(as) discentes questionaram como conseguiriam entender a história, já que muitos deles não sabiam ler.

A pesquisadora questionou se, de fato, a dublagem seria indispensável para compreender um bom filme. Afirmou que os(as) educandos(as) poderiam se surpreender com a potência da linguagem cinematográfica e com as diversas formas de leitura que ela possibilita. Lembrou, ainda, que os filmes dos irmãos Lumière não possuíam falas nem legendas, e, mesmo assim, foram plenamente compreendidos por eles(as) mesmos(as). Na EJA, intervenções com perguntas e momentos dialógicos são estratégias fundamentais, pois promovem a reflexão e favorecem a reconstrução do conhecimento.

Outro uso pedagógico bastante importante, orientado por Penafria (2009), é a análise da capa do filme, pois ela nos permite identificar e apresentar elementos essenciais da obra. A seguir, a imagem 8 mostra a capa utilizada do filme “Onde fica a casa do meu amigo?” para a apropriação de conhecimento, conforme os direcionamentos de Penafria (2009), além de oferecer uma ideia geral do filme em questão. Essa estratégia inicial visa que os(as) educandos(as) conheçam os pontos principais da obra e tenham uma visão geral do enredo, sem revelar detalhes importantes ou o desfecho do filme.

Imagem 8 - Capa do DVD “Onde fica a casa do meu amigo?”



Fonte: Acervo pessoal.

Dessa forma, constatamos que todos(as) os(as) educandos(as) observaram, na capa do filme, além da leitura e análise da sinopse, outras informações como: prêmios e indicações, faixa etária recomendada, elenco, duração, país e ano de produção, direção, título original, além de áudio e legenda. Demonstraram interesse ao observar a imagem da capa: dois personagens, um de costas e outro de lado, mostrando parcialmente o rosto. Também questionaram qual dos meninos iria atrás do amigo com o caderno.

A pesquisadora permitiu que a discussão acontecesse entre os(as) estudantes, sem interferir, incentivando-os a inferir suas próprias pressuposições. A maioria afirmou que seria o garoto de lado, enquanto outros alegaram que seria o de costas. Dona Maria Augusta comentou que, na sua opinião, seria o de costas, pois na capa o personagem também aparece dessa forma, sem mostrar o rosto. Os(as) estudantes então questionaram a pesquisadora sobre essa dúvida, e optamos por deixá-los descobrir a resposta no momento de assistir ao filme.

No caso do filme “Onde fica a casa do meu amigo?”, a capa serviu como uma ferramenta para os estudantes da EJA terem uma ideia geral do filme, conhecendo os pontos principais do enredo sem revelar detalhes importantes ou a conclusão da história. Essa abordagem ajudou a despertar o interesse e a compreensão inicial, preparando os(as) alunos(as) para uma análise mais aprofundada posteriormente.

A imagem 9 mostra os(as) educandos(as) assistindo ao filme na sala de aula. Após a exibição, realizamos apontamentos e promovemos comparações entre partes do filme e suas

próprias vivências, estimulando a reflexão sobre os temas abordados e fortalecendo a conexão entre o conteúdo cinematográfico e as experiências pessoais dos(as) estudantes.

Imagem 9 - Educandos(as) assistindo ao filme na sala de aula



Fonte: Acervo pessoal.

Logo após assistirem ao filme, as luzes foram acesas e, como uma forma de sensibilizar e promover uma reflexão sobre a análise do filme, a pesquisadora leu aos educandos da EJA uma poesia que homenageia Abbas Kiarostami e expõe sua obra cinematográfica com escrita poética.

Endereço

“Onde fica a casa do amigo?”
perguntou o cavaleiro ainda no limiar da aurora.
O céu parou um instante.
Um Passante ofereceu à escuridão das Areias
o ramo de luz que trazia nos lábios,
com o dedo apontou um álamo e disse:
“Antes daquela árvore
há uma alameda mais verde que o sono de Deus
e lá o amor tem um azul do mesmo tamanho
que as penas da sinceridade.

Segue até o fim dessa rua, que termina atrás da adolescência,
e então dobre em direção da flor da solidão.
a dois passos da flor,
fica ao pé da fonte dos mitos eternos da Terra

e um medo transparente te dominará.
 Na intimidade que flui no espaço, ouve um roçar:
 olha uma pequena criança
 que subiu num alto pinheiro para apanhar
 [um filhote no ninho da luz,
 e, então, pergunta a ela:
 “Onde fica a casa do amigo?” (Sepehri, 2004)

Abbas Kiarostami é amplamente conhecido pelos filmes que criou, mas poucos sabem que o cineasta iraniano também escrevia belas poesias. Para a apreciação com os estudantes da EJA, escolhemos o poema “Endereço” de Sohrab Sepehri, poeta e pintor iraniano. Em sua magnitude e simplicidade, remete ao filme “Onde fica a casa do meu amigo?”, que narra a história de uma criança que precisa encontrar o colega para devolver seu caderno.

Ao entrarem em contato com o filme “Onde fica a casa do meu amigo?”, os(as) discentes deixaram suas impressões:

Eu era igual a esse menino. Ninguém me escutava e as coisas importantes pra mim não importava para eles (Jorge, 2024).

Fui criado em tempo antigo e minha criação era que eu não tinha voz não. Era igual a esse menininho do filme (Jorge, 2024).

Ninguém escuta o coitado (Jhonatan, 2024).

Não gosto de filmes. Quando a aula vai começar? (Maria Diair, 2024).

Não precisa saber o que estão falando para entender os sentimentos deles no filme (Maria Augusta, 2024).

O patrão do meu pai sempre pedia para entregar leite na fazenda vizinha. Ia sempre eu e meu irmão, pois não íamos para a roça. Era longe (Maria Augusta, 2024).

Eu tenho vida boa só estudo (Jhonatan, 2024).

Em vez do professor ensinar ele ia namorar e deixava nós trancados numa salinha (Maria Diair, 2024).

Não gosto de filmes, mas esse está bem legal. Lembra a vida da gente (Cesar, 2024).

As respostas dos educandos revelam uma conexão profunda entre suas próprias experiências e os temas abordados no filme. Muitos deles se identificam com a figura do menino que não é ouvido, refletindo uma sensação de invisibilidade e falta de voz em suas

vidas, especialmente aqueles que cresceram em tempos mais antigos ou em contextos de criação rígida, onde as opiniões das crianças eram desconsideradas. Como Jorge e Cesar mencionam, sentir-se ignorado ou não escutado é uma experiência comum, reforçando a ideia de que, muitas vezes, suas vozes eram silenciadas.

Alguns estudantes também compartilham aspectos de suas rotinas e dificuldades, como Maria Augusta ao falar sobre tarefas na fazenda e a distância até a roça, ou Jhonatan ao valorizar o estudo como uma conquista. Outros demonstram uma relação emocional com o filme, reconhecendo nele elementos que lembram suas próprias vidas, como Cesar, que afirma que o filme é bem legal porque lembra sua realidade.

Por outro lado, há estudantes como Maria Diair que expressam desinteresse por filmes ou questionamentos sobre o momento da aula, indicando preferência por outros métodos de aprendizagem. Ainda assim, a maioria reconhece a importância do conteúdo emocional do filme para compreender os sentimentos dos personagens, mesmo sem entender todas as palavras.

Em síntese, essas impressões evidenciam que o filme tocou questões relevantes às experiências de vida dos educandos da EJA: a busca por reconhecimento, o sentimento de invisibilidade e as dificuldades cotidianas. Essas reflexões reforçam a importância de utilizar recursos audiovisuais como ferramentas pedagógicas para promover diálogo e valorização das histórias pessoais dos estudantes da EJA.

Os fotogramas, segundo Penafria (2009), são importantes e fundamentais na análise fílmica. Eles nos permitiram trabalhar com as cenas principais dos filmes e explorar as semelhanças de vivências dos(as) educandos(as), suas nuances e possibilidades de focalizar o olhar para aquela cena capturada na imagem sem o movimento.

Na imagem 10 podemos conferir a seleção de fotogramas que fizemos do filme “Onde fica a casa do meu amigo?”, de Abbas Kiarostami. Essa seleção foi surgindo à medida que assistiam ao filme, e durante a exibição, os próprios(as) educandos(as) iam comentando as cenas que se pareciam com suas vivências. A pesquisadora, após montar os fotogramas conforme a imagem 10 e embasada nos estudos de Penafria (2009), trabalhou em sala de aula com a turma da EJA por meio de roda de conversa. Nesse momento dialógico com os(as) educandos(as), foi possível se emocionar com as histórias e as comparações entre os fotogramas e suas experiências e histórias de vida.

Imagem 10 - Fotogramas selecionados para reflexões com a turma da EJA

Fonte: Seleção de fotogramas pela autora no site: <https://www.youtube.com/watch?v=EstZtXbcZHA> (2024).

Quanto aos fotogramas, o resultado foi satisfatório, pois todos(os) os(as) educandos participaram de forma espontânea e entusiasmada. No que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem no ensino de História, foram indicadas as partes que despertaram interesse, relacionadas às suas vivências e memórias. Além disso, dentro de cada especificidade, ocorreu um debate reflexivo, no qual os(as) discentes compararam suas experiências pessoais com os fotogramas apresentados. Entre os temas abordados e observados nos fotogramas, destacaram-se questões como trabalho infantil, a condição do idoso na sociedade, solidão, autoritarismo, a falta de sensibilidade do professor e o percurso longo que alguns estudantes enfrentavam desde casa até a escola.

2.3 Metodologia da produção de vídeo documentário na Educação de Jovens e Adultos

Compreendemos que, antes de abordar com os(as) educandos(as) o processo de gravação e produção dos filmes documentários, era fundamental que entendessem o que é um documentário. Para facilitar essa compreensão, o conteúdo foi adaptado à realidade dos(as) discentes dos anos iniciais da Educação de Jovens e Adultos. Como base para essa instrução, utilizamos obras de especialistas no tema, que serão apresentadas nos parágrafos seguintes.

Fernão Pessoa Ramos aponta que “a qualificação de uma narrativa como documentário, até bem pouco tempo, era negada por parcela de nossos críticos” (Ramos, 2008, p. 21). Essa negação tem raízes históricas na década de 1960, período marcado pelo chamado modo clássico, que tendia a confundir a parte com o todo (Ramos, 2008).

Já na década de 1990, consolidou-se o consenso de que o documentário é um campo que vai além da sua forma narrativa mais clássica. Desde então, diversas discussões, conceitos e preceitos têm sido formulados sobre o que caracteriza um documentário, reconhecendo sua pluralidade e diversidade de abordagens (Ramos, 2008).

Sobre o termo “documentário”, Ramos (2008) destaca que sua principal vantagem é carregar um conceito rico em conteúdo histórico, associado a movimentos estéticos, autores, formas narrativas e transformações radicais - todos articulados em torno de um eixo comum: a narrativa baseada em imagens captadas por câmeras. Ainda dentro dessa perspectiva, o autor define o documentário como:

[...] narrativa com imagem-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmeras e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados (Ramos, 2008, p. 22).

Penafria (2001), por sua vez, traz a definição de documentário da seguinte forma:

Um documentário pauta-se por uma estrutura dramática e narrativa, que caracteriza o cinema narrativo. A estrutura dramática é constituída por personagens, espaço da acção, tempo da acção e conflito. A estrutura narrativa implica saber contar uma história; organizar a estrutura dramática em cenas e sequências, que se sucedem de modo lógico (Penafria, 2001, p. 09).

Assim, realizar um documentário envolve muitos fatores, inclusive reflexões e planejamentos. Ao planejar o documentário, o “documentarista não deve ser visto como um meio para transmitir determinada realidade” (Penafria, 2001, p.7) e sim constitui “já uma intervenção na realidade”, levando em consideração que o documentário não é do “documentarista nem dos intervenientes, também é dos espectadores” (idem).

Como Vega (2023) destaca, o estilo do documentário é bastante diverso, abrangendo filmes de diferentes tamanhos que, além de informar, também convidam à reflexão sobre a situação apresentada, incluindo tema, ambiente e personagens. Além disso, Penafria (1999) reforça que o documentário evita o mero sensacionalismo, focando na construção de um argumento com uma identidade própria. Isso significa que o documentário busca apresentar a realidade de forma responsável e autêntica, promovendo uma compreensão mais profunda do tema abordado, sem apelar para sensacionalismos que possam distorcer ou exagerar os fatos.

Eduardo Tulio Baggio (2022, p.116) descreve o conceito de cinema como algo que “pode ser chamado de dialógica e experiencial”, e relaciona o “filme enquanto obra artística e o processo de espetatorialidade”. Nesse sentido, o cinema como algo “dialógico e experiencial”, significa que ele além de uma obra artística, também é uma experiência com o mundo real e que envolve a interação do espectador. Ou seja, o filme documentário convida a uma troca com o mundo real.

Assim, acredito que o conceito de cinema documentário só faz sentido, só existe, se pensarmos em um cinema que dialogue com a experiência do mundo fático, ou seja, trata-se de uma tipologia fílmica que não pode ser analisada apenas em sua constituição enquanto representação estruturada pelos elementos internos ao filme (Baggio, 2022, p. 115).

Fernão Pessoa Ramos (2008, p.23) explica que o documentário está ligado a “asserções sobre o mundo histórico”, ou seja, ele lida com a interpretação de fatos e acontecimentos reais. Ainda, ele define o documentário como um gênero que busca representar a realidade, interpretando e apresentando fatos de forma que possam oferecer uma compreensão/interpretação do mundo e da história. Assim, o autor define documentário como:

[...] uma representação narrativa que estabelece asserções com imagens e sons, ou com auxílio de imagens e sons, utilizando-se das formas habituais da linguagem falada ou escrita (a fala da locução, ou a fala dos homens e mulheres no mundo, ou ainda entrevistas e depoimentos), ruídos ou música (Ramos, 2008, p. 81).

Tomado como referência as abordagens desses autores e contextos teóricos e educacionais, é que nos propusemos a ensinar e a criar com os(as) educandos(as) da EJA seus próprios documentários. Antes de produzirem seus filmes, eles(as) receberam explicações sobre como realizar um vídeo, o que foi muito importante. Essa experiência foi semelhante à que a pesquisadora viveu nas aulas de Ensino de História e Cinema do ProfHistória, conforme relatado anteriormente. Após todo o processo de ensino e aprendizagem, é que eles(as) puderam realizar seu primeiro filme.

Pensando em ajudar na prática de criar filmes, usamos com os(as) educandos(as) da EJA a metodologia de produção do vídeo documentário de Alicia Vega ¹²e Fernão Pessoa Ramos. Essa abordagem é ótima porque apresenta conceitos básicos de forma simples e acessível para todas as idades.

Iniciamos o processo de criação de vídeos com os estudantes da EJA explicando que a planificação cinematográfica, ou enquadramento, são escolhas relacionadas à posição da câmera em relação aos elementos considerados importantes. Para isso, utilizamos, como mostra a imagem 11, os planos mais utilizados na cinematografia. Segundo os estudos e a experiência de Alicia Vega (2023, p. 45), esses planos são: “plano médio, plano americano, primeiro plano e plano geral”.

Imagem 11 - Tipos de Planos



Fonte: Caderno “Linguagem Cinema” de Alicia Vega (2023, p.45).

Para refletirmos sobre a importância do plano na cinematografia, também nos apoiamos nos estudos e na experiência de Alain Bergala (2008, p. 125), que afirma que “um

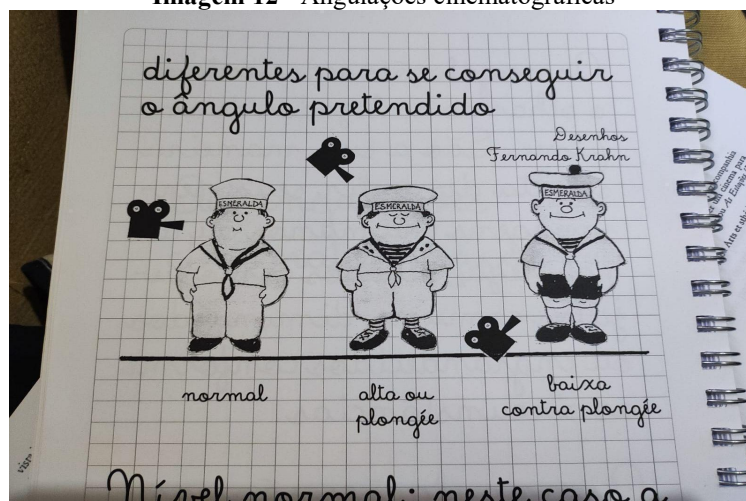
¹² Alicia Vega é uma educadora, cineasta e pesquisadora chilena. Ela escreveu os cadernos “Linguagem Cinema”, “Filmes” e “Doze Brinquedos”. O texto mencionado neste capítulo refere-se ao Caderno “Linguagem Cinema”.

plano bem escolhido pode ser suficiente para testemunhar simultaneamente a arte de um cineasta”. Essa compreensão mostra que escolher bem os planos é um dos primeiros passos importantes para aprender a fazer filmes, especialmente no contexto escolar.

Alicia Vega (2023, p. 55) nos lembra da relevância das angulações cinematográficas, que são como uma “maneira secreta de sentir seus personagens”. No nosso estudo, isso se aplicou aos objetos que cada estudante da EJA escolheu para filmar. Pudemos experimentar diferentes posições da câmera - no nível normal, alta ou baixa - usando o celular, para criar diferentes efeitos e sensações na narrativa.

Na imagem 12, podemos ver, de acordo com Vega (2023), as diferentes posições de câmera que ajudam a alcançar o ângulo desejado. Essas posições são importantes porque influenciam como a cena será percebida pelo espectador, transmitindo emoções e sensações específicas.

Imagem 12 - Angulações cinematográficas



Fonte: Caderno “Linguagem Cinema” de Alicia Vega (2023, p. 56).

Com o método de Alicia Vega, conseguimos ensinar aos(as) discentes da EJA que os celulares podem ser posicionados de diferentes formas para criar efeitos variados na filmagem. Como na ilustração, colocar o celular no nível normal significa que ele fica na mesma altura do sujeito ou do cenário. Na angulação alta, a câmera fica em uma altura maior que o personagem ou a paisagem, dando uma perspectiva de superioridade ou destaque. Já na angulação baixa, o celular fica mais próximo do chão, abaixo do personagem, criando uma sensação de poder ou de uma visão mais imponente.

Foi importante os(as) educandos(as) entenderem como posicionar o celular na hora de gravar seus vídeos, pois isso influencia bastante na forma como a história será percebida.

Como diz Vega (2023, p. 55), as “angulações representam o olhar do realizador de um filme”, ou seja, a maneira como ele escolhe mostrar os personagens e o cenário. Dessa forma, é possível fazer os personagens “diminuídos ou engrandecidos” e, assim, parecerem mais importantes ou menores, dependendo do ângulo usado. Essa técnica ajuda a transmitir emoções e a criar diferentes efeitos na narrativa.

Outro momento importante é a tomada documentária que acontece quando alguém está segurando uma câmera ou gravador enquanto observa o mundo ao seu redor. Nesse momento, as formas e volumes do que está sendo filmado deixam seu rastro na imagem ou no som, como se estivessem “correndo” ou passando pelo suporte. É como se a câmera fosse uma janela que captura a realidade de forma mais direta e espontânea, mostrando o que o sujeito está vendo e ouvindo naquele momento (Ramos, 2008).

Ao conversarmos com os educandos da EJA sobre a tomada documentária, observamos, conforme Ramos (2008, p. 82), que o sujeito câmera possui uma importância que vai além de levar fisicamente o suporte técnico, pois envolve a “subjetividade que é fundada no espectador”. Ou seja, o sujeito câmera não é apenas uma pessoa que registra, mas também carrega uma subjetividade que influencia a forma como o espectador percebe o conteúdo. Isso significa que o sujeito câmera, além de capturar imagens, transmite uma perspectiva e uma narrativa que envolvem o espectador, tornando-o um sujeito ativo na construção do sentido.

E é por isso que podemos dizer que a imagem fotográfica, a imagem-câmera em sua generalidade, é transparente. É na experiência da tomada pelo espectador, através da fôrma perspectiva da imagem-câmera, que se define o sujeito câmera em seu modo de existir: em presença, pela fruição espetatorial (Ramos, 2008, p. 84).

Em nossa prática de ensino na EJA, os(as) educandos(as) tiveram a experiência de atuar como “sujeito câmera”, escolhendo como posicionar os celulares para gravar e desenvolvendo o roteiro com base no objeto gerador que escolheram. Dessa forma, eles(as) puderam compreender suas próprias intenções e expectativas em relação ao filme que estavam criando, tornando o processo mais participativo e significativo.

A partir do referencial de Ramos (2008, p. 76), que define a expectativa em criar e realizar o filme, como uma “suposição” baseada na “intenção do agente”, podemos compreender que, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), as expectativas dos(as) educandos(as) em relação à criação de um documentário refletiram suas próprias intenções, desejos e projeções sobre o processo. Essas expectativas se manifestaram desde o momento

inicial de escolha do objeto, planejamento e elaboração de perguntas de como fazer e o que fazer até as ações concretas de produção do filme.

Ao consumir-se essa expectativa, os(as) educandos(as) compreenderam que suas ações tinham um impacto direto no resultado final. Além disso, esse processo evidenciou uma interação entre o desejo de aprender, expressar suas realidades e contribuir com uma produção audiovisual que representasse as suas experiências de vida. Assim, essa expectativa funcionou como um elemento motivador, influenciando as escolhas feitas ao longo do processo de criação dos filmes.

2.4 Uso de história de vidas por meio dos objetos geradores no Ensino de História na EJA

Quando pensamos no teatro, na fotografia, na literatura, na poesia e na música, percebemos que esses elementos são verdadeiros alicerces que podem contribuir bastante para a aquisição de conhecimentos em diversos contextos. Acreditamos que o cinema, no nosso caso, atua como uma forma de arte e um instrumento de aprendizagem no ensino de História. Além de enriquecer o ensino de História na EJA, ele também se mostra um elemento muito importante para as práticas pedagógicas, ajudando na aprendizagem de forma geral.

Nós concordamos com as autoras quando dizem que “nas práticas escolares, os conhecimentos curriculares não devem se distanciar da realidade” (Rodrigues; Oliveira, 2022, p. 80). Por isso, propusemos trabalhar com histórias de vida, incentivando cada educando(a) a pensar em um objeto gerador (Ramos, 2016) que tivesse algum significado especial para ele(a) e que pudesse contar sua própria história. Através desse objeto gerador, foi possível ouvir histórias repletas de experiências vividas, perceber a passagem do tempo e, ao mesmo tempo, valorizar a importância de cada um(a) se reconhecer como um(a) sujeito importante, que construiu e continua fazendo parte de uma história.

Segundo Ramos (2016, p. 70), é importante “exercitar o ato de ler objetos” e estudar a história que está na materialidade das coisas, assim como fazemos ao “ler palavras”. Essa ideia de leitura de objetos, conforme Ramos, tem como referência o educador Paulo Freire, que foi o criador das palavras geradoras na alfabetização de jovens e adultos.

Quando utilizamos objetos na “educação histórica”, é importante fazer “perguntas em sintonia como os recortes temáticos”, assim como sugere Ramos (2016, p. 71). Isso ajuda a aumentar o interesse, especialmente no nosso caso, com os(as) educandos(as) da Educação de

Jovens e Adultos dos anos iniciais. Além disso, Ramos destaca que, para o adulto, ao contrário da criança na escola, escolher um objeto que tenha significado em sua vida está ligado a uma maior coesão e coerência. Essa escolha envolve aspectos afetivos, temporais, espaciais e o domínio sobre o objeto, tornando a experiência mais significativa e conectada à sua história pessoal. O autor acrescenta ainda que:

O importante nesse sentido, é também perceber o domínio do objeto sobre o sujeito, não no intuito de simplesmente inverter uma relação de poder historicamente constituída na modernidade, mas para buscar outras formas de ser e estar no mundo e com o mundo (Ramos, 2016, p. 74).

Nessa perspectiva, não se deve relacionar o objeto apenas como uma lembrança; ele pode servir como ponto de partida, mas não deve ser interpretado como um fim em si mesmo, ou seja, deve partir da realidade do(a) educando(a). No entanto, é importante não permanecer apenas nessa realidade (Ramos, 2016). Acreditamos que Ramos (2016) nos orienta a lidar com o objeto não pelo objeto em si, mas utilizando um modo que “consiste na reflexão sobre as tramas entre o sujeito e o objeto” (Ramos, 2016, p. 73). O autor destaca que o “objeto [1] primeiro do trabalho com objeto gerador é exatamente motivar as reflexões” por meio de narrativas (Idem).

Ramos (2016) recomenda o uso de objetos que tenham um “papel decisivo”. Ele dá exemplos como uma fotografia que pode gerar conflitos, roupas que despertam sentimentos, um ônibus que contribuiu para uma conversa “entre dois futuros amigos”, uma caneta que ajuda a esclarecer um crime, objetos que carregamos na bolsa, entre outros. É importante destacar que, por meio desses objetos, “vão se criando condições para diálogos sobre e com o mundo dos objetos” (Ramos, 2016, p. 74).

Partindo desse entendimento, é importante esclarecer que é viável começar a partir da realidade do aluno, mas não devemos ficar apenas nela (Bergala, 2016). Afinal, o processo de aprender envolve a complexidade do conhecimento, que inclui tanto os saberes científicos quanto as experiências de vida. Assim, podemos enriquecer a aprendizagem na EJA ao integrar esses diferentes tipos de saberes, promovendo um aprendizado mais completo e significativo.

Ramos (2016, p. 88) destaca que a literatura “tem um papel fundamental para fazer vínculos entre o ensino de História e a História dos objetos” (Ramos, 2016, p. 88). Essa relação está relacionada à percepção das conexões “entre os seres humanos e suas coisas

materiais” (idem). Assim, os donos desses objetos carregam uma relação que reflete uma diversidade de sentimentos, ligados ao tempo e ao espaço, que se eternizam nas lembranças.

No próximo capítulo, poderemos explorar a riqueza que há na materialidade dos objetos escolhidos para fazer o filme na turma da EJA, mostrando como eles podem revelar histórias e memórias importantes.

CAPÍTULO 3

O ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIO DA CRIAÇÃO DE DOCUMENTÁRIOS

“O documentário não é um “espelho da realidade” não apresenta a “realidade tal qual, ao combinarem-se e interligarem-se as imagens obtidas in loco está-se a construir e a dar significado à realidade, está-se o mais das vezes não a impor significados, mas a mostrar que o mundo é feito de muitos significados” (Penafria, 1999, p. 1).

No capítulo terceiro, o foco está na descrição e análise dos filmes produzidos pelos(as) educandos(as) da Educação de Jovens e Adultos (EJA), valorizando não apenas o produto final, mas também todo o processo de criação. A apresentação dessas produções ocorreu durante a cerimônia de formatura da turma, momento que evidenciou o potencial educativo do fazer cinema com estudantes dessa faixa etária.

Primeiramente queremos dizer que o trabalho de ensinar História por meio da criação de vídeos documentários apresentou desafios significativos para a pesquisadora, especialmente devido ao perfil dos(as) educandos(as) da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Uma das principais dificuldades foi o fato de que esses(as) estudantes não tiveram experiências anteriores com filmes na infância, o que dificultou o engajamento inicial com essa metodologia. Antes de exibir o filme, constatou-se que apenas um(a) discente tinha o hábito de assistir filmes regularmente, sendo seu gênero preferido o “faroeste”, enquanto os demais acreditavam que assistir a filmes na escola era uma perda de tempo.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho, constatamos que os(as) estudantes que não tinham o hábito de assistir a filmes na infância tiveram suas experiências de vida marcadas por responsabilidades adultas precocemente assumidas. Esses(as) alunos(as) passaram grande parte de sua infância envolvidos com tarefas domésticas, como cuidar da casa e dos irmãos mais novos, o que os(as) afastou do universo cinematográfico na infância.

Essa realidade revela como as condições socioeconômicas e familiares influenciaram o acesso às experiências culturais e de lazer dos estudantes da EJA, impactando também na formação de seus gostos e interesses. Compreender esse contexto foi fundamental para planejar estratégias pedagógicas para envolver os(as) estudantes, reconhecendo suas vivências, histórias e experiências e oferecendo oportunidades de ampliar seu repertório cultural.

Essa resistência ou falta de familiaridade com o universo cinematográfico revelou a necessidade de sensibilizar e motivar os(as) estudantes para o uso dessa ferramenta pedagógica. A ausência de experiências prévias com filmes impactou, inicialmente, na compreensão e na valorização do recurso audiovisual como instrumento de aprendizagem.

Portanto, esse cenário evidenciou a importância de contextualizar e adaptar as estratégias pedagógicas às vivências dos(as) alunos(as) da EJA, promovendo uma introdução gradual ao uso do cinema como recurso educativo, com o intuito de ampliar suas possibilidades de compreensão histórica.

Bergala (2012; 2019) destaca a importância do cinema na infância, afirmando que ele “tem, evidentemente, a ver com a infância” (Bergala, 2019, p.13), pois é nesse período que ocorrem muitas das descobertas essenciais para a compreensão do mundo. O autor ressalta que, na infância, as sensações e experiências são intensas e marcantes, mas que, à medida que as pessoas crescem, essas percepções tendem a se perder ou se diluir ao longo do tempo. Segundo Bergala (2019, p. 13),

Há algo muito importante na infância: temos uma espécie de revelação do mundo através do cinema. Quando já somos adolescentes, quando já temos vinte anos, é um pouco tarde e o encontro com o cinema não é tão essencial, tão impactante. Então, é por isso, que é muito importante que quando houver oportunidade tentemos fazer de modo que o encontro com o cinema aconteça quando as crianças são pequenas. Depois, fica guardado. Elas não se separam mais do cinema (Bergala, 2019).

A afirmação de Bergala de que a experiência do cinema é mais impactante na infância, tornando-se menos essencial na adolescência e na vida adulta, pode ser observada na turma da EJA, onde inicialmente havia uma desmotivação em assistir filmes. Essa resistência pode estar relacionada ao conceito de que, com o passar do tempo, as experiências cinematográficas perdem um pouco de sua força emocional e impacto, conforme sugerido por Bergala.

No entanto, ao trabalhar o Ensino de História por meio do cinema com essa turma, esse pré-conceito foi sendo gradualmente superado. Através da seleção cuidadosa de filmes relevantes e envolventes, os estudantes começaram a apreciar a arte do cinema de forma progressiva. Essa mudança demonstra que, mesmo em fases posteriores da vida, como na EJA, o cinema pode despertar interesse e proporcionar experiências significativas, contrariando a ideia de que seu impacto diminui com a idade. Assim, o trabalho mostrou que o cinema tem

potencial de transformar percepções e estimular a motivação para aprender, independentemente da fase da vida.

O aprendizado ao longo do mestrado ProfHistória destacou a importância da reflexão tanto na área de ensino de História quanto na de Cinema. Segundo o Dicionário Michaelis (2024), “reflexão” é definida como o “ato de pensar o próprio pensamento; ato do conhecimento que se volta sobre si mesmo, tendo objeto seu próprio ato”. Essa definição evidencia que a reflexão envolve um processo de autoanálise e de questionamento crítico, permitindo uma compreensão mais profunda dos temas estudados.

No contexto do ensino e da pesquisa, entendemos que essa prática da reflexão é fundamental, pois incentiva os estudantes e pesquisadores a examinarem suas próprias ideias, percepções e métodos, promovendo um aprendizado mais consciente e significativo. Ao integrar a reflexão nas abordagens pedagógicas e acadêmicas, tornou-se possível desenvolver uma visão mais crítica e autônoma, essencial para compreender as complexidades tanto da área de História quanto do Cinema. Assim, o exercício reflexivo se revelou uma ferramenta pedagógica para aprimorar o entendimento e estimular o crescimento intelectual.

Então, durante as implementações com os(as) estudantes da EJA, levantamos a seguinte reflexão: por que as escolhas filmicas “A chegada do trem na estação” e “Onde fica a casa do meu amigo?”, sendo que o primeiro tem a duração de um minuto e o segundo é legendado? Lembramos que os(as) educandos(as) não conseguiam acompanhar as legendas nas leituras. Trazemos outra indagação: desde quando o bom filme precisa ser dublado para ser entendido? Para refletirmos sobre essas questões, recorreremos à definição de “bom filme”, feita por Bergala (2012; 2019): “Um bom filme não é um filme que apenas conta uma história. É alguém que tem um universo, alguma coisa dele e no filme, encontramos sua maneira de ver o mundo e de pensar a vida, etc.” (Bergala, 2019, p.5).

O trecho de Bergala (2019) que fala sobre “ver o mundo e pensar a vida” realmente tem uma relação profunda com crianças e adultos que crescem assistindo filmes, pois eles ajudam a ampliar a compreensão do mundo e a refletir sobre a própria existência. Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), buscamos dar vida a esse significado, pois entendemos que o cinema pode ser uma ferramenta pedagógica para que os(as) estudantes não só vejam o mundo, mas também (re)pensem suas vidas e suas histórias, especialmente no ensino de História.

Muitos discentes trazem experiências de vida marcadas por estigmas ou dificuldades pessoais, e, por isso, muitas vezes não se percebem a importância da disciplina de História ou

não se veem como seres humanos de grandes vivências. Assim, defendemos e percebemos que utilizar o cinema nesse contexto pode ajudar a valorizar suas histórias, promover o reconhecimento de suas experiências e estimular uma reflexão mais profunda sobre suas trajetórias, contribuindo para que se percebam como sujeitos de história e de suas próprias vidas.

É interessante notar que, inicialmente, a pesquisadora tinha uma preocupação em começar as aulas na EJA apresentando ideias e conceitos teóricos, focando nas definições conceituais. No entanto, ao longo dos estudos, percebemos que o mais importante é iniciar conhecendo o que os discentes sabem, suas experiências com os filmes, com o que sabem e pensam previamente a respeito dos conteúdos. Esse primeiro momento, nos ajudou a entender a necessidade de estabelecer uma conexão com as experiências dos(as) educandos(as) e, posteriormente, trabalhar esses conceitos. Como Bergala (2012; 2019) afirma, é fundamental iniciar a aprendizagem do cinema pelo campo das experiências do(a) educando(a). Dessa forma, ao partir das experiências dos próprios discentes, o ensino de História se tornou mais reflexivo, possibilitando a valorização de suas trajetórias e vivências.

Ao longo da dissertação, buscamos promover ações pedagógicas que envolvessem os discentes da EJA de forma significativa, usando o cinema como ferramenta pedagógica, inicialmente, para refletir sobre temas educacionais e históricos por meio da análise de produções fílmicas. Começamos com o clássico “A chegada do trem na estação” dos irmãos Lumière, pois esse filme marca o início do cinema como arte e permitiu aos estudantes refletirem sobre uma sociedade de há 129 anos. Além disso, ao explorar a ideia de filmar em um minuto com a câmera parada, incentivamos os estudantes a perceberem quantos elementos históricos podem ser captados em um curto espaço de tempo, promovendo uma compreensão mais profunda do potencial do cinema como ferramenta de registro e análise histórica.

Depois, ao trabalhar com o filme de Abbas Kiarostami, que também utiliza elementos como câmera parada ou com poucos movimentos, continuamos a explorar o potencial do cinema como uma ferramenta de reflexão e expressão artística. Acreditamos que essas atividades proporcionaram momentos importantes de reflexão para os(as) estudantes, ajudando-os a compreender o cinema não apenas como ilustração de conteúdos, mas como uma forma de arte que transmite significados profundos. Essa sequência de ações certamente fortaleceu a conexão dos(as) discentes com as questões abordadas, valorizando suas próprias experiências na construção do conhecimento histórico e artístico.

Um dos objetivos mais desafiadores do nosso trabalho foi vivenciar a experiência de fazer cinema na escola, utilizando e explorando os recursos e suportes disponíveis aos(as) educandos(as) da EJA, além de promover diálogos sobre os processos de criação com eles(as). Assim, neste terceiro e último capítulo, apresentamos, no ensino de História, os objetos geradores escolhidos pelos(as) educandos(as) da EJA, seus relatos, experiências de vida, bem como a organização e a exibição do filme.

Diante desses objetivos, tecemos para reflexão final as seguintes indagações: todos(as) os(as) discentes aprenderam História por meio do cinema? Conseguiram valorizar suas próprias histórias? Perceberam a importância que suas experiências têm no âmbito familiar e social? O cinema, enquanto forma de Arte, contribuiu para a aprendizagem e o ensino de História dos(as) educandos(as)? E, por fim, os jovens e adultos saíram do sentimento de invisibilidade para um nível maior de autovalorização?

3.1 Relatos e vivências no Ensino de História com os estudantes da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Urupês de Campo Mourão

Como professora da Educação de Jovens e Adultos, posso afirmar que foi e continua sendo muito gratificante trabalhar com cada estudante. Cada um carrega consigo ricas experiências de suas vivências e histórias de vida, que, quando partilhadas e dialogadas em sala de aula, promovem uma maior interação e favorecem as práticas pedagógicas.

É importante dizer que, realizar práticas educativas novas na EJA exige cuidado e atenção, pois sem um planejamento bem elaborado e objetivos claros e refletidos, corremos o risco de perder esses estudantes na escola, o que pode levar à evasão escolar. Quando os alunos percebem que as atividades não atendem às suas necessidades ou que estão apenas “perdendo tempo”, podem optar por ficar em casa, afastando-se do ambiente escolar. Por isso, é fundamental pensar estratégias que envolvam e valorizem as experiências de cada estudante, promovendo um aprendizado significativo e engajador.

Os desafios relacionados à falta de valorização do ensino de História pelos(as) educandos(as), bem como a preferência inicial por não assistir filmes, foram diminuindo à medida que as ações pedagógicas foram sendo implementadas em sala de aula. Sempre incentivamos os(as) estudantes a terem perseverança e a manterem o foco em seus objetivos, reforçando que, com estudo e dedicação, é possível alcançar o que desejam. Dessa forma, fomos aprendendo e ensinando, até que conseguimos chegar à etapa de gravação dos filmes.

Gostaria de destacar que o desenvolvimento deste trabalho, desde suas várias etapas até chegar ao momento em que os(as) educandos(as) gravaram seus filmes com gosto e dedicação, foi um percurso de sete meses. É importante lembrar que, durante todo esse tempo, seguimos com o planejamento diário do conteúdo proposto na disciplina de História, alinhado ao currículo escolar.

Outro ponto que merece destaque é a metodologia que contribui para a permanência dos(as) educandos(as) da EJA na escola: o professor deve, inicialmente, realizar uma investigação que vá além da simples aprendizagem de conteúdos, buscando traçar um perfil coletivo e individual dos estudantes. É fundamental observar as especificidades de cada um, compreender o que os motivou a estudar e estar atento aos seus relatos, sonhos e vivências. Na nossa opinião, o docente deve observar os sujeitos de sua sala de aula sem fazer julgamentos, compreendendo que “ensinar inexiste sem aprender e vice-versa” (Freire, 1996, p. 13).

Nesses doze anos de trabalho como professora com jovens e adultos, aprendemos que, além de ensinar os conteúdos das disciplinas, nossas práticas devem promover aulas que estimulem a criticidade, a curiosidade e a reflexão dialógica. Em algumas ocasiões, é necessário também desconstruir saberes do senso comum que se afastam dos saberes científicos, pois esses conhecimentos muitas vezes prejudicam a autoestima humana.

Assim, neste capítulo, apresentamos um misto de inquietações profissionais de uma professora que se afastou por um longo período da Universidade e, agora, como pesquisadora, reflete sobre sua própria prática docente à luz de diversos teóricos. Os relatos dos(as) estudantes da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Urupês, nos anos iniciais, são destacados aqui, pois eles narram seus objetos geradores e, com eles, contextualizam suas próprias narrativas e vivências. Essa abordagem buscou compreender as experiências dos(as) educandos(as) e refletir sobre o impacto do ensino de História, permeado pelo gesto criativo do cinema, na formação desses sujeitos.

Considerando a sensibilidade dos(as) educandos(as) da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a carga simbólica presente nas escolhas de seus objetos geradores, a pesquisadora optou, neste trabalho, por apresentá-los de maneira individualizada. Além disso, como forma de reconhecimento e valorização das trajetórias singulares de cada participante, decidiu homenageá-los por meio da inserção de pequenos textos dedicados a cada um, utilizados como epígrafes introdutórias às suas respectivas seções no presente estudo. As epígrafes são de autoria própria da pesquisadora.

3.1.1 *Maria Diair: aprendendo e ensinando e tentando outra vez*

Dona Diair
 Traz vivências, histórias e experiências.
 Mostra seu objeto com orgulho e amor.
 Crochê e o Tricô fazendo parte de seu sustento.
 Terna com sorriso doce
 Mesmo enfrentando desafios constantes
 persistiu dia a dia indo para a escola,
 pois acredita que sonhando
 e com a educação escolar
 se chega aonde deve chegar.
 (Autoria própria da pesquisadora)

Segundo Freire (2016, p. 9), “Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se... Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança”.

De todos os objetos que cercam a vida de dona Maria Diair, ela escolheu aqueles que mais refletem sua história, ou seja, seus objetos geradores: peças em crochê e tricô. Podemos conferir suas escolhas no fotograma 6.

Fotograma 6 - Crochê e tricô - Educanda Maria Diair



Fonte: Acervo pessoal

Nesse registro, vemos dona Diair em sua casa, onde posicionou as peças de crochê e tricô - mantas, casaquinho de bebê, suportes para pratos - sobre o sofá, e fez o registro fílmico. A respeito da escolha dessas peças, ela nos conta a seguinte narrativa:

Meu nome é Maria Diair e eu ensinava fazer coisas de crochê no clube de mães. [...] Eu aprendi a fazer o tricô, pois tinha muita vontade de aprender [...]. E hoje eu agradeço de saber fazer. Esses aqui que escolhi para fazer meu filme e eu faço o crochê e o tricô. E faço muito bem (Maria Diair, 2024).

Dona Maria Diair iniciou seus saberes com o crochê e o tricô ainda quando era pequena. Morava no sítio e conheceu uma senhora que a ensinou a fazer esses trabalhos por meio da confecção de um vestido de noiva. Desde então, ela afirma que não parou mais de aprender e aperfeiçoar suas habilidades. Ela constrói com esmero qualquer modelo de peça de crochê ou tricô, demonstrando dedicação e paixão pelo artesanato.

Depois que entrou na escola, aprendeu a contar as correntinhas do crochê que fazia, pois antes ela baseava suas criações no tamanho, comparando às peças artesanais que tecia com outras que tinha. Um de seus maiores sonhos foi realizado: ter uma escola próxima de sua casa para estudar e aprender, além de conseguir assinar o próprio nome, algo muito importante para ela.

Seu próximo sonho, segundo ela, é terminar os anos iniciais do Ensino Fundamental e seguir para os anos finais, buscando ampliar seus conhecimentos e conquistar novas realizações na sua trajetória educacional.

No seu filme, Dona Maria Diair filmou seus objetos - as peças de crochê e tricô - dispostos sobre o sofá, e narrou sua história com eles. Ela relatou que se ver dentro do filme foi uma experiência emocionante. Em nosso entendimento, sua narrativa revela a importância de expressar suas experiências por meio da linguagem fílmica. Essa vivência reforça como as narrativas audiovisuais podem fortalecer a autoestima, promover reflexões e valorizar as histórias de vida dos estudantes.

3.1.2 Néia: E de tudo que vivemos, o que vou lembrar? Vou lembrar do quanto amar faz bem

Néia
Inteligente
e esforçada na escola.
Ama os animais, e com isso
Carrega o sonho
de ser veterinária.
Superação no presente.
Escolheu objeto que significa
Saudade e amor pela mãe

Reafirmando o quanto amar faz bem.
(Autoria própria da pesquisadora)

Ramos(2016, p. 82), afirma que “conhecer o passado de modo crítico significa, antes de tudo, viver o tempo presente como mudança, como algo que não era, que está sendo e que pode ser diferente”.

De seu universo de objetos, Néia apresenta um coelhinho de pelúcia, que se chama Urso, herdado da mãe, conforme podemos conferir no fotograma 7.

Fotograma 7 - O urso - Educanda Néia



Fonte: acervo pessoal

Na narrativa de Néia, evidencia-se o valor emocional atribuído ao coelhinho Urso, objeto que se constitui como uma importante recordação afetiva preservada por ela, como se observa no relato a seguir:

Estamos fazendo um filme sobre as Histórias dos objetos sentimentais pra gente. Esse ursinho contém uma história muito boa e recordações maravilhosas. Esse ursinho minha mãe ganhou quando ela e meu pai fizeram 30 anos de casamento. Isso foi uns dois anos antes dela falecer. Venho carregando ele comigo desde então. Ele é o modo de lembrar que sempre ela vai estar do meu lado e é uma recordação que gosto de guardar sempre

comigo, porque minha mãe era uma pessoa incrível. Então não tenho muito nem o que falar, mas esse ursinho é muito muito importante pra mim. Os meus filhos já sabem que ele vem passando de herança e futuramente vou deixar para um deles, mas por enquanto o meu bem mais precioso é esse ursinho que era da minha mãe (Néia, 2024).

No campo dos estudos da memória e da afetividade, os objetos pessoais frequentemente funcionam como suportes simbólicos de experiências e vínculos afetivos. Na narrativa de Néia, observa-se a importância atribuída a um brinquedo de pelúcia - um coelhinho chamado Urso - que transcende seu valor material e adquire status de objeto de memória. Segundo o relato da própria Néia, o brinquedo foi originalmente presenteado à sua mãe por ocasião do trigésimo aniversário de casamento com seu pai. Após esse momento, o objeto passou a ser guardado por Néia como uma forma de manter vivo o vínculo afetivo com os pais, especialmente com a figura materna.

O coelhinho, embora infantil em sua forma e nomeado de maneira contraditória como “Urso”, revela-se carregado de significados simbólicos. Ele representa, simultaneamente, a união dos pais, a memória da mãe - descrita como uma pessoa “incrível” - e um elo emocional que se estende para além da ausência física. Ao afirmar que “ele é o modo de lembrar que sempre vai estar do meu lado”, Néia atribui ao objeto a função de presença simbólica, capaz de mediar a continuidade de uma relação afetiva mesmo após a perda.

Esse testemunho reforça a ideia de que objetos geradores podem atuar como catalisadores de memória e identidade. O coelhinho Urso, portanto, integra o conjunto de objetos geradores que não apenas remetem ao passado, mas estruturam a forma como o sujeito se localiza afetivamente no presente.

A experiência de Néia ilustra como a memória familiar pode ser expressa em objetos aparentemente simples, mas profundamente significativos. Ao conservar o brinquedo, ela preserva não apenas uma lembrança, mas também uma narrativa de amor, cuidado e pertencimento.

3.1.3 *Jhonatan: de pelúcia o meu amor tem gosto de infância*

Jovem Jhonatan
Cheio de vida e sonhos
Educando dedicado.
Gosta de estudar e ama nadar.
Com orgulho guarda seus objetos
Existentes mesmo antes dele nascer.

E a cada dia ganhando subsistência.
Escolheu-os, leu-os com ternura e consideração.
(Autoria própria da pesquisadora)

Ramos (2016, p. 88), explica que o “uso dos objetos no ensino de história, na medida em que ressalta as temporalidades dos objetos, na medida em que reafirma que a matéria-prima de cada artefato é o tempo no qual ele ganha existência”.

Jhonatan apresenta seus bichinhos de pelúcia: Luck, o Jacaré e o Cachorrinho, conforme registrado no fotograma 8.

Fotograma 8 - O Luck, o Jacaré e o Cachorrinho - Educando Jhonatan



Fonte: Acervo pessoal.

Jhonatan, aos 15 anos, demonstra um forte comprometimento com os estudos e a prática esportiva, revelando uma trajetória marcada por esforço e determinação na conclusão dos anos iniciais do Ensino Fundamental e na transição para os anos finais. Em seu relato, ele compartilha a importância simbólica de três bichinhos de pelúcia: Luck, o Jacaré e o Cachorrinho, que já existiam antes de seu nascimento. Esses objetos, preservados ao longo do tempo, são guardados por Jhonatan por representarem memórias afetivas significativas. Mais do que simples brinquedos, eles funcionam como marcadores de sua história pessoal, evocando lembranças positivas e reforçando sua identidade e vínculo familiar.

Esses são os meus três bichinhos. O nome deles é Luck, Jacaré e o Cachorrinho. O cachorro foi o primeiro que eu ganhei. É que eu nem tinha nascido ainda, antigamente eu dormia com eles aqui e a mãe dormia também, [...] a mãe está gravando é que ela não tá falando [...]. Então, esses bichinhos são de quando eu nasci, [...] esses são meus bichinhos, o Luck, o jacaré e o cachorrinho. Daí coloquei eles nessa posição para ficar mais fácil. Eu tenho eles não sei desde que ano. Agora eu tenho quinze anos, [...] e estamos juntos ainda... são meus bichinhos de pelúcia, eles vão ficar guardados na minha memória. E não vou dar eles, não, eles são parte da minha vida, porque são meus bichinhos de pelúcia e eu lembro muito a história deles. (Jhonathan, 2024)

3.1.4 *Sr. Jorge: Esse é o mesmo ponteiro que te viu passar e agora quem o vê sou eu*

Senhor Jorge
Carregando consigo expectativas
E superação.
Resolveu obstáculos em suas vivências
Com determinação e esperança.
Trouxe para a sala de aula
a história de seu objeto.
E com apreço e saudades
Rememorou.
(Autoria própria da pesquisadora)

Segundo Freire (1997. p.17), “conviver com a saudade é educá-la também. A educação da saudade tem que ver com a superação de otimismo”. O otimismo faz parte na vida do Sr. Jorge constantemente.

O Sr. Jorge compartilha a história de um relógio herdado de seu pai, conforme registrado no fotograma 9.

Fotograma 9 - O relógio - Educando Jorge



Fonte: Acervo pessoal.

O Sr. Jorge migrou do estado de São Paulo para a cidade de Campo Mourão com o objetivo de reconstruir sua vida. Em sua participação no projeto, escolheu como objeto gerador o relógio herdado de seu pai, já falecido, conferindo à peça um valor ligado à memória afetiva e às experiências familiares.

Sou o Jorge. Estudante da EJA, da vila Urupês de Campo Mourão, e esse é meu objeto que eu tenho e muito valioso pra mim. É um relógio herdado do meu falecido pai. Meu pai usou esse relógio há uns 30 anos e já faz uns 20 anos que eu também uso. Meu pai deixou ele pra mim e é de muito valor na família Souza, por isso que guardo com muito carinho. Então esse é o objeto que eu estimo muito (Jorge, 2024).

No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), da qual passou a fazer parte, relatou, em roda de conversa com os(as) colegas, seu desejo de conquistar um emprego fixo, demonstrando esperança em melhorar sua condição financeira por meio da educação.

Durante uma das aulas, o Sr. Jorge solicitou à professora-pesquisadora autorização para fotografar o quadro. Explicou que desejava enviar a imagem a uma pessoa próxima que duvidava de seu envolvimento com os estudos, utilizando-a como forma de comprovação de sua dedicação. Dias depois, compartilhou com a turma e a professora que havia sido contratado por uma empresa de grande porte na cidade. Ressaltou, com orgulho, que a

fotografia não apenas serviu como prova de seu engajamento escolar, mas também como ferramenta para ajudá-lo a organizar seus horários de trabalho de forma compatível com a rotina escolar. Seu relato evidencia o impacto positivo da EJA em sua trajetória, funcionando como instrumento de afirmação pessoal, transformação social e conquista de autonomia.

3.1.5 Dona Marlene: Meu caderno é prova de minha determinação e nenhum dia meu será em vão

Dona Marlene
Meiga, empenhada e zelosa
Carrega sonhos e desejos
E um deles é saber ler e escrever
com letramento.
Em sua narrativa traz
o Caderno como objeto
De estima e carinho.
(Autoria própria da pesquisadora)

Em sala de aula, Dona Marlene demonstrava-se reservada, falando pouco, mas sempre atenta a tudo o que ocorria. No entanto, ao escolher seu objeto gerador, suas narrativas emergiram de forma espontânea, revelando memórias e experiências pessoais que até então permaneciam silenciosas. Tal movimento confirma a afirmação de Ramos (2016, p. 88), ao destacar que nas “narrativas, os objetos ganham vida juntamente com a vida dos sujeitos”. No caso de Dona Marlene, o objeto escolhido funcionou como catalisador de lembranças, possibilitando a construção de um espaço de escuta e expressão no contexto da EJA.

No Relato 05, Dona Marlene escolheu como objeto gerador o caderno escolar, conforme registrado no fotograma 10. Justificou sua escolha afirmando que esse objeto apenas pôde ser utilizado em sua vida adulta, o que revela uma trajetória marcada por limitações no acesso à escolarização na infância. O caderno, portanto, assume um papel simbólico significativo, representando não apenas a materialidade do processo educativo, mas também a realização de um direito historicamente negado e a valorização da aprendizagem em sua trajetória na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Fotograma 10 - O caderno - Educanda Marlene

Fonte: Acervo pessoal.

Dona Marlene relatou que, durante o período em que foi casada, não teve a oportunidade de estudar, apesar do forte desejo de fazê-lo. A retomada dos estudos na vida adulta, por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), foi marcada por uma experiência emocional significativa: ao adquirir seu primeiro caderno escolar, sentiu uma enorme alegria, pois via naquele objeto a concretização de um sonho antigo. Como ela mesma afirmou: “Meu sonho era escrever meu nome para assinar o documento. E na escola percebi que tenho muito mais para aprender” (Marlene, 2024). Notamos que sua fala evidencia não apenas o valor simbólico do caderno como instrumento de aprendizagem, mas também o reconhecimento de seu próprio potencial como sujeito do conhecimento, reafirmando a importância da EJA como espaço de realização pessoal e emancipação.

Durante uma das rodas de conversa realizadas na EJA, uma fala de Dona Marlene destacou-se pela força simbólica e pelo caráter de afirmação pessoal: “é dona de sua vida e fazedora de sua história” (Marlene, 2024). Essa afirmação evidencia um processo de ressignificação de sua trajetória, no qual a educanda reconhece sua própria autonomia e protagonismo. Em consonância com os princípios da Educação de Jovens e Adultos, a fala reflete a valorização da experiência de vida como parte do processo educativo e a construção de uma identidade empoderada, capaz de exercer o direito à escolha e à aprendizagem contínua.

3.1.6 *Maria Augusta: na minha vida eu sou protagonista*

Dona Maria Augusta
Alegre, determinada
Esforçada e dedicada.
Afirmou que seus sonhos se realizam e mudam
Para sempre para melhor.
No ensino de História aprendeu
Que é protagonista de sua própria vida.
De sua própria História.
(Autoria própria da pesquisadora)

Segundo Freire (1997, p. 47), “Não há mudança sem sonho, assim como não há sonho sem esperança”. Essa bela afirmação contribui para a reflexão sobre o relato 6, no qual a educanda Maria Augusta apresenta o objeto violão, mostrado no fotograma 11, e compartilha seu sonho de tocá-lo.

Fotograma 11 - O Violão - Educanda Maria Augusta



Fonte: Acervo pessoal.

O objeto que eu escolhi, entre outros que eu poderia ter escolhido, é o violão, porque é um sonho de aprender a tocar. Eu não aprendi ainda, então estou com ele guardadinho e não dei ele pra ninguém. Também quero falar pra quem tem vontade de aprender que não pode desistir. É difícil, mas quando você sabe fica fácil. Um dia eu vou falar: nossa não sabia que aprender

violão era tão fácil. Então esse sonho continua, por isso que eu trouxe esse objeto para fazer esse filme.

Dona Augusta manifestou sua gratidão pelos momentos especiais vivenciados no contexto do ensino de História, destacando que, por meio das análises dos filmes apresentados nas aulas, foi possível compreender o valor de uma produção cinematográfica de qualidade (Dona Augusta, 2024). A experiência de realizar o filme a emocionou profundamente, revelando seu sonho de tocar violão e evidenciando a possibilidade de aprender algo novo. Essa vivência contribuiu para que ela compreendesse a importância de ser protagonista de sua própria história e reforçou a valorização do ensino de História como instrumento de transformação pessoal.

3.1.7 *Sr. Cezar: meu trabalho vira uma mensagem*

Sr. Cezar
Estudioso e trabalhador.
Mesmo tendo que trabalhar algumas noites
demonstrou perseverança e otimismo
Ia estudar muitas vezes cansado.
Numa conversa e outra disse que
Gostava de admirar a natureza
E olhar a paisagem cuidada por ele.
Utilizando os objetos:
Instrumentos de trabalho.
(Autoria própria da pesquisadora)

Ramos (2016, p. 74) afirma que, ao escolher o “objeto, a partir de sua inserção significativa na vida cotidiana, há de ter a criação de mais uma atividade que explicita melhor a própria relevância do objeto para quem o colocou na qualidade de objeto gerado”. Essa reflexão do autor se relaciona diretamente com o relato referente ao fotograma 12, no qual o Sr. Cezar apresentou os instrumentos de trabalho que utiliza diariamente. Além de demonstrar apreço por esses objetos, ele destacou sua funcionalidade e ressaltou que eles facilitam de maneira significativa a realização de suas atividades profissionais, evidenciando assim a importância desses instrumentos em sua rotina de trabalho.

Fotograma 12 - Instrumentos de Trabalho - Educando Cezar

Fonte: Acervo pessoal.

O Sr. Cezar demonstrou interesse pelos estudos, embora tenha relatado as dificuldades enfrentadas para conciliá-los com o trabalho, que frequentemente demanda sua presença no período noturno. Apesar dos desafios, afirmou com convicção que não pretende desistir e que busca equilibrar ambas as atividades em sua rotina. Seu trabalho é realizado em uma associação, onde são comuns os alugueis de quadras e saunas durante a noite, o que torna sua jornada ainda mais exigente.

3.1.8 *Sonia: Sonho de um dia conseguir ler e escrever com letramento*

Sonia
 Guerreira, humilde
 Estudiosa e persistente.
 Cheio de sonhos.
 Vivências do aprender
 Com desafios constantes,
 Contudo de uma determinação cotidiana
 De ler e escrever com letramento.
 (Autoria própria da pesquisadora)

Paulo Freire comenta que “Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica re-conhecer” (Freire, 1997, p. 24). E conhecer a si mesmo leva tempo.

Sonia optou por não participar da presente pesquisa e pediu para desconsiderar a autorização assinada por ela. Participou das implementações pedagógicas dos filmes “A chegada do trem na estação” e “Onde fica a casa do meu amigo?”. Embora tenha demonstrado apreço pelos filmes utilizados nas práticas de ensino de História, escolheu não realizar a produção audiovisual nem selecionar um objeto para apresentação.

3.2 A EJA vai ao cinema

A presente pesquisa abordou a importância do ensino de História por meio do cinema, considerando-o simultaneamente como instrumento pedagógico e forma de expressão artística. Durante as implementações realizadas, constatamos que a maioria dos(as) educandos(as) nunca haviam tido a experiência de ir ao cinema, com exceção de Jhonatan, o único participante que relatou já ter frequentado uma sala de exibição cinematográfica.

Ao serem questionados pela pesquisadora sobre os motivos de nunca terem ido ao cinema, os(as) educandos(as) apresentaram respostas variadas, que refletem diferentes dimensões da realidade sociocultural em que estão inseridos. Entre os principais fatores mencionados, destacaram-se a falta de condições financeiras, a ausência de tempo disponível, o fato de a família nunca ter incentivado ou proporcionado a experiência, além do desinteresse pessoal por parte de alguns. As respostas foram coletadas de forma coletiva, sem a identificação individual dos(as) participantes.

A visita da Educação de Jovens e Adultos (EJA) ao cinema surgiu, além de atender a uma necessidade do grupo, a partir de uma conversa entre a orientadora, professora Divania Luiza, e a orientanda durante o rememorar do Congresso Nacional do ProfHistória, realizado em outubro de 2024, na cidade de Belém do Pará. Na ocasião da apresentação do trabalho intitulado “Ensino de História: Histórias de vidas, cinema e processos de criação em vídeos documentários com educandos(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental da modalidade Educação de Jovens e Adultos”, a professora Vera Lúcia Boguea Borges, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), atuando como mediadora do Grupo de Reflexão “Ensino de História e Memória”, questionou a apresentadora sobre quantos estudantes da EJA já haviam ido ao cinema. Ao formular essa pergunta, ela sugeriu que a ida ao cinema pudesse

ser incorporada como mais uma experiência educativa e artística, complementando a riqueza do trabalho até então desenvolvido.

Para aguçar a curiosidade dos(as) educandos(as), na sala de aula, entramos no site do cinema da cidade e os(as) estudantes puderam visualizar online a sala do cinema e o tamanho da tela chamou atenção deles. Para que pudéssemos ir juntos, levamos em consideração o dia e horário que cada um tinha disponível. Nesse instante os fatores desfavoráveis foram o trabalho e os compromissos de fins de semana. O dia e horário escolhido, de acordo, foi sábado durante a tarde. Abrimos o catálogo de filmes e tinha um específico que tanto orientadora quanto orientanda queriam que assistissem, “Ainda estou aqui”, com direção de Walter Salles. Porém, não foi possível por conta dos horários. Ainda olhando o catálogo, os(as) discentes escolheram o filme “O Gladiador 2”, com direção de Ridley Scott. Na sequência, escolheram suas poltronas com a única sugestão de nos sentarmos próximos. Encerramos a compra dos ingressos, escolha das poltronas, a pipoca e água. Fomos ao cinema no dia 7 de dezembro na sessão da tarde.

Para despertar a curiosidade dos(as) educandos(as) na sala de aula, acessamos o site do cinema da cidade, onde eles puderam visualizar online a sala e o tamanho da tela, que chamou bastante atenção. Para organizar a ida ao cinema em grupo, levamos em consideração o dia e horário disponíveis para cada um, tendo como desafio os compromissos de trabalho e finais de semana. Assim, optamos por ir em um sábado à tarde.

Ao consultar o catálogo de filmes, havia uma opção que tanto a orientadora quanto a orientanda desejavam assistir: “Ainda estou aqui”, dirigido por Walter Salles. No entanto, devido aos horários, essa opção não foi possível. Então, os(as) estudantes escolheram assistir ao filme “O Gladiador 2”, dirigido por Ridley Scott. Após a escolha do filme, selecionaram suas poltronas com a sugestão de ficarem próximas umas às outras. Encerramos a compra dos ingressos, a escolha das poltronas, além de pipoca e água. A visita ao cinema aconteceu no dia 7 de dezembro, na sessão da tarde.

O filme “O Gladiador 2”, dirigido por Ridley Scott, apresenta uma nova narrativa centrada na trajetória de Lucius (Paul Mescal). A história acompanha sua captura e transporte para Roma como prisioneiro, até que, ao longo do enredo, ele se torna o senhor dos gladiadores. A produção é repleta de ação, incluindo batalhas entre humanos e combates com animais. Além disso, o filme faz referências e resgates às memórias do primeiro Gladiador, fortalecendo a conexão com a obra original.

Para os estudantes da EJA, a experiência de assistir a um filme pela primeira vez no cinema foi uma oportunidade de conhecer o novo. Foi possível perceber os sorrisos e a alegria que eles demonstraram desde o momento de pegar a pipoca até se encaminharem para a sala onde assistiram ao filme. Além disso, expressaram surpresa ao visualizar o tamanho da tela, tornando esse momento ainda mais especial e marcante para eles.

Embora tenhamos perdido a oportunidade de assistir ao filme “Ainda estou aqui”, que é uma produção brasileira e retrata um período importante da história do Brasil no início da década de 1970, essa experiência de ir ao cinema pela primeira vez foi valiosa. O filme aborda o endurecimento da ditadura militar no país, focando na história da família Paiva - composta por Rubens, Eunice e seus cinco filhos - e na busca de Eunice pela verdade sobre o destino de seu marido, uma jornada que se estenderia por décadas. Mesmo não assistindo ao filme - que conquistou diversas premiações, incluindo o Oscar de Melhor Filme Internacional em 2025 - a vivência de ir ao cinema proporcionou aos(as) estudantes uma nova experiência cultural e artística, ampliando seus olhares sobre o cinema e fortalecendo o vínculo com essa forma de expressão.

3.3 Elaboração da edição, música e sinopse do filme

Após os estudantes da EJA escolherem seus objetos geradores e gravarem de forma individual seus vídeos, a pesquisadora reuniu todas essas gravações. Em seguida, enviou esse material ao editor, que seria responsável por montar o vídeo final, integrando as diferentes contribuições dos estudantes.

Na elaboração da edição do vídeo, enfrentamos alguns obstáculos que dificultaram o processo. Inicialmente, enviamos todos os filmes para o primeiro editor, mas ele não atendeu às expectativas da pesquisadora. O objetivo era que ele montasse um único filme utilizando todas as cenas recebidas, sem incluir música, e respeitando a ordem de entrega dos vídeos pelos(as) educandos(as). No entanto, o editor não seguiu essa orientação, alterando a sequência dos filmes e cortando cenas importantes sem nossa autorização.

Além disso, alguns vídeos apresentaram problemas de áudio, com as falas ficando muito baixas devido aos mecanismos de gravação utilizados pelos estudantes. Essa baixa sonoridade dificultou a compreensão das falas e comprometeu a qualidade do material final. Como o editor cortou cenas por conta própria, sem consultar a pesquisadora responsável, algumas partes essenciais foram removidas indevidamente por ele.

Após os problemas enfrentados com o primeiro editor, decidimos trabalhar com um segundo editor. No entanto, esse segundo profissional também apresentou dificuldades na edição do vídeo. Ele não cortou cenas, mas, por conta própria, inseriu sons de links musicais como fundo junto às falas dos educandos, o que prejudicou a clareza e a compreensão das mensagens. Além disso, ele colocou imagens aleatórias que consideramos fora de contexto e não seguiu as orientações de usar telas pretas com escritas grandes e coloridas para destacar informações importantes. Assim, voltamos para a estaca zero.

Todos esses obstáculos evidenciaram a importância de uma comunicação clara entre o editor e a professora pesquisadora, bem como de atender às orientações durante todo o processo de edição. Além disso, notamos a importância do editor saber respeitar as condições originais das gravações para garantir um produto final fiel ao trabalho dos estudantes e da professora.

Tivemos que recorrer a um terceiro editor. Henrique Ribeiro da Silva foi o profissional cuja edição teve sucesso, pois seguiu todas as sugestões fornecidas. Além disso, antes de executar qualquer tarefa que a pesquisadora não compreendia, ele gravava um vídeo explicando o procedimento e enviava imediatamente, o que facilitou a compreensão e garantiu maior comunicação durante o processo. Em todo momento, ele demonstrou preocupação e foi sempre prestativo. Antes de enviar o material para a edição, a pesquisadora indicava, por meio de minutos e segundos, os trechos que deveriam ser cortados, garantindo maior precisão no processo. Nesse instante percebemos que havia sintonia entre o editor e a pesquisadora possibilitando gradativamente um trabalho prazeroso. E depois de todo o processo, o filme inédito dos(as) educandos de jovens e adultos, ganhou existência no ensino de História.

Na parte seguinte, a pesquisadora teve a indagação de qual música colocar, contudo tinha certeza de que teria ligação com o ensino de História e as vivências dos(as) educandos(as) da EJA. Já que toda criação fílmica era inédita pensamos em músicas curtas apresentando uma linha poética e que relacionasse com o Ensino de História, vivências e objetos de cada estudante. Essas músicas seriam colocadas depois das falas dos(as) estudantes, pois inserindo durante as narrativas não seria possível compreendê-los. Muitas músicas online, gratuitas e sem autoria foram ouvidas, mas nenhuma escolhida.

Convidamos o João Paulo Martins Nogueira e o desafio foi aceito. João Paulo Martins Nogueira é músico, compositor, desenhista e estudante de História na Unespar de Campo Mourão. Nogueira fez a base instrumental e houve momentos que nos reunimos para a criação das músicas. Na criação da trilha sonora a pesquisadora ia relatando características específicas

dos(as) estudantes, mostrava parte do filme, a história do objeto e seu(a) dono(a) e incrivelmente os versos em melodia com o violão iam surgindo. João Paulo e seu processo criativo revelam que ele é um verdadeiro artista, demonstrando talento e sensibilidade em suas múltiplas expressões artísticas.

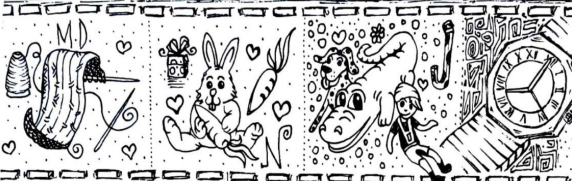
A base musical apresentou 1 minuto e 7 segundos e foi feita e a partir dela as músicas cantadas. Podemos apreciar a base musical feita por Nogueira (2024) a seguir no presente link: <https://drive.google.com/file/d/1YfwVwjriNMpL1s6SHy-gjrRuGiOZxrFI/view?usp=sharing>

Em momento algum foram reveladas aos(as) educandos(as) as particularidades, como a montagem da edição e da trilha sonora, pois essas informações seriam uma surpresa. Além disso, as criações filmicas de cada estudante também não foram divulgadas em sala de aula, e cada educando(a) conhecia apenas o seu próprio filme.

Quanto à Sinopse do filme “Ensino de História: Histórias de vidas, cinema e processos de criação em vídeos documentários com educandos(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA)”. Este filme, produzido pelos estudantes da EJA, explora a relação entre o ensino de História e a valorização das próprias experiências de vida. Através do processo de criação de vídeos documentários, os(as) educandos(as) descobrem a importância de estudar História como uma ferramenta para compreender seu próprio percurso e contexto. Ao envolver-se na produção audiovisual, eles(as) perceberam que são protagonistas de suas histórias, fortalecendo sua identidade e promovendo uma aprendizagem significativa. Uma obra que evidencia o poder do cinema como instrumento de educação e transformação social na trajetória escolar na EJA.

É importante registrar que, além da composição musical, o estudante João Paulo Martins criou uma capa para o filme - conforme a imagem 13 - que apresenta um desenho original feito por ele. Essa contribuição artística reforçou o envolvimento e a criatividade dos(as) estudantes da EJA no projeto. João Paulo desenhou os objetos geradores de cada um(a), acompanhados pelos logotipos da UNESPAR e do ProfHistória, de onde se originou todo o filme. Essas criações na capa, considerando o valor educacional que ela possui, conforme destacado anteriormente, enriqueceram ainda mais a produção do vídeo.

Imagem 13 - Capa e Sinopse do filme



Ensino de História: histórias de vidas, cinema e processos de criação em vídeos documentários com educandos(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA).




PROFISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



Ilustração : João Paulo Martins Nogueira

Nesta obra há Ensino de História, cinema, memórias, autoconhecimento, valorização e protagonismo dos(as) discentes da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Urupês da Cidade de Campo Mourã

Sinopse

O filme relaciona com o Ensino de História e sua importância no processo de aprendizagem no âmbito escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Trata-se de histórias e vivências do(as) educandos(as) que descobrem a importância de estudar História dentro de um processo de aprendizagem que envolve a metodologia de fazer seus próprios filmes. E consecutivamente percebem que são protagonistas de sua própria História.

Protagonistas: Maria Diair, Néia, Marlene, Jhonatan, Jorge, Maria Augusta, César.

Música: João Paulo Martins Nogueira
Edição: Henrique Ribeiro da Silva

Área de Concentração: Ensino de História
Linha de Pesquisa: Linguagens e Narrativas; **Produção e Difusão**
Orientadora: Dra. Divania Luiza Rodrigues
Orientanda: Maria José Santos

L

Livre para todos os públicos

Duração: 21min 26seg
Ano: 2023
Cidade: Campo Mourão - Paraná

Fonte: Acervo pessoal.

Outras informações importantes sobre o filme incluem que as narrativas foram contadas durante o segundo semestre de 2024, tendo como protagonistas os(as) educandos(as) da Educação de Jovens e Adultos. A estreia ocorreu no dia 11 de dezembro na Escola Municipal Urupês. O curta-metragem, vinculado à disciplina de História dos anos iniciais da EJA, possui legenda e tem duração de 23 minutos e 16 segundos, apresentando experiências e histórias de vida dos(as) estudantes. O filme está disponível no Google Drive por meio de um link ou QR code mencionado na presente pesquisa, facilitando o acesso ao público interessado.

3.4 Organização e exibição do filme

A organização da cerimônia para a exibição do filme dos estudantes ocorreu na mesma noite do encerramento do ano letivo. Geralmente, na Educação de Jovens e Adultos, as festividades de fim de ano incluem um jantar especial e uma brincadeira pedagógica. No

entanto, em 2024, a celebração foi planejada de forma diferente. Optamos por organizar uma cerimônia de formatura diretamente na escola.

Na Escola Municipal Urupês, a noite foi repleta de primeiras vezes, destacando a importância do Ensino de História no ambiente escolar. Os(as) educandos(as) que concluíram seus estudos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, EJA, participaram de um evento cuidadosamente planejado, que incluiu uma solenidade com uma mesa composta pela diretora, a diretora auxiliar, coordenadoras municipais da Educação de Jovens e Adultos, e a convidada especial, a orientadora da pesquisa, professora Dra. Divania Luiza Rodrigues.

Na imagem 14, é mostrada a solenidade do canto do Hino Nacional, onde as educandas seguram a Bandeira do Brasil. Na sequência, houve a entrega das declarações de conclusão do Ensino Fundamental dos anos iniciais, lembrancinhas festivas para todos(as) os(as) discentes e a apresentação de seu filme.

Imagem 14 - Canto do Hino Nacional



Fonte: Acervo pessoal.

A sala de aula, para os(as) educandos(as) da EJA, tem um valor especial. É um lugar de encontro com o conhecimento, aconchego, amizade, sonhos e realizações. Durante o período letivo, descobrimos que os(as) estudantes adoravam e achavam lindo o tapete vermelho nos eventos. Merecidamente, o ambiente foi preparado para a ocasião, e o tapete vermelho estava lá, esperando por eles(as).

Imagem 15 - Local preparado para receber os(as) educandos(as)



Fonte: Acervo pessoal.

Na imagem 15 a seguir, todos os presentes assistindo ao filme “Ensino de História: Histórias de Vidas, Cinema e Processos de Criação em Vídeos Documentários com Educandos(as) dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA)”.

Estudantes e professores(as) da Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de convidados, estavam presentes para assistir ao filme criado pelos(as) educandos(as). Essa exibição foi um momento especial, onde todos puderam apreciar não apenas o resultado do trabalho coletivo, mas também as histórias e experiências que foram retratadas de forma criativa e significativa.

Imagem 16 - Estudantes e Professores (as) da EJA e convidados assistindo ao filme



Fonte: Acervo pessoal.

Para a apreciação do filme produzido com os(as) educandos da EJA, convidamos o leitor a acessar o canal do Youtube pelo link: <https://www.youtube.com/@MariaeDivania-q7g> ou pelo *QR Code* abaixo. Esperamos que essa experiência inspire e reflita a jornada de cada um(a) dos(a) alunos(a) participantes.



Em relação à análise das aprendizagens dos(as) estudantes da EJA, e considerando as questões que nos propusemos a refletir durante as implementações com a turma, levantamos as seguintes indagações:

- Os objetivos específicos e gerais foram alcançados?
- Todos(as) os(as) discentes conseguiram aprender e valorizar suas histórias?
- Perceberam a importância que a própria história traz no âmbito familiar e social?
- O cinema, como forma de arte, contribuiu para a aprendizagem dos(as) educandos(as) no ensino de História?

- Os jovens e adultos conseguiram superar o sentimento de invisibilidade, atingindo um nível maior de autovalorização?
- Aprenderam sobre História por meio do cinema?
- Identificam-se como protagonistas em suas narrativas?

Essas questões norteadoras conduziram nosso trabalho pedagógico de forma contínua e progressiva. E a resposta para cada uma dessas indagações é um enfático sim. A aprendizagem no Ensino de História foi, de fato, um processo contínuo e enriquecedor na sala de aula. As experiências vivenciadas ajudaram os alunos a se reconhecerem e a valorizarem suas histórias, promovendo um ambiente em que cada um pôde se sentir visto e capaz de contribuir com sua própria narrativa.

Uma educanda, que anteriormente não gostava de assistir a filmes, se emocionou ao ver sua história sendo contada por meio de sua criação artística. Inicialmente, ela alegou que não tinha interesse em ir ao cinema, mas ficou extremamente feliz ao assistir ao filme que retratava não apenas sua própria vivência, mas também a de seus colegas. Esse momento se tornou uma experiência transformadora, mostrando o poder do cinema para tocar memórias e valorizar histórias de vida.

É importante compartilharmos um depoimento de aprendizagem no ensino de História realizado pela Dona Maria Augusta. Suas palavras transmitem a emoção do aprender. Para acessar o depoimento, você pode escanear o *QR Code* ou seguir o link a seguir: <https://drive.google.com/file/d/1VIRLmy5KDMRMyGwOAODSntSmA7YQmkKU/view?usp=sharing>



Nesse percurso, foi necessário desconstruir saberes comuns e fatos que impediam os(as) educandos(as) de perceberem a importância do Ensino de História. No entanto, quando começaram a entender, progrediram e atingiram os objetivos desta pesquisa, indo além do esperado.

3.5 Relato dos estudantes da EJA após assistir ao filme completo

Neste texto, relatamos os depoimentos dos educandos da EJA após assistirem ao filme no dia da formatura. Os estudantes compartilharam a emoção que sentiram ao ver seu filme projetado na tela, um momento que se tornou um marco de orgulho e realização. Dada a importância desse momento, também destacamos os sentimentos e expressões dos alunos em relação à música. Essa experiência evidenciou o impacto positivo do projeto na autoestima e no reconhecimento de suas histórias de vida. A seguir, apresentamos alguns depoimentos recolhidos pela pesquisadora.

3.5.1 *Impressões a respeito do filme e da música: Dona Diair*

Quando assistiu à sua história sendo projetada na tela durante a formatura da Educação de Jovens e Adultos (EJA), ela afirmou que o choro veio carregado de emoção e gratidão, pois conseguiu compreender o quanto o ensino de História é valioso para todos. Dona Diair também nos contou que o cinema tem o poder de emocionar e ensinar ao mesmo tempo.

No link a seguir, podemos ouvir a música composta para a Dona Diair pelo João Paulo, além de conferir a letra: https://drive.google.com/file/d/1_rZhC-b-rtFEAfj_OVRT9yGa5gJoia9F/view?usp=sharing

Muita coisa eu aprendi mesmo longe da escola,
pois parte dela existia em mim.
O tricô e o crochê
que eu levo a tanto tempo
Ensinei do jeito que aprendi.
Aprendendo e ensinando e tentando outra vez.
Essa eu divido com vocês.
(Nogueira, 2024)

Dona Diair ficou muito emocionada ao ouvir sua música e expressou sua gratidão pelo carinho recebido. Ela comentou que se ver representada na canção, com seu amor pelo crochê e pelo tricô, foi uma experiência indescritível.

3.5.2 *Impressões a respeito do filme e da música: Néia*

Néia tem uma profunda admiração pela mãe e, durante as conversas em sala, frequentemente relembrava momentos marcantes entre elas. Ela mencionou que o Coelho será transmitido para os filhos com muito amor. No link a seguir, podemos ouvir a música composta para a Néia pelo aluno João Paulo, além de conferir a letra: https://drive.google.com/file/d/1woWjJrQqBnqRv7ZY_IT6XYIIIO1WcILfu/view?usp=sharing

E um coelho de pelúcia, o que pode contar?
Que meu pai amava minha mãe.
E de tudo que vivemos
o que vou lembrar?
Vou lembrar do quanto amar faz bem.
Muito mais do que um presente
a reafirmação
vou guardar vocês no coração.
(Nogueira, 2024)

Por motivos de saúde, Néia não compareceu no dia da exibição do filme e, posteriormente, mudou-se de casa sem informar o novo endereço. Assim, ela não assistiu ao filme finalizado e não teve a oportunidade de conhecer sua música. Néia foi promovida para o sexto ano dos anos finais, mas não conseguimos encontrar sua matrícula ativa, o que dificultou seu rastreamento.

3.5.3 *Impressões a respeito do filme e da música: Jhonatan*

Jhonatan expressou entusiasmo ao assistir ao filme que produziu no âmbito do projeto, afirmando: “foi muito legal ver os bichinhos no meu filme, eles existirão para sempre” (Jhonatan, 2024). Relatou que sua mãe optou por não aparecer nas imagens, mas destacou que, ainda assim, ela “estará sempre em seu filme”. Ressaltou, com satisfação, que a parte em que sua mãe lhe faz perguntas sobre os bichinhos não foi excluída da edição final, enfatizando que sua voz, junto com a dele e com a presença dos bichinhos de pelúcia, permanecerá registrada “por toda a vida” no filme da EJA.

Jhonatan achou a canção engraçada e legal, afirmando que ela resumiu tudo o que ele gravou no filme. A seguir, no link, podemos ouvir a música composta para Jhonatan pelo aluno João Paulo, além de conferir a letra:

<https://drive.google.com/file/d/19KD1UX8jIXATLpL0f9Kj4-vO9wGFgkF/view?usp=sharing>

E se eu te dissesse que bem antes de nascer
 Eles já esperavam por mim
 Sei que o Luck, o Jacaré e o Cachorrinho
 Vão estar comigo até o fim
 De pelúcia o meu amor tem
 Tem gosto de infância.
 É o amor que trago na lembrança.
 (Nogueira, 2024)

3.5.4 *Impressões a respeito do filme e da música: Sr. Jorge*

Em relação ao vídeo documentário, o Sr. Jorge relatou ter se emocionado profundamente ao assistir à obra. Ver representado, em formato audiovisual, o relógio - objeto de maior valor simbólico para ele - foi descrito como uma experiência comovente e, segundo suas palavras, “inacreditável”. O registro do objeto no filme não apenas reafirmou sua importância afetiva, mas também conferiu visibilidade e permanência à sua memória familiar no contexto da EJA.

A seguir, no link, podemos ouvir a música composta para Jorge pelo aluno e compositor João Paulo, além de conferir a letra. Ao ouvir sua música, Jorge comentou que a sensação foi maravilhosa.

<https://drive.google.com/file/d/1ONrLGtdwKFZD4S8d8WEVRflqGjudlCx/view?usp=sharing>

Esse é o mesmo ponteiro
 que te viu passar
 E agora quem o vê sou eu
 Mesmo que algum dia
 eu queira te ver voltar
 Agradeço o tempo que me deu
 E se te preocupas que as horas vão fazer
 Me levam para perto de você.
 (Nogueira, 2023)

O discente disse que foi o maior presente que poderia ter recebido e “que o filme e a música se casaram nas memórias”(Jorge, 2024). Concluiu com “Eu sou o artista do cinema que fez meu próprio filme e esse filme se eternizou” (idem).

3.5.5 *Impressões a respeito do filme e da música: Dona Marlene*

Dona Marlene sempre demonstrou um cuidado especial com seu material escolar, especialmente com seu caderno. A música composta por João Paulo traduz todo esse cuidado. Podemos conferir a canção e a letra a seguir.

<https://drive.google.com/file/d/18UV9MtYQd9jmSai4M5hGZpCEImZMco4u/view?usp=sharing>

Quando eu vejo as letras
suas frases e sentidos
sinto que estou aprendendo bem.
A emoção de uma palavra,
um quadro de aviso sinto que ainda
há muito aprender
Meu caderno é prova de minha determinação
Nenhum dia meu
será em vão.
(Nogueira, 2024)

Ela comentou nas rodas de conversa que continuará a estudar na EJA em 2025, comprometendo-se a aprender cada dia mais.

Dona Marlene não pôde comparecer à exibição do filme em razão de estar hospitalizada no período da apresentação. Em reconhecimento à importância de sua participação no projeto, a pesquisadora pretende convidá-la para assistir ao documentário no dia da defesa da pesquisa. Caso sua presença não seja possível nessa ocasião, a pesquisadora compromete-se a solicitar autorização à direção da instituição para exibir o filme na Escola Urupês, assegurando que Dona Marlene tenha acesso à obra da qual participou e que valoriza sua trajetória na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

3.5.6 *Impressões a respeito do filme e da música: Dona Augusta*

Maria Augusta comentou que assistir ao seu filme durante a formatura da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a emocionou profundamente. Ela afirmou que essa experiência representou um grande aprendizado, marcando sua vida ao descobrir o significado de ser protagonista de sua própria história e ao valorizar o ensino de História. Ao concluir, ela expressou que se sentiu uma estrela protagonista ao ver seu filme junto aos colegas da sala, afirmando: “Viu, pessoal? Somos artistas que fazemos filme” (Dona Augusta, 2024).

Dona Augusta compartilhou que tudo que vivenciou no Ensino de História foi emoção pura. Podemos conferir um pouco dessa emoção ouvindo a canção e lendo a letra que foi criada especialmente para ela. <https://drive.google.com/file/d/1wy-ZGVH6kOuiX8CX-FgdVIHyvhwIEjS3/view?usp=sharing>

Veja bem o violão
que lembra quem eu sou
Lembra de um sonho na minha lista
Se eu quero
eu posso eu sei
que faço acontecer
na minha vida eu sou protagonista
Sei do meu esforço
Eu tenho tanta dedicação
canto sonho em voz e violão.
(Nogueira, 2023)

Ela continuou dizendo que o músico incluiu sua palavra preferida na música que aprendeu no Ensino de História: protagonista.

3.5.7 Impressões a respeito do filme e da música: Sr. Cezar

O Senhor Cezar sente muito orgulho do seu trabalho, e ao vermos seu filme, podemos perceber o quanto ele se dedica a cuidar do ambiente. Podemos conferir esse capricho e cuidado na emoção transmitida na música e na letra criadas exclusivamente para ele. https://drive.google.com/file/d/1sfLCTIVK2X_gQq8I6jRA9CjA2xJ8pi2E/view?usp=sharing

Vê que a folha em branco
vira o palco de um artista
meu trabalho vira uma mensagem.
Quando admirasse pela vista tão bonita
Lembra que eu cuidei da paisagem
E no fim do dia se pude parar pra ver
a paisagem feita por você.
(Nogueira, 2024)

Devido a motivos pessoais, o Sr. Cezar esteve ausente da escola nas duas últimas semanas e, por esse motivo, não participou das atividades finais do projeto. No entanto, será convidado a assistir ao filme no dia da defesa da orientanda. Caso não seja possível sua presença nessa ocasião, a professora pesquisadora compromete-se a exibir a obra

cinematográfica em outro momento, durante o horário da disciplina de História, assegurando sua participação e acesso ao conteúdo desenvolvido.

3.6 Sugestões ao leitor para novas implementações tomando como referência o trabalho inicial proposto na dissertação

Diante das experiências realizadas por nós durante as implementações da pesquisa, sentimos o desejo de compartilhar novas propostas com os(as) professores(as) que vierem a ler esta dissertação. Apresentamos algumas ações que consideramos viáveis, mas que não conseguimos implementar em nossa prática. Assim, deixamos essas sugestões de novas implementações para o leitor.

Considerando que a disciplina de História na EJA tem uma carga horária de 60 minutos por semana, o que limita o trabalho com conteúdos por meio de metodologias significativas que demandam mais tempo, é essencial que o ensino de História dialogue de forma interdisciplinar com outras disciplinas, sempre mantendo o foco na aprendizagem da História.

Seguem algumas propostas:

- a. Análise, leitura e interpretação dos filmes criados pelos(as) educandos(as): É importante iniciar esse processo no primeiro trimestre do ano letivo, pois a criação de filmes exige tempo. Nesse contexto, o ensino de História pode dialogar com diversas disciplinas simultaneamente.
- b. Reescrita da sinopse dos filmes: Os(as) educandos(as) podem reescrever as sinopses de seus próprios filmes ou de outras produções já existentes, promovendo um diálogo com a Língua Portuguesa.
- c. Implementação pedagógica dos filmes criados pelos(as) estudantes: Esses filmes podem abordar temas sensíveis e outros tópicos conforme a proposta de trabalho, envolvendo várias disciplinas.
- d. Criação artística: Os(as) educandos(as) podem produzir desenhos que reflitam suas vivências, sonhos e histórias, integrando a Arte ao processo educativo.
- e. Visualização em mapas e globos terrestres: Promover reflexões como: Qual é a história dessa cidade, estado, país? Qual a importância do mapa no ensino de História? Onde estamos, de onde viemos e para onde vamos? Qual é a minha história? Neste tópico, o ensino de História pode dialogar com a Geografia.

f. Trabalhar operações básicas nos anos iniciais usando datas: Comparar a situação atual com períodos passados, utilizando dados históricos e referências de filmes. Por exemplo: discutir como era a história, a sociedade, a população e a cultura local há 30, 60 ou 100 anos. Isso permite um diálogo com a Matemática.

Esperamos que essas sugestões possam inspirar novas ações. Apresentamos essas ideias que consideramos viáveis, mas que não conseguimos implementar em nossa prática. Assim, deixamos essas propostas de novas implementações para o leitor, na esperança de que possam ser realizadas e contribuir para um ensino de História ainda mais enriquecedor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever as “Considerações Finais” da presente dissertação, iniciamos refletindo sobre a própria formação e trajetória como professora. Construir conhecimento após vinte e sete anos de formada no ensino superior trouxe alguns desafios, pois o tempo avançou significativamente e o campo universitário também se transformou. Quando chegou o momento da conclusão do curso superior, os trabalhos acadêmicos eram datilografados em máquinas manuais ou elétricas. Livros precisavam ser comprados, já que não havia acesso à tecnologia de hoje, como a internet, livros em PDF e trabalhos acadêmicos disponíveis online. Naquela época, as salas de aula eram equipadas com quadros verdes, nos quais escrevíamos com giz branco ou colorido. O problema era que esse giz liberava fuligem, prejudicial aos pulmões, e o apagador ficava incrustado com esse pó.

Pensando nesse aspecto, levantamos a reflexão: “se os tempos mudam, por que não mudar as metodologias pedagógicas tradicionais?” Ao longo dos 49 anos em Campo Mourão, professora há 20 anos, 12 deles foram dedicados à Educação de Jovens e Adultos. Nesse percurso, a educação sempre foi prioridade, sem descuidar da família. O tempo passou, mas a vontade de aprimorar as práticas e de reaprender novas teorias nunca deixou de existir.

A experiência no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), realizado na cidade de Campo Mourão, foi sensacional e extremamente valiosa. No ProfHistória, tivemos acesso a estudos científicos, disciplinas voltadas para o ensino de História, seminários e a oportunidade de apresentar trabalhos em congressos. Também foi possível interagir com pessoas de diferentes culturas, incluindo professores de Angola e representantes de comunidades indígenas. Diversas disciplinas chamaram a atenção, mas uma em especial: “Ensino de História e Cinema”.

Alguns dias se passaram e precisávamos escolher a turma para desenvolver nossa pesquisa. A dúvida se dissipou ao percebermos que nossos estudantes da EJA não compreendiam a importância do ensino de História e não se viam como protagonistas de sua própria história. Assim, surgiu a problematização: “Como o cinema, como forma de arte, poderia contribuir para a aprendizagem e o ensino de História dos educandos dos anos iniciais do Ensino Fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal Urupês, de Campo Mourão - PR?”

Diante dessa questão, continuamos nossas pesquisas, estudos, orientações e a construção do conhecimento junto aos estudantes. Observamos um público que evidenciava desigualdades educacionais e a urgência de (re)pensar nossa prática docente na disciplina de História. O objetivo era que esses sujeitos compreendessem a relevância do ensino de História em suas vidas, permitindo que a aprendizagem se tornasse verdadeiramente significativa.

Dessa forma, a presente pesquisa teve como objetivo principal “ensinar História e valorizar as histórias de vida dos educandos dos anos iniciais da Educação de Jovens e Adultos por meio do cinema e da criação de vídeos documentários”. No ensino de História, utilizamos o cinema como ferramenta pedagógica e forma de Arte, que auxiliou diretamente na aprendizagem escolar por meio de análises fílmicas e das produções cinematográficas realizadas pelos estudantes da EJA.

Para responder à nossa problematização, estabelecemos objetivos e organizamos este trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo abordamos o ensino de História, o cinema e a Educação de Jovens e Adultos, apresentando um breve histórico da escola Urupês, sua localização e estrutura, além de uma introdução aos educandos da EJA nos anos iniciais em Campo Mourão, destacando o cinema como forma de arte na escola.

No segundo capítulo, dedicamos à apresentação e análise dos filmes “A chegada do trem na estação”, dos irmãos Lumière, e “Onde fica a casa do meu amigo?”, de Abbas Kiarostami. Nessa parte, também são apresentadas as biografias e histórias de vida dos estudantes, utilizando os “objetos geradores” como ponto de partida para as suas narrativas (Ramos, 2016).

No terceiro capítulo, relatamos a experiência de fazer cinema na escola (Bergala, 2008; Fresquet, 2020), tendo os próprios discentes da EJA como protagonistas. Nesse capítulo, utilizamos os celulares dos educandos para gravar os filmes, garantindo que a metodologia empregada integrasse o cinema à aprendizagem da disciplina de História de maneira inovadora e inédita.

Sobre os filmes escolhidos para a implementação, “A chegada do trem na estação” foi o primeiro selecionado pela pesquisadora por ser uma obra de apenas um minuto, gravada com a câmera parada, que retrata o cotidiano da época ao mostrar pessoas transitando em uma estação de trem. Essa filmagem permitiu um paralelo reflexivo acerca das mudanças sociais entre o final do século XIX e os dias atuais.

Dessa forma, conseguimos atingir o objetivo de ensinar História e desenvolver uma percepção crítica sobre a importância de um minuto em nossas vidas, demonstrando como um breve momento pode ser eternizado por meio de uma produção filmica.

Na escolha do segundo filme, a orientadora sugeriu diversas opções, tanto brasileiras quanto estrangeiras, permitindo à pesquisadora a liberdade de seleção. Após assistir a várias produções, optamos por “Onde fica a casa do meu amigo?”, pois o filme apresenta vivências que se assemelham à realidade da Educação de Jovens e Adultos e aborda conceitos implícitos sobre o certo e o errado. Isso provocou reflexões como “O que é certo e errado?” e “Uma criança, por ser criança, não deve ser ouvida com importância?”. Essas indagações ressoam na infância dos estudantes da EJA e contêm narrativas significativas que refletem experiências humanas sob a perspectiva sensível de uma criança.

Na parte reflexiva, especialmente em relação ao segundo filme, os(as) discentes conseguiram entender a trama, mesmo sem saber ler as legendas ou compreender completamente a linguagem oral do filme. Eles perceberam os mecanismos audiovisuais e acompanharam a emocionante história de uma criança protagonista que valoriza a amizade e age de acordo com o que considera certo.

A escolha de ambos os filmes foi intencional. Em ambas as obras, foi possível observar que os locais realmente existem. Ao assistirmos aos dois filmes, compreendemos que aquelas pessoas e lugares foram eternizados por meio de suas narrativas cinematográficas.

Após os(as) educandos(as) assistirem aos filmes e participarem de análises, discussões e reflexões dialógicas da pesquisa, mais um objetivo foi alcançado: a construção do conhecimento sobre a importância de bons filmes, que merecem atenção, pois por meio deles é possível aprender História.

No terceiro capítulo, foi criado um vídeo documentário a partir dos filmes produzidos pelos(as) educandos(as). A proposta consistia em que escolhessem um objeto de sua preferência, seja ele antigo ou não, e contassem a história desse objeto. Os(as) discentes deveriam refletir sobre a ligação que possuíam com o item, desde quando o tinham e qual valor ele representava em suas vidas.

O tempo estabelecido para os discentes produzirem o vídeo variou de um a três minutos, e o meio de gravação utilizado pôde ser o próprio celular ou qualquer outro dispositivo tecnológico que o(a) educando(a) possuísse. O resultado foi a reunião de todos os vídeos criados pelos(as) educandos(as), que foram entregues à professora pesquisadora para edição e inclusão da trilha sonora.

Considerando os caminhos da pesquisa, podemos afirmar que vivenciamos uma experiência formativa em que o ensino de História, aliado ao cinema, possibilitou a aprendizagem de temas sensíveis e a compreensão do protagonismo das próprias narrativas. Os(as) discentes puderam vivenciar o cinema dentro da disciplina de História, permitindo a revelação do “ser invisível” relacionado a uma “história menor” (Pereira, 2017), para um sujeito que reconhece sua importância nas histórias de suas vivências.

Como professora da EJA, foi possível perceber que o processo educativo no Ensino de História trouxe à tona muitos sentimentos. Dois aspectos positivos que se destacaram foram a emoção e a alegria, tanto por ter ensinado quanto por ter aprendido com os(as) estudantes. Houve momentos em que a pesquisadora aprendeu mais do que ensinou. O medo também esteve presente diante dos obstáculos que surgiam, mas esse sentimento se dissipava à medida que encontrávamos soluções.

Ser discente no ProfHistória foi uma experiência de aprendizado profundo, em que compreendemos que a História contextualiza, ensina, envolve, reflete, tece, considera e revela histórias menores, valorizando e respeitando as particularidades de cada indivíduo.

Há algum tempo, uma professora trouxe um questionamento, se todo o esforço e os estudos realizados durante o Mestrado ProfHistória valeram a pena, considerando as diversas adversidades enfrentadas até o dia 11 de dezembro de 2024, quando ocorreu a formatura e a exibição do filme produzido pela EJA. A resposta foi que valeu muito a pena, pois os obstáculos foram superados dia a dia, respeitando o seu próprio tempo.

Os filmes também contribuíram para a avaliação semestral, na qual foi atribuído um valor parcial de pontos àqueles que participaram de todo o processo metodológico e, ao final, gravaram e entregaram o filme à professora pesquisadora. Com exceção de uma estudante, todos os educandos receberam a nota máxima, sendo reconhecidos pelo mérito. Quanto à aluna que não gravou nem entregou o filme, mas participou das atividades reflexivas durante a roda de conversa, também recebeu pontos no semestre. É importante destacar que esse valor não prejudicou sua nota final semestral.

Colocando em dados, sobre a participação e reconstrução do conhecimento no ensino de História dos(as) educandos da EJA, uma educanda não escolheu o objeto para participar da criação do próprio filme, mas esteve presente nas análises dos filmes e aceitou o convite para ir ao cinema pela sua primeira vez. Comentou que gostou de conhecer o cinema e que iria mais vezes nem que fosse desacompanhada.

Um total de 85,80% dos estudantes participou desde o início da implementação do projeto até a finalização dos filmes documentários. Isso demonstrou que o resultado da pesquisa foi satisfatório e que os objetivos foram alcançados. Constatamos que, por meio das criações filmicas, não apenas sensibilizamos os alunos para o ensino de História, mas também promovemos um maior envolvimento com a aprendizagem e o reconhecimento da importância dessa disciplina na experiência de fazer cinema.

E os(as) educandos, como estão até esse momento? Dona Maria Augusta, Néia, Jorge e Jhonatan terminaram a última etapa da EJA e foram para o sexto ano dos anos finais. Dona Diair, dona Marlene, Sonia e senhor Cezar continuaram na Escola Urupês para terminar seus estudos. Acreditamos que para onde eles(as) forem, olharão o ensino de História de maneira diferente que no início do ano letivo de 2024.

Para trabalhar no ensino de História, a seleção de filmes foi muito importante e a recomendação nas literaturas é de que a escolha de filmes seja de interesse dos(as) educandos(as), mas e quando não apresentam interesse por filmes? E nunca assistiram a um bom filme? Sendo nosso caso com os(as) discentes da Educação de Jovens e Adultos, recomendamos que por meio de uma problemática consistente, trace objetivos e escolha uma metodologia que saia do ensino tradicional. No nosso caso e na concepção deles, o Cinema era somente para entreter e/ou perder tempo. Acreditamos que os(as) educandos(as) devem experimentar e conhecer o que não faz parte de suas vivências para poderem refletir e dialogar.

Dessa forma, no ensino de História, nosso(a) estudante da EJA foi direcionado a um mundo novo da linguagem audiovisual. E para que desse certo e atingissem os objetivos da referente pesquisa, tivemos que, inicialmente, dosar saberes e atividades propostas para que conseguissem se apropriar de conhecimentos aos poucos e, assim, diminuir a resistência pela metodologia que envolvia o cinema. Desta forma, saem do pertencimento de estudante como aprendiz passivo e se transformam no(a) educando(a) que ensinou e aprendeu ativamente fazendo cinema e tornando-se protagonista. E nessa compreensão, foi possível, com o ensino de História, garantir uma aprendizagem com valorização, havendo nesse momento a concretização do conhecimento com objetivos alcançados. Continuamente, esses sujeitos se perceberem estudando, aprendendo História e, ao mesmo tempo, contando a história nunca contada: suas histórias.

Quando chegou dezembro, após sete meses de trabalho intenso, foi gratificante perceber que os estudantes finalmente reconheceram a importância do Ensino de História em

suas vidas. Ouvir suas reflexões nas últimas conversas foi um momento de grande satisfação, despertando sentimentos inigualáveis, tanto como professora quanto como pesquisadora.

É importante salientar que utilizamos o poder do dialógico. “Em certo sentido, a pedagogia do diálogo contida na ‘palavra geradora’ pode servir de base para o trabalho com objetos geradores” (Ramos, 2026, p. 73). Através do processo de aprender fazendo, os estudantes passaram a valorizar o ensino de História e a explorar temas sensíveis, educacionais e históricos por meio de estudos reflexivos e da análise de produções fílmicas, vivenciando o ato de fazer cinema na escola. Esses momentos foram, sem dúvida, inesquecíveis para todos os educandos.

Assim sendo, com as teorias e práticas, as relações do conhecimento reverberaram, e a resistência dos discentes em aceitar o novo em sala de aula foi sendo gradativamente desconstruída, resultando em novas acepções de aprendizagem. Isso permitiu que o protagonismo emergisse em suas obras fílmicas, além de uma compreensão mais profunda da importância da disciplina de História e das narrativas de suas próprias vivências. Desta forma, espera-se que a presente pesquisa contribua de maneira significativa para outros(as) professores(as), potencializando o valor da construção histórica e criando interlocuções com os sujeitos envolvidos, pois entendemos que uma pesquisa não se faz sozinha.

REFERÊNCIAS

ABUD, K. M. **A construção de uma Didática da História:** algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. São Paulo, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/jMrYY4HDZR8RwmNsqrWx7hK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 fev. 2025.

ABUD, K. M. O ensino de História nos anos iniciais: como se pensa, como se faz. **Revista ANTÍTESES**, v. 5, n. 10, p. 555-565, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/14505/12123>. Acesso em: 26 fev. 2025.

A CHEGADA do trem na estação. Direção: Louis Lumière. Produção: Auguste Lumière e Louis Lumière. Intérpretes: Marcel Koehler; Jeanne-Joséphine Lumière; Madeleine Koehler; Mrs. Auguste Lumière; Rose Lumière; Suzanne Lumière. França, 1896. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Cine All. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CUgvS7i4TDg>. Acesso em: 14 abr. 2023

ARQUITETURA Divina: o surgimento da Catedral São José. Direção: Julia Quezia Nunes Boina; Maria Jose Santos. Campo Mourão: Unespar, 2023. Filme (06: 51 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Ytb9DA8xKM>>. Acesso em: 04 fev. 2025.

BAGGIO, E. T. **Documentário Filmes para salas de cinema com janelas**. Curitiba, PR: A Quadro, 2022. Coleção escrever o cinema. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/4610/1/Eduardo%20Tulio%20Baggio.pdf>. Acesso em: 14 maio. 2024.

BERGALA, A. **Abecedário de cinema**. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://cinead.org/wp-content/uploads/2021/03/Abeceda%CC%81rio-de-cinema-com-Alain-Bergala-traduzido-pt.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2024.

_____. **A hipótese-cinema:** pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução Mônica Costa Neto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

_____. Da epifania no cinema de Kiarostami e Rossellini. In: **Um filme, cem histórias:** Abbas Kiarostami. Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2016, p. 109-117.

_____. **Magnum cinema:** histórias de cinema pelos fotógrafos da Magnum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história:** fundamentos e métodos / Circe Maria Bittencourt. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção docência em formação. Séries ensino fundamental/ coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta).

BLOCH, M. **“A história, os homens e o tempo”**. In: Marc Bloch. *Apologia da história. Ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p.51-68.

BRASIL. **Lei nº 13.632, de 6 de março de 2018**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre educação e aprendizagem ao longo da vida, [2018]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13632.htm#:~:text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20jovens%20e,aprendizagem%20ao%20longo%20da%20vida. Acesso em: 03 out. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatório do 4º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação 2022**. Brasília, DF: Inep, 2022. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/plano_nacional_de_educacao/relatorio_do_quarto_ciclo_de_monitoramento_das_metas_do_plano_nacional_de_educacao.pdf. Acesso em: 4 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 4 out. 2023.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasileira, MEC/ SEF, 1997.

CAIMI, F. E. **O que precisa saber um professor de história? História & Ensino**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 105–124, 2015. DOI: 10.5433/2238-3018.2015v21n2p105. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/23853>. Acesso em: 19 maio 2024.

CAMPO MOURÃO. Prefeitura Municipal de Campo Mourão. **Plano Diretor Municipal**. Campo Mourão, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-localizacao-da-area-de-estudo-no-espaco-urbano-de-Campo-Mourao-PR_fig1_305319201. Acesso em 10 dez. 2024.

CAMPO MOURÃO. **Proposta Pedagógica Curricular da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Urupês**. Campo Mourão-PR: Secretaria Municipal de Educação, 2020.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plataforma Sucupira**. Versão Beta. 2014. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 21 mar. 2023

CERRI, L. F. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CINE ALL. A chegada do Trem na Estação. **YouTube**, Direção: Louis Lumière, Auguste Lumière. Youtube. 17 fev. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CUgVST7i4TDg>. Acesso em: 14 abr. 2023.

CONRECATO Estilo Islâmico. Onde Fica a Casa do Meu Amigo? **Youtube**, 4 dez. 2012. Direção: Abbas Kiarostami. Youtube. 1997. Duração: 1h 23m. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EstZtXbcZHA>. Acesso em: 04 out. 2023.

ENSINO de História: Histórias de vidas, cinema e processos de criação em vídeos documentários com educandos(as) das séries iniciais do Ensino Fundamental da modalidade Educação de Jovens e Adultos. Produção: Maria José Santos. Intérpretes: Discentes da EJA da Escola Municipal Urupês. Roteiro: Maria José Santos. Música: João Paulo Martins Nogueira. 2024, (23 min). Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/13V-wJ2S2XaBFLcbFiMGSKkVroaHyZbvP>. Acesso em: 6 mar. 2025.

ENSINO de História: Histórias de vidas, cinema e processos de criação em vídeos documentários com educandos(as) das séries iniciais do Ensino Fundamental da modalidade Educação de Jovens e Adultos: Trilha sonora original da produção fílmica. Campo Mourão, 2024, (23 min). Intérprete: João Paulo Martins Nogueira. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/13V-wJ2S2XaBFLcbFiMGSKkVroaHyZbvP>.

FONSECA, S. G. **Didática e prática de ensino de história**: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papirus, 2003 (Coleção Magistério e Trabalho Pedagógico).

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, P. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FRESQUET, A. **Cinema e educação**: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GOOGLE MAPS. [Localização da Escola Municipal Urupês. 2025. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/c3p9dp8TFqrPndx18>. Acesso em: 15 jan. 2025.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE. 2022.

KIAROSTAMI, A. **Nuvens de Algodão**. Tradução e Organização Pedro Fonseca. Belo Horizonte/Veneza: Âyiné, 2018.

MULVEY, L. Abbas Kiarostami: cinema de incerteza, cinema de atraso. In: **Um filme, cem histórias**: Abbas Kiarostami. Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2016, p. 141-160.

NINEY, F. Durante o filme a vida continua ... In: **Um filme, cem histórias**: Abbas Kiarostami. Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2016, p. 129-139.

NORTON, M.; FRESQUET, A. Entrevista com Adriana Fresquet. **Revista Poiésis**, [S. l.], v. 13, n. 19, p. 63-73, 1 out. 2018.

ONDE fica a casa do meu amigo? Direção: Abbas Kiarostami. Produção: Alireza Zarrin. Intérpretes: Babek Ahmed Poor; Ahmed Ahmed Poor; Kheda Barech Defai; Iran Outari; Ait Ansari; Sadika Taohidi; Biman Mouali. Roteiro: Abbas Kiarostami. Música: mine Allah Hessine. Lume Filmes, 1987. 1 DVD (83 min), widescreen, color.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba: Secretaria do Estado da educação – SEED, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_eja.pdf. Acesso em: 20 abr. 2024.

PENAFRIA, M. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). In: Congresso SOPCOM, 4., abr. 2009, [s. l.]. **Anais eletrônico...** Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/texts/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.

_____. **Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo**, 1999. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.pdf>. Acesso em 20 abr. 2024.

RAMOS, F. R. L. OBJETO GERADOR: Considerações sobre o museu e a cultura material no ensino de história. **Revista Historiar**, [S. l.], v. 8, n. 14, 2016. Disponível em: <http://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/234>. Acesso em: 15 maio 2023.

RAMOS, F. P. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

SEPEHRI, Sohrab. Endereço. Tradução de Nasrin Haddad Battaglia. In: KIAROSTAMI, Abbas. **Abbas Kiarostami: duas ou três coisas que sei de mim**. São Paulo: Cosac Naify; Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, 2004. p. 220.

REFLEXÃO. In: **MICHAELIS**, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/reflexao#:~:text=Dicion%C3%A1rio%20Brasileiro%20da%20L%C3%ADngua%20Portuguesa&text=1%20A%C3%A7%C3%A3o%20ou%20efeito%20de,como%20objeto%20seu%20pr%C3%B3prio%20ato>. Acesso em: 15 jun. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ. Conselho Universitário. **Resolução nº 005/2016, de 15 de maio de 2016**. Aprova adequações no Regimento Geral da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR e altera os anexos das Resoluções 003/2014 e 014/2014 – Reitoria/Unespar. Paranavaí: Conselho Universitário, 2016. Disponível em: https://www.unespar.edu.br/a_reitoria/atos-oficiais/cou-1/resolucoes/2016/resolucao-005-2016-cou.pdf/@download/file/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20005-2016-COU.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

Vega, A. **Caderno de Alicia**. Vol. II. Rio de Janeiro: Cinema e Educações, 2023. 184 p.

APÊNDICE

Roteiro do vídeo documentário produzido com os(as) educandos(as) da EJA

Título original: ENSINO DE HISTÓRIA: HISTÓRIAS DE VIDAS, CINEMA E PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM VÍDEOS DOCUMENTÁRIOS COM EDUCANDOS(AS) DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Orientadora: Professora Dr^a Divania Luiza Rodrigues

Orientanda: Maria José Santos

Curso: Mestrado Profissional no Ensino de História - ProfHistória/2023

Local: UNESPAR/Campo Mourão – PR

Público-alvo: Classificação livre, estudantes, professores, pais e interessados pela temática

Acessibilidade: por meio de QR code e link específico.



https://drive.google.com/drive/folders/13V-wJ2S2XaBFLcbFiMGSKkVroaHyZbvP?usp=drive_link

País: Brasil

Ano: 2024

Duração: 23 minutos e 16 segundos. (com legenda)

23 minutos e 24 segundos. (sem legenda)

Produção: Maria José Santos

Edição: Henrique Ribeiro da Silva

Música: João Paulo Martins Nogueira

ROTEIRO

Cada personagem, em seu filme, apresenta particularidades sobre o objeto biográfico gerador escolhido. Narrativas livres, mas com a proposta de contar ao espectador:

- Qual objeto escolhido;
- A importância do objeto;
- Desde quando o objeto faz parte de sua vida. (Tempo e espaço);
- Rememorações;
- Informações e suas particularidades com o objeto.

ABERTURA DO FILME (ANTES DAS CENAS)

1. Tela preta. Nome do filme. O filme. Transição: música referente ao filme de cada educando(a) entre as trocas de histórias.

CENA 01

CASA DA DONA MARIA DIAIR – SALA - TARDE

Objeto biográfico/gerador: O Crochê e o Tricô

Especificidade: escolheu mostrar os objetos que fazem parte do seu trabalho e dedicação.

Transição

CENA 02

CASA DA NÉIA – SOFÁ - TARDE

Objeto biográfico/gerador: O Urso

Especificidades: Educanda optou por não aparecer no vídeo.

Transição

CENA 03

CASA DO JORGE - SALA – MANHÃ

Objeto biográfico/gerador: Relógio.

Especificidades: usa constantemente o objeto.

Transição

CENA 04

CASA DE JONATHAN – NA SALA - TARDE

Objetos biográficos/geradores: Luck, o Jacaré e o Cachorrinho.

Especificidades: quer fazer em casa com a mãe filmando.

Transição

MARLENE - NA ESCOLA – NOITE

Objeto biográfico/gerador: O caderno

Especificidades: Precisa de ajuda para gravar.

Transição

CENA 06

MARIA AUGUSTA – NA ESCOLA– NOITE

Objeto biográfico/gerador: O Violão

Especificidades: Quer fazer o vídeo na escola.

Transição

CENA 07

CESAR – NA SALA – MANHÃ

Objeto biográfico/gerador: Instrumentos de trabalho

Especificidades: nada.

Transição

CENA 08

SONIA – NA SALA – MANHÃ

Objeto biográfico/gerador: não quis escolher objeto.

Especificidades: optou por não realizar o filme.

Encerramento.

Agradecimentos.